

A ASSOMBRAÇÃO DA CASA DA COLINA

SHIRLEY JACKSON



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

SHIRLEY JACKSON

(1916-1965)

A Assombração da Casa da Colina

Título original americano

THE HAUNTING OF HILL HOUSE

1959

Tradução

EDNA JANSEN DE MELLO

Editora Francisco Alves

Coleção Mestres do Horror e da Fantasia

1983

Sinopse

Conta a expedição organizada por Dr. Montague para comprovar a existência de eventos sobrenaturais em uma casa amaldiçoada, construída por Hugh Crane, um milionário excêntrico. Após muita insistência por parte de Montague, a atual dona da casa permite a expedição, desde que o futuro herdeiro (seu sobrinho Luke) faça parte dela.

Após diversas pesquisas, ele escolhe quatro pessoas com prováveis envolvimento em eventos paranormais e, entre elas, apenas duas realmente comparecem a Hill House: Theodora, que supostamente tem percepção extrassensorial, e Eleanor Vance, solteirona que passou praticamente toda a juventude cuidando da mãe doente e agora vive com a irmã e o cunhado. Na infância de Eleanor, ocorreu um curioso incidente: choveram pedras durante vários dias sobre sua casa.

A mansão tem portas que nunca permanecem abertas e salas com ângulos totalmente estranhos; e também uma criada que nunca permanece lá após o escurecer. Uma aura de mistérios e tragédias envolve suas paredes e quartos obscuros. A casa começa a enviar sinais, que no início atingem a todos e depois se tornam mais específicos e se direcionam a Eleanor.

Dedicado a

Leonard Brow

I

NENHUM ORGANISMO vivo pode existir com sanidade por longo tempo em condições de realidade absoluta; até as cotovias e os gafanhotos, pelo que alguns dizem, sonham. A Casa da Colina nada sã, erguia-se solitária em frente de suas colinas, agasalhando a escuridão em suas entranhas; existia há oitenta anos e provavelmente existiria por mais outros oitenta. Por dentro, as paredes continuavam eretas, os tijolos aderiam precisamente a seus vizinhos, os soalhos eram firmes e as portas se mantinham sensatamente fechadas; o silêncio cobria solidamente a madeira e a pedra da Casa da Colina, e o que por lá andasse, andava sozinho.

Dr. John Montague era doutor em filosofia; formara-se em antropologia, pensando obscuramente que nesse campo poderia se aproximar mais de sua verdadeira vocação, a análise de manifestações sobrenaturais. Era escrupuloso no uso de seu título porque já que suas investigações eram tão pouco científicas, esperava tomar emprestado um ar de respeitabilidade, e até mesmo de autoridade erudita, de sua educação formal. Custara-lhe muito, em dinheiro e em orgulho, pois não era homem de implorar, alugar a Casa da Colina por três meses, mas estava totalmente confiante que seria amplamente compensado por seus esforços pela sensação criada com a eventual publicação de seu trabalho decisivo sobre as causas e efeitos de distúrbios psíquicos em uma casa considerada "assombrada". Procurara uma casa genuinamente assombrada a vida inteira. Quando ouviu falar da Casa da Colina, a princípio ficou indeciso, depois esperançoso e depois ainda infatigável; não era homem para abrir mão da Casa da Colina uma vez tendo-a encontrado.

As intenções do Dr. Montague com relação à Casa da Colina procediam dos métodos dos intrépidos caçadores de fantasmas século dezenove; ia morar na Casa da Colina e ver o que acontecia. Sua intenção de início era seguir o exemplo da senhora anônima que foi morar na Mansão Ballechin e deu uma festa que durou o verão

inteiro para cépticos e crentes, com torneios de croqué e vigílias para observar fantasmas como atrações principais, mas cépticos, crentes e bons jogadores de croqué não se encontram facilmente hoje em dia; Dr. Montague foi forçado a contratar assistentes. Talvez a maneira descansada da vida vitoriana se prestasse melhor aos expedientes da investigação psíquica, ou talvez a minuciosa documentação de fenômenos não seja mais usada para determinar sua veracidade; seja como for, Dr. Montague não só teve de contratar assistentes, como de procurá-los.

Como se julgava uma pessoa cuidadosa e conscienciosa, gastou muito tempo procurando seus assistentes. Vasculhou os arquivos de sociedades psíquicas e de jornais sensacionais antigos, e relatórios de parapsicólogos, e compilou uma lista de nomes de pessoas que, de uma maneira ou de outra, em alguma ocasião, não importa quão sumária ou dubiamente, haviam sido envolvidas em eventos anormais. Dessa lista, eliminou primeiro nomes de pessoas que já haviam falecido. Depois de riscar os nomes dos que lhe pareceram estar em busca de publicidade, ter inteligência abaixo do normal, ou serem indesejáveis por mostrarem uma tendência a se tornarem o centro de atração, restou apenas uma dúzia de nomes. Cada uma dessas pessoas recebeu então uma carta do Dr. Montague convidando-a a passar parte ou todo o verão em uma confortável casa de campo, velha, mas perfeitamente bem-aparelhada com água corrente, eletricidade, aquecimento central e colchões limpos. O objetivo de sua estada, diziam claramente as cartas, era de observar e explorar as histórias desagradáveis que circulavam sobre a casa desde o início de sua existência. As cartas do Dr. Montague não diziam explicitamente que a Casa da Colina era assombrada, porque Dr. Montague era um homem de ciência e até ter a experiência pessoal de uma manifestação psíquica, na Casa da Colina não iria confiar demais na sorte. Consequentemente, suas cartas tinham uma certa dignidade ambígua calculada a despertar a imaginação de um leitor muito especial. O Dr. Montague recebeu quatro respostas a suas doze cartas, presumindo-se que os outros oito candidatos haviam se mudado sem deixar novo endereço, ou haviam perdido interesse no sobrenormal, ou talvez mesmo nunca houvessem

existido. Aos quatro que responderam, Dr. Montague escreveu novamente, marcando o dia em que a casa estaria oficialmente considerada pronta para ser ocupada e anexando instruções detalhadas para chegar até lá, já que, sentia-se forçado a explicar, era muito difícil conseguir informações de como chegar até a casa, especialmente na comunidade rural que a cercava. Na véspera de sua partida para a Casa da Colina, Dr. Montague foi persuadido a incluir em seu grupo seletivo um representante da família proprietária da casa, e chegou um telegrama de um de seus candidatos desistindo do convite com uma desculpa muito mal-arrumada. Outro candidato nem apareceu, nem escreveu, talvez por algum problema pessoal urgente que houvesse surgido. Os outros dois vieram.

2

ELEANOR VANCE tinha trinta e dois anos quando foi à Casa da Colina. A única pessoa no mundo que ela realmente odiava, agora que sua mãe morrera, era sua irmã. Não gostava do cunhado e da sobrinha de cinco anos, e não tinha amigos. Isso era devido em grande parte aos onze anos que passara tomando conta da mãe inválida e que a haviam deixado com alguma eficiência como enfermeira e a incapacidade de encarar a luz do sol sem piscar os olhos rapidamente. Não podia se lembrar de jamais ter sido feliz em sua vida adulta; os anos passados com a mãe haviam sido construídos devotadamente sobre pequenas culpas e pequenas recriminações, cansaço constante e desespero infinito. Sem. jamais querer ser reservada e tímida, passara tanto tempo sozinha, sem ter ninguém para amar, que lhe era difícil falar, mesmo ligeiramente, com alguém sem constrangimento e tinha total incapacidade de encontrar palavras.

Seu nome surgira na lista do Dr. Montague porque um dia, quando tinha doze anos e a irmã dezoito, e seu pai falecera há menos de um mês, pedras em profusão haviam caído sobre sua casa, sem qualquer aviso ou indicação de razão ou objetivo, despencando-se dos tectos rolando ruidosamente pelas paredes,

quebrando janelas e batendo loucamente no telhado. As pedras continuaram intermitentemente por três dias, durante os quais Eleanor e a irmã ficaram menos nervosas com as pedras do que com os vizinhos e curiosos que se agrupavam todos os dias do lado de fora da porta de entrada, e com a mãe, que insistia histericamente que tudo isso era culpa das pessoas maliciosas e cruéis do quarteirão todo que a detestaram desde que se mudara para lá. Após três dias, Eleanor e a irmã foram mandadas para a casa de uma amiga e as pedras pararam e nunca mais voltaram, embora Eleanor e a irmã e a mãe voltassem a residir na casa e a rixa com toda a vizinhança nunca tivesse terminado. A história havia sido esquecida, por todos, exceto as pessoas que Dr. Montague consultara; certamente fora esquecida por Eleanor e a irmã, que na ocasião haviam pensado que a outra é que era culpada.

Em toda sua vida secreta, desde suas primeiras memórias, Eleanor esperara por alguma coisa como a Casa da Colina. Cuidando da mãe, levantando uma velha rabugenta da cadeira para a cama, arrumando uma sucessão infinita de bandejas com sopa e mingau, tomando forças para enfrentar a roupa usada imunda. Eleanor se agarrara à crença de que algum dia alguma coisa aconteceria. Aceitara o convite para a Casa da Colina imediatamente, embora o cunhado insistisse em telefonar para umas pessoas para ter certeza que esse tal de doutor não pretendia introduzir Eleanor a ritos selvagens não distantes de assuntos que a irmã de Eleanor considerava impróprios para uma moça solteira. Talvez, murmurou a irmã de Eleanor na privacidade do quarto conjugal, talvez Dr. Montague — se era esse mesmo o seu nome —, talvez esse Dr. Montague usasse essas mulheres para... sabe... experiências. Você sabe... experiências... A irmã de Eleanor teceu frases rebuscadas sobre as experiências que esses médicos faziam. Eleanor não tinha essas idéias, ou, se as tinha, não sentia medo. Eleanor, em suma, teria ido a qualquer lugar.

THEODORA — era o único nome que usava; seus desenhos eram assinados "Theo" e na porta de seu apartamento e na vitrina de sua loja e na lista telefônica e em seu papel de carta e em sua linda fotografia pendurada sobre a lareira, o nome era sempre somente

Theodora — Theodora não se parecia em nada com Eleanor. Dever e consciência eram, para Theodora, atributos que pertenciam devidamente a escoteiras, O mundo de Theodora era feito de prazeres e cores suaves; fizera parte da lista do Dr. Montague porque — rindo ao entrar no laboratório, em uma onda de perfume de flores — conseguira, não sabia como, divertida e excitada com sua própria e incrível perícia, identificar corretamente dezoito cartões em vinte, quinze cartões em vinte, dezenove cartões em vinte, nas mãos de um assistente em outra sala, que não podia nem ver nem ouvir, O nome de Theodora ficou famoso no laboratório e assim chamou a atenção de Dr. Montague. Theodora divertira-se com a primeira carta do Dr. Montague e a respondera por curiosidade (talvez a sabedoria despertada em Theodora, que lhe dissera os nomes dos símbolos nos cartões que não podia ver, a impelisse em direção à Casa da Colina), mas não pretendia aceitar o convite. No entanto, quando chegou a carta do Dr. Montague confirmando — talvez aquele mesmo senso de urgência novamente — Theodora sentira-se tentada e precipitara cegamente, arbitrariamente, uma briga violenta com a amiga com quem dividia o apartamento. Foram ditas coisas de ambos os lados que só o tempo apagaria; Theodora propositada e cruelmente quebrou a linda estatueta que a amiga esculpira para ela, e a amiga cruelmente rasgou em pedacinhos o livro de Alfred de Musset que fora presente de aniversário de Theodora, caprichando mais ainda na página que continha a tema dedicatória de Theodora. Esses gestos seriam, é claro, inesquecíveis e era preciso tempo para que pudessem rir de tudo juntas; Theodora escrevera àquela noite, aceitando o convite do Dr. Montague, e partira no dia seguinte, envolta em frio silêncio.

LUKE SANDERSON era um mentiroso. E também ladrão. Sua tia, que era dona da Casa da Colina, gostava de dizer que o sobrinho tinha a melhor educação, as melhores roupas, o melhor gesto e os piores companheiros de qualquer pessoa que jamais conhecera; não deixaria escapar qualquer oportunidade de botá-lo fora de circulação por algumas semanas. O advogado da família foi recrutado para persuadir o Dr. Montague de que a casa não poderia absolutamente ser alugada para aquelas finalidades sem a presença restritiva de um

membro da família durante sua permanência, e talvez em seu primeiro encontro o doutor tenha sentido em Luke uma espécie de força, ou instinto felino de autopreservação, que o fez ficar quase tão ansioso quanto a Sra. Sanderson para ter Luke com ele na casa. Seja como for, Luke achou graça, a tia ficou agradecida e o Dr. Montague mais do que satisfeito. A Sra. Sanderson disse ao advogado da família que, afinal de contas, não havia nada na casa que Luke pudesse roubar. A prataria antiga tinha certo valor, disse ao advogado, mas apresentava uma dificuldade quase insuperável para Luke; era preciso energia para roubá-la e transformá-la em dinheiro. A Sra. Sanderson estava sendo injusta com Luke. Não era provável que Luke fugisse com as pratas da família, ou o relógio do Dr. Montague, ou a pulseira de Theodora; sua desonestidade se limitava a tirar troco da bolsa da tia ou roubar nas cartas. Tinha também propensão a vender relógios e cigarreiras que lhe davam, afetuosamente e corando como meninas, as amigas da tia. Algum dia Luke herdaria a Casa da Colina, mas nunca pensou em morar nela.

3

— ACHO QUE ELA não deve levar o carro, isso é o que eu acho — disse o cunhado de Eleanor, de cara amarrada.

— O carro é meio meu — disse Eleanor. — Paguei a metade dele.

— Acho que ela não deve levar o carro, isso é o que eu acho — repetiu o cunhado. Apelou para a mulher. — Não é justo que ela use o carro o verão todo e a gente fique sem ele.

Carrie usa o carro todo o tempo e eu nem o tiro da garagem — disse Eleanor. — Além disso, vocês vão passar o verão nas montanhas e não poderão usar o carro lá. Carrie, você sabe muito bem que não pode usar o carro nas montanhas.

— Mas e se a coitadinha da Linnie ficar doente, ou coisa assim? E se precisássemos do carro para levá-la ao médico?

— A metade do carro é minha — disse Eleanor. — E vou levá-lo.

— E se *Carrie* ficar doente? E se não conseguirmos um médico e tivermos de levar *Carrie* para o hospital?

— Quero o carro. E vou levá-lo.

— Acho que não vai não — disse *Carrie* deliberadamente, arrastando as palavras. — Nem sabemos onde você vai, não é mesmo? Você não nos contou nada dessa história toda. Acho que não vou emprestar meu carro a você.

— O carro é meio meu.

— Não — disse *Carrie*. — Não vai levar o carro.

— Isso mesmo — concordou o cunhado de *Eleanor*. — Precisamos do cano, como *Carrie* disse.

Carrie deu um ligeiro sorriso. — Nunca me perdoaria, *Eleanor* se emprestasse o carro a você e lhe acontecesse alguma coisa. Como é que vamos confiar nesse tal de doutor? Você ainda é uma mulher jovem, afinal de contas, e o carro vale muito dinheiro.

— Bem, *Carrie*, a verdade é que telefonei para o *Homer* na financeira e ele disse que esse camarada tem muito boa reputação...

Carrie interrompeu, sorrindo ainda; — Claro, não há razão para pensar que não seja um homem decente. Mas *Eleanor* não quer nos dizer onde vai, ou como podemos nos comunicar com ela se precisarmos do carro; pode acontecer alguma coisa e nós nem iríamos saber. Mesmo que *Eleanor* — continuou delicadamente, falando" com a xícara de chá — mesmo que *Eleanor* esteja disposta a ir para o fim do mundo a convite de um homem qualquer, isso não quer dizer que pode levar meu carro. — Metade do carro é minha.

— E se a pobrezinha da *Linnie* ficar doente, lá nas montanhas, sem recurso nenhum? Sem nem um médico?

— De qualquer maneira, *Eleanor*, estou certa de que estou - fazendo o que mamãe acharia melhor. Mamãe confiava em mim e certamente não aprovaria se eu deixasse você sair por aí como uma maluca, ninguém sabe para onde, em meu carro.

— Até eu posso ficar doente, lá nas...

— Tenho certeza de que mamãe concordaria comigo, *Eleanor*

— E tem mais ainda — disse o cunhado de *Eleanor*, como se tivesse tido um estalo —, como podemos ter certeza que ela vai

trazer o carro de volta em boas condições?

TEM DE haver sempre uma primeira vez, disse Eleanor a si mesma. Saltou do táxi, de manhã muito cedo, tremendo porque, a essa altura, talvez a irmã e o cunhado pudessem estar começando a sentir as primeiras coceiras de suspeita; tirou a maleta do táxi depressa enquanto o motorista tirava a caixa de papelão que estava no assento da frente. Eleanor deu uma gorjeta grande demais, pensando se a irmã e o cunhado não a estariam seguindo, se agora mesmo não estariam virando a esquina e dizendo um ao outro: "Lá está ela, exatamente como pensamos, a ladra, lá está ela"; virou-se apressada para entrar na grande garagem onde guardavam o carro, olhando nervosamente para a rua. Esbarrou violentamente com uma senhora minúscula, espalhando embrulhos em todas as direções, e viu consternada uma sacola arrebentar na calçada, derramando um pedaço de bolo, fatias de tomate, um pãozinho. — Vá pro inferno, sua peste! — gritou a mulher minúscula, quase esfregando o nariz no rosto de Eleanor. — Estava levando isso para casa, sua peste!

— Desculpe — disse Eleanor; abaixou-se, mas não parecia possível apanhar os pedaços de tomate e bolo e enfiá-los de novo na sacola arrebentada. A velhinha franzira a cara e estava pegando os outros embrulhos antes que Eleanor os alcançasse e finalmente Eleanor ficou de pé, com um sorriso de desculpa. — Sinto muito — disse.

— Vá pro inferno — disse a velhinha, embora mais calma. — Estava levando isso para casa, era meu almoço. E agora, graças a você...

— Talvez possa pagar o prejuízo, — Eleanor pegou a bolsa e a velhinha ficou parada e pensou.

— Não poderia aceitar-dinheiro, sem mais nem menos — disse finalmente. — Não paguei essas coisas, sabe. Eram restos.

— Fez um muxoxo ruidoso, com raiva. — Você devia ver o presunto — disse — mas alguém pegou ele primeiro. E o bolo de chocolate. E a salada de batata. E os docinhos em pratinhos de papelão. Eu cheguei tarde demais para quase tudo. E agora... — Ela e Eleanor olharam juntas para a sujeira na calçada e a velhinha

disse: — Você vê então que não posso aceitar dinheiro, assim dado de mão beijada, por uns restos de comida.

— Então posso comprar alguma coisa para substituir tudo isso? Estou com muita pressa, mas se houvesse algum lugar por aqui que estivesse aberto...

A velhinha sorriu maliciosamente. — Ainda tenho isso — disse e apertou um embrulho contra o peito. — Pode pagar o táxi para me levar em casa — disse. — Aí ninguém mais vai me dar um esbarrão.

— Com prazer — disse Eleanor e virou-se para o motorista, que ficara ouvindo a conversa com todo interesse. — Pode levar essa senhora em casa? — perguntou.

— Deve custar uns dois dólares — disse a velhinha — e mais a gorjeta desse cavalheiro, é claro. Como eu sou muito pequena — explicou delicadamente — é um perigo, um perigo mesmo, ser empurrada pelas pessoas. Mas é um prazer encontrar alguém tão bem-educada, disposta a pagar o prejuízo. As vezes as pessoas que esbarram na gente nem param para ver o que aconteceu. — Com a ajuda de Eleanor, entrou no táxi com os embrulhos e Eleanor tirou dois dólares e cinquenta centavos da bolsa e entregou à velhinha, que os segurou bem apertados na minúscula mão.

— Então, benzinho — disse o motorista — onde vamos?

A velhinha sorriu. — Depois eu digo — disse e, virando-se para Eleanor: — Boa sorte, meu bem. Tome cuidado de não esbarrar em ninguém mais.

— Adeus — disse Eleanor — e sinto muito, mesmo.

— Tudo bem — disse a velhinha, acenando com a mão quando o táxi se afastou da calçada. — Vou rezar por você, meu bem.

Bem, pensou. Eleanor, olhando o táxi se afastar, aí está uma pessoa, pelo menos, que vai rezar por mim. Pelo menos uma Pessoa.

4

ERA O PRIMEIRO dia verdadeiramente brilhante do verão, época do ano que trazia a Eleanor sempre memórias dolorosas de sua

primeira infância, quando parecia que era sempre verão: não podia se lembrar de um inverno antes da morte do pai em um dia frio e úmido. Começara a se perguntar ultimamente, naqueles anos que voaram, o que acontecera com todos aqueles dias de verão desperdiçados; como pôde gastá-los tão irresponsavelmente? Sou uma tola, dizia a si mesma no princípio de cada verão, sou uma grande tola; sou uma mulher feita agora e sei o valor das coisas. Nada é jamais totalmente desperdiçado, pensava sensatamente, mesmo nossa infância, e depois cada ano, em uma manhã de verão, a brisa quente descia a rua onde andava e ela era atingida pelo pensamento frio: Deixei passar mais tempo. Essa manhã, entretanto, dirigindo o pequeno carro que pertencia a ela e à irmã, apreensiva de quê descobrissem que ela simplesmente viera e levara o carro, rodando docilmente pela rua seguindo o trânsito, parando quando mandada e virando quando podia, sorriu para a luz do sol derramada na rua e pensou, estou indo, estou indo, finalmente dei um passo.

Sempre que tivera permissão da irmã para usar o carro, procedem cautelosamente, andando com muito cuidado para evitar mesmo o menor arranhão que pudesse irritar a irmã, mas hoje, com a caixa de papelão no assento traseiro e a maleta no chão, as luvas e bolsa e casaco leve no assento a seu lado, o carro lhe pertencia completamente, um pequeno mundo restrito todo seu; estou indo mesmo, pensou.

No último sinal de tráfego da cidade, antes de virar para entrar na grande estrada que levava para longe, parou, esperando, e tirou a carta do Dr. Montague da bolsa. Nem vou precisar de mapa, pensou; ele deve ser um homem muito cuidadoso. "...Estrada 39 para Ashton", dizia a carta, "e entre à esquerda na Via 5 indo para o oeste. Siga quase quarenta quilômetros e chegará à pequena aldeia de Hillsdale. Atravesse Hillsdale até a esquina onde há um posto de gasolina à esquerda e uma igreja à direita e aí tome a esquerda no que parece uma estrada secundária estreita; começará a subir as colinas e a estrada é muito ruim. Vá até o fim dessa estrada — cerca de dez quilômetros — e chegará aos portões da estrada da Casa da Colina. Estou lhe dando instruções detalhadas porque não é

aconselhável parar em Hillsdale para pedir informações. O povo da aldeia é muito rude com estranhos e abertamente hostil a qualquer um que pergunte sobre a Casa da Colina.

Estou muito contente porque vai fazer parte de nosso grupo na Casa da Colina e será um grande prazer conhecê-la na quinta-feira, vinte e um de junho..."

O sinal mudou; entrou na estrada e ficou livre da cidade. Ninguém, pensou, pode me pegar agora; nem sabem em que direção estou indo.

Nunca dirigira sozinha por grandes distâncias. A ideia de dividir essa linda viagem em quilômetros e horas era tolice; viu a viagem, alinhando o carro precisamente entre a faixa branca na estrada e a fileira de árvores ao longo da estrada, como a passagem de momentos, cada um deles um momento novo, levando-a consigo, carregando-a por um caminho repleto de novidades para um lugar novo. A viagem, em si, era um ato positivo, o destino vago, não imaginado, talvez inexistente. Estava decidida a saborear cada curva da estrada, amando as árvores e as casas e as pequenas e feias cidades, caçoando consigo Mesma que seria muito capaz de resolver parar em qualquer lugar e nunca mais sair. Poderia parar o carro à beira da estrada — embora isso não fosse permitido, disse a si mesma; seria punida se fizesse isso — e deixá-lo lá enquanto passeava pelos campos macios e acolhedores que se estendiam além das árvores. Poderia andar até ficar exausta, caçando borboletas ou seguindo um riacho, e chegar ao cair da tarde à cabana de algum cortador de lenha que lhe ofereceria abrigo; poderia ficar para sempre em East Barrington ou Desmond ou na aldeia de Berk; poderia também jamais deixar a estrada e continuar rodando, rodando até que as rodas do carro estivessem completamente gastas e tivesse chegado ao fim do mundo.

E, pensou, também posso simplesmente ir para a Casa da Colina, onde me esperam e onde vão me dar abrigo e quarto e comida e um pequeno salário em compensação por ter abandonado meus compromissos na cidade e fugido para ver o mundo. Gostaria de saber como é o Dr. Montague. Gostaria de saber como é a Casa da Colina. Gostaria de saber quem mais estará lá.

Estava agora bem longe da cidade, prestando atenção ao acesso à 39, o tapete mágico que Dr. Montague escolhera para ela, entre todas as estradas do mundo, para leva-la sã e salva até ele e a Casa da Colina; nenhuma outra estrada poderia levá-la de onde estava aonde queria ir. Dr. Montague foi confirmado, tornou-se infalível; abaixo do indicador do acesso à Estrada 39 havia outra indicação: ASHTON, 181 km.

A estrada, agora sua amiga íntima, descia, contornando curvas que escondiam surpresas — uma vez uma vaca, olhando para ela por cima da cerca, outra um cão indiferente —, descendo aos côncavos que aconchegavam pequenas cidades, passando campos e pomares. Na rua principal de uma aldeia passou por uma casa enorme, com pilares e muros altos, as persianas das janelas cerradas e um par de leões de pedra guardando os degraus, e pensou que talvez, gostasse de morar ali, limpando os leões todas as manhãs e dizendo-lhes boa-noite com uma pancadinha na cabeça. O tempo está começando nesta manhã de junho, disse a si mesma, mas é um tempo estranhamente novo e diferente; nesses poucos segundos vivi uma vida inteira em uma casa com dois leões em frente. Todas as manhãs varria a varanda e limpava os leões e todas as noites dizia boa-noite a eles com uma pancadinha na cabeça e uma vez por semana lavava as caras e as jubas e as patas com água morna e bicarbonato e limpava entre os dentes com um cotonete. Dentro da casa os cômodos eram altos e claros, com soalhos brilhantes e vidros imaculados nas janelas. Uma velhinha miúda e delicada tomava conta de mim, movendo-se graciosamente em suas roupas engomadas com o serviço de chá de prata na bandeja e me trazendo um copo de vinho do Porto todas as noites para bem de minha saúde. Jantava sozinha na sala de jantar comprida e silenciosa, sentada à mesa reluzente, e entre as janelas altas as paredes brancas forradas de madeira brilhavam à luz das velas; jantava aves raras, e rabanetes da horta, e doce de ameixas feito em casa. Dormia sob um dossel de organdi branco e uma pequena luz ficava acesa para me proteger do corredor. As pessoas me cumprimentavam nas ruas da cidade porque todas se orgulhavam muito dos meus leões. Quando morri...

A cidade já ficara para trás há muito tempo e passava agora por barracas de refeições ligeiras fechadas, sujas, com os letreiros rasgados. Houvera uma feira por lá, há muito tempo, com corridas de motocicleta; ainda havia restos de letreiros. CORRIDA DO DIABO. COLINA DA MORTE. E ela riu, percebendo que estava vendo agouros em toda parte. Era apenas o nome de uma corrida arriscada, disse a si mesma, e diminuiu a velocidade porque estava indo depressa demais e não queria chegar à Casa da Colina muito cedo.

A certa altura parou à beira da estrada para olhar extasiada, sem poder acreditar. A uns duzentos metros vinha passando e admirando uma fileira bem cuidada de magníficas espirradeiras em flor, rosas e brancas. Chegara agora aos portões que elas protegiam, além dos quais continuavam até perder de vista. A entrada não passava de dois pilares de pedra arruinados, ladeando o caminho que levava a campos abandonados. Viu que as espirradeiras se afastavam do caminho e acompanhavam os lados de um grande quadrado e conseguiu ver que no lado mais distante a fila de espirradeiras parecia seguir um pequeno rio. Dentro do quadrado de espirradeiras não havia nada, nem casa nem construção nenhuma, nada além da fileira de árvores que terminava no rio. O que estava dentro desse quadrado, perguntou a si mesma, o que havia aqui que desapareceu, ou o que iria existir aqui que nunca chegou a existir? Teria sido uma casa ou um jardim ou um pomar; teriam sido expulsos para sempre ou iriam voltar? As espirradeiras eram árvores venenosas, lembrou de repente; será que estavam lá guardando alguma coisa? Se saísse do carro, pensou, se saísse e entrasse pelos portões em ruínas e quando chegasse ao quadrado descobrisse que estava no reino das fadas, venenosamente protegida contra o olhar das pessoas que passassem? Se atravessar os pilares mágicos, será que vou transpor a barreira protetora e quebrar o encanto? Vou encontrar um lindo jardim com repuxos e bancos de pedra e rosas subindo em pérgulas e um caminho — calçado de rubis e esmeraldas, talvez, mas macio bastante para a filha do rei pisar com suas pequenas sandálias douradas — que me levará diretamente ao palácio enfeitado. Subirei os largos degraus, passando pelos leões de pedra eternamente vigilantes e entrarei no pátio onde um repuxo

joga água para o céu e a rainha espera, chorando, pela volta da princesa? Deixará cair o bordado quando me vir e mandará os servos do palácio — que começam a despertar de seu sono encantado — prepararem uma grande festa, pois terminou o encanto e o palácio vai voltar a ser o que era antigamente? E viveremos felizes para sempre?

Não, claro que não, pensou, inclinando-se para ligar o motor, quando o palácio ficar visível e o encanto se romper, todo o feitiço será desfeito e os campos que se estendem além das espirradeiras voltarão à forma antiga, esvaecendo, cidades e letreiros e vacas, até restar uma imagem suave, como ilustração de conto de fadas. E aí, descendo as colinas, surgirá o príncipe a cavalo, resplandecente em vestes verde e prata, com cem arqueiros cavalgando a seu lado, as flâmulas dançando ao vento, os cavalos relinchando, as pedras preciosas reluzindo...

Deu uma risadinha e virou para sorrir um adeus às espirradeiras mágicas. Hoje não, disse-lhes, mas outro dia eu volto para quebrar seu encanto.

Parou para almoçar depois de dirigir cento e cinquenta e um quilômetros. Encontrou um restaurante campestre que se anunciava como sendo um velho moinho e sentou, encantada, em uma varanda sobre o rio que se arremessava contra as pedras em sua corrida veloz, olhando os reflexos da água em movimento, com um prato de vidro lapidado com manteiga e queijos à sua frente e uma cestinha de pãezinhos de milho. E porque era uma hora e um lugar em que os feitiços eram tão rapidamente feitos e desfeitos, prolongou o almoço, sabendo que a Casa da Colina estava à sua espera no fim do dia. Os únicos outros fregueses na varanda eram uma família, a mãe e o pai com um menino e uma menina, que conversavam em voz baixa e macia, e certa hora a menina virou e olhou Eleanor com franca curiosidade e, depois de um segundo, sorriu. Os reflexos do rio se espalhavam no teto e nas mesas enceradas e no cabelo cacheado da menina e a mãe dela disse: — Ela quer sua xícara de estrelas.

Eleanor levantou a cabeça, espantada; a menina torcera o corpo na cadeira, recusando-se a tomar o copo de leite, enquanto o pai

franzia a cara e o irmão ria e a mãe repetia calmamente: — Ela quer sua xícara de estrelas.

Mas é claro que sim, pensou Eleanor; eu também quero; uma xícara de estrelas, é claro.

— É a xícara dela — a mãe explicou, sorrindo para a garçonete que não compreendia por que o leite fresco do campo não servia para a menina. — Tem estrelas no fundo e ela sempre toma leite nela. Ela diz que é sua xícara de estrelas porque vê as estrelas quando bebe o leite todo.

A garçonete acenou a cabeça, com ar pouco convicto e a mãe disse para a menina: — Quando chegarmos em casa hoje à noite você bebe leite em sua xícara de estrelas, mas agora seja uma boa menina e tome um pouco nesse copo.

Não, Eleanor disse silenciosamente para a menina, não; insista em sua xícara de estrelas; se conseguirem enganar você e fazer com que fique igual a todo mundo você nunca mais vai ver sua xícara de estrelas; não ceda; e a menina olhou para ela e sorriu ligeiramente, um sorriso sutil, de covinhas, de quem entendeu tudo, e sacudiu a cabeça teimosamente, recusando o copo. Que menina corajosa, pensou Eleanor; corajosa e sábia.

— Você está enchendo essa menina de mimos — disse o pai. — Não devíamos permitir que tivesse essas manias.

— Só essa vez — disse a mãe. Deixou o copo de leite na mesa e tocou levemente a mão da menina. — Tome seu sorvete — disse brandamente.

Quando saíram, a menina deu um adeuzinho para Eleanor e Eleanor retribuiu o gesto. Ficou sentada, terminando o café, em solidão banhada de alegria, enquanto o rio galopava abaixo da varanda. Agora falta pouco, pensou Eleanor; já passei da metade do caminho. O fim da viagem, pensou, e nos recônditos de sua mente, brilhando como as águas do rio, umas notas finais de uma canção dançaram em sua memória trazendo consigo de uma grande distância uma ou duas palavras: "Se tardares, perderás o melhor", pensou, "se tardares, perderás o melhor."

Quase ficou para sempre nos arredores de Ashton, porque encontrou uma pequena cabana afundada em um jardim. Podia

viver ali sozinha, pensou, diminuindo a marcha para olhar o caminho curvo que cortava o jardim e levava à porta azul com um degrau onde, para formar o quadro perfeito, dormia um gato branco. Ninguém ia me achar escondida lá, atrás de todas essas rosas, e para maior garantia, eu plantaria espirradeiras ao longo da estrada. Acenderia a lareira em noites frias e assaria maçãs nas chamas. Criaria gatos brancos e faria cortinas brancas para as janelas e às vezes abriria a porta azul para ir à loja comprar canela e chá e um retrós de linha. As pessoas iriam me procurar para que eu lesse sua sorte e faria poções de amor para donzelas tristes; teria um passarinho em uma gaiola... Mas a cabana ficara para trás há muito tempo e estava na hora de procurar a nova estrada, tão cuidadosamente marcada por Dr. Montague.

"Vire à esquerda e tome a Estrada 5 rumo ao oeste" dizia a carta e, como se ele estivesse em algum lugar manobrando o carro com controles remotos, eficiente e rapidamente, foi o que aconteceu; estava na Estrada 5 indo para o oeste, e a viagem estava quase terminada. Apesar do que ele dissera, ela pensou: Vou parar em Hillsdale um minuto, só para tomar um café, porque não quero que minha longa viagem termine tão cedo assim. Não era propriamente uma desobediência; a carta dizia que não era aconselhável parar em Hillsdale para pedir informações, mas não dizia que era proibido parar para tomar café, e talvez se eu não mencionar a Casa da Colina, não estarei fazendo nada de mal. Seja como for, pensou meio confusa, é minha última chance.

Hillsdale surgiu à sua frente, pegando-a desprevenida: uma confusão desordenada de casas sujas e ruas tortas. Era muito pequena; quando entrou na rua principal, viu a esquina no fim com o posto de gasolina e a igreja. Parecia que só havia um lugar para parar e tomar café, uma lanchonete muito pouco atraente, mas Eleanor estava decidida a parar em Hillsdale, por isso estacionou o carro no meio-fio quebrado em frente da lanchonete e saltou. Pensou um segundo e acenando silenciosamente a cabeça para a aldeia, trancou o carro, pensando na maleta no chão e na caixa de papelão no assento de trás. Não vou ficar muito tempo em Hillsdale, pensou, olhando para os dois lados da rua, que mesmo à luz do sol

era escura e feia. Um cachorro dormia inquieto na sombra contra a parede, uma mulher de pó na porta do outro lado da rua olhou para Eleanor e dois garotos estavam encostados a uma cerca, em profundo silêncio. Eleanor, que tinha medo de cães estranhos e mulheres zombadoras e garotos malandros, entrou depressa na lanchonete, agarrada à bolsa e às chaves do carro. Dentro havia um balcão com uma moça cansada, sem queixo, atrás e um homem comendo qualquer coisa no canto. Pensou rapidamente que devia estar com muita fome para vir comer num lugar desses, quando viu o balcão cinza e o vidro sujo cobrindo um prato de biscoitos. — Café — pediu à moça atrás do balcão e a moça virou lentamente e tirou uma xícara da prateleira à sua frente; vou ter de tomar esse café porque disse que ia, disse Eleanor a si mesma com severidade, mas na próxima vez vou prestar atenção no que o Dr. Montague disser.

Havia algum entendimento especial entre a moça e o homem comendo no fim do balcão; quando ela colocou o café em frente de Eleanor, olhou para ele e sorriu ligeiramente, e ele encolheu os ombros, e então a moça deu uma risada. Eleanor levantou a cabeça, mas a moça estava estudando atentamente as unhas e o homem passava um pedaço de pão no prato. Talvez o café estivesse envenenado; pela cara, devia estar. Decidida a ir até o fundo do abismo que era Hillsdale, Eleanor disse à moça: — Quer me dar um desses biscoitos, por favor — e a moça, olhando de lado para o homem, escorregou um biscoito em um prato e o colocou em frente de Eleanor, e riu quando olhou novamente para o homem.

— Essa cidadezinha é muito simpática — disse Eleanor à moça. — Como se chama?

A moça olhou-a fixamente; talvez nunca alguém tivesse sido audaz bastante para chamar Hillsdale de simpática; depois de alguns segundos, a moça olhou novamente para o homem, como que para pedir confirmação, e disse: — Hillsdale.

— Você mora aqui há muito tempo? — perguntou Eleanor. Não vou mencionar a Casa da Colina, prometeu a distância ao Dr. Montague, só quero ajudar a passar o tempo.

— É — disse a moça.

— Deve ser muito agradável viver em uma cidade pequena como essa. Eu moro numa cidade grande.

— É?

— Você gosta daqui?

— Mais ou menos — disse a moça. Olhou novamente para o homem, que estava prestando toda atenção. — A gente não tem muito o que fazer.

— Qual é o tamanho de Hillsdale?

— É muito pequena. Quer mais café? — O final foi para o homem, que estava batendo com a xícara contra o pires, e Eleanor tomou o primeiro gole e estremeceu e se perguntou como é que ele podia querer mais.

— Tem muita gente que vem passear por aqui? — perguntou quando a moça acabou de encher a xícara do homem e voltou a se encostar nas prateleiras. — Turistas?

— Para quê? — Por um instante a moça reagiu, saindo de um vazio maior que qualquer vazio que Eleanor tivesse jamais conhecido. — Por que alguém viria aqui? — Olhou mal-humorada para o homem e acrescentou: — Não tem nem um cinema nessa droga de lugar.

— Mas as colinas são tão bonitas. Em muitas cidadezinhas pequenas de interior como essa você vê gente da cidade que vem e constrói nas colinas. Eles gostam de lugares quietos assim.

A moça deu um riso amargo. — Aqui não tem nada disso.

— Gostam de comprar casas velhas e reformar...

— Um lugar quieto — disse a moça e riu de novo.

— Acho muito estranho — disse Eleanor, sentindo que o homem estava olhando para ela.

— É — disse a moça. — Se ao menos tivesse um cinema.

— Pensei — disse Eleanor cautelosamente — que talvez desse uma vista de olhos por aí. Uma casa velha geralmente é bem barata, sabe, e é divertido fazer reformas.

— Por aqui não tem nada — disse a moça.

— Então — disse Eleanor — não tem nenhuma casa velha por aqui? Nem nas colinas?

— Não.

O homem ficou de pé, meteu a mão no bolso e tirou dinheiro e falou pela primeira vez. — Todo mundo vai embora daqui. Ninguém vem para cá.

Quando a porta se fechou atrás dele, a moça virou os olhos opacos para Eleanor quase com raiva, como se Eleanor, com sua tagarelice, tivesse mandado o homem embora. — Ele tem razão — disse finalmente. — Vão embora, os que têm sorte.

— Por que você não foge daqui? — perguntou Eleanor, e a moça encolheu os ombros.

— Será que seria melhor para mim? — perguntou. Pegou o dinheiro de Eleanor apaticamente e devolveu o troco. Então, com súbito brilho nos olhos, olhou os pratos vazios no fim do balcão e quase sorriu. — Ele vem todos os dias — disse. Quando Eleanor sorriu de volta e começou a falar, a moça virou de costas e se ocupou com as xícaras na prateleira e Eleanor, sentindo-se despedida, levantou e pegou as chaves do carro e a bolsa. — Adeus — disse Eleanor e a moça, ainda de costas, disse: — Boa sorte. Espero que encontre sua casa.

5

A ESTRADA que saía do posto de gasolina e da igreja era realmente péssima, cheia de pedras e com profundos sulcos. O carrinho leve e pequeno dava saltos e tropeçava, relutante a prosseguir em direção às colinas pouco atraentes, onde o dia parecia findar sob as árvores espessas, opressivas, dos dois lados da estrada. Parece que não há muito movimento por aqui, pensou Eleanor secamente, virando rápida a direção para não bater em uma grande pedra em frente; dez quilômetros nesta estrada não vão ser nada bons para o carro; e pela primeira vez em horas e horas se lembrou da irmã e riu. A essa altura já deviam saber que ela levava o carro e se fora, mas não sabiam para onde; deveriam estar dizendo um para o outro, incredulamente, que nunca iriam imaginar que Eleanor faria uma coisa dessas. Eu mesma nunca imaginaria isso, pensou, rindo ainda; tudo está mudado, sou uma pessoa diferente,

muito longe de casa. "Se tardares, perderás o melhor... a alegria da hora é a risada de agora..." E deu um grito quando o carro bateu em uma pedra e perdeu o controle, com um ruído sinistro de alguma coisa arrebatando por baixo, mas conseguiu se controlar e seguiu corajosamente a ascensão das colinas. Os galhos das árvores arranhavam o pára-brisa e escurecia rapidamente; a Casa da Colina gosta de surgir dramaticamente, pensou; gostaria de saber se o sol jamais aparece por aqui. Finalmente, com um esforço final, o carro saltou sobre um monte de folhas velhas e galhos e chegou a uma clareira em frente dos portões da Casa da Colina.

Por que estou aqui? pensou de repente e imediatamente; por que estou aqui? O portão era alto e sinistro e pesado, embutido em um muro de pedra que desaparecia atrás das árvores. Mesmo de dentro do carro podia ver a corrente e o cadeado que o trancavam. Através do portão só dava para ver que a estrada continuava, virava, sombreada dos dois lados pelas sombrias árvores imóveis.

Já que o portão estava tão obviamente trancado — trancado com correntes e cadeado; quem, pensou, está querendo tanto entrar? — não tentou sair do carro, mas tocou a buzina, e as árvores e o portão estremeceram e se afastaram um pouco do som. Depois de uns segundos tocou a buzina novamente e viu então um homem vindo em sua direção do outro lado do portão; era tão sombrio e inóspito quanto o cadeado e antes de chegar ao portão olhou por entre as barras, franzindo a cara.

— O que é? — Tinha uma voz áspera, grosseira.

— Quero entrar, por favor. Abra o portão.

— Por ordem de quem?

— Bem... — hesitou. — Eu quero entrar — disse finalmente.

— Para quê?

— Estão me esperando. — Será que estão? pensou de repente; é esse o ponto final?

— Quem?

Sabia, é claro, que ele estava se divertindo às custas dela, exercendo autoridade que não lhe cabia, como se no momento em que abrisse o portão perdesse a superioridade temporária que pensava que tinha — e que superioridade tenho eu? ela se

perguntou; estou do lado de fora, afinal de contas. Compreendeu que se perdesse a calma, o que acontecia raramente porque tinha tanto medo do resultado, ele iria embora, deixando-a ainda do lado de fora, esbravejando à toa. Podia até imaginar seu ar de inocência se fosse censurado por essa arrogância mais tarde — o sorriso malicioso e imbecil, os olhos abertos, espantados, a voz lamuriosa protestando que ia deixá-la entrar, tinha plena intenção de deixá-la entrar, mas como podia ter certeza? Recebera ordens, não é? E tinha de fazer o que mandavam, não é? A culpa seria cícica se deixasse entrar alguém que não devia, não é? Podia até ver o encolher de ombros, e com essa imagem, teve de rir, talvez a pior coisa que podia ter feito.

Com os olhos fixos nela, ele se afastou do portão. — É melhor voltar mais tarde — disse e virou as costas com ar de triunfo virtuoso.

— Ouça aqui — ela disse, erguendo a voz e procurando não parecer zangada —, sou um dos convidados de Dr. Montague; está me esperando em casa — preste atenção!

Virou-se e deu um sorriso desdenhoso. — Não pode estar sendo esperada — disse — porque não tem ninguém lá ainda.

— Quer dizer que não tem ninguém na casa?

— Ninguém que *eu* saiba. Talvez minha mulher, arrumando as coisas. Portanto não podem estar à sua espera, não é mesmo?

Relaxou o corpo contra o encosto do assento e fechou os olhos. Casa da Colina, pensou, é tão difícil entrar em você quanto no céu.

— Será que sabe onde está se metendo, vindo aqui? Será que disseram *alguma coisa* de onde veio? Ouviu falar alguma coisa dessa casa?

— Só sei que fui convidada a vir aqui pelo Dr. Montague. Quando você abrir o portão eu vou entrar.

— Vou abrir; vou abrir. Só quero ter certeza que sabe o que a espera lá dentro. Já esteve aqui antes? Faz parte da família, por acaso? — Olhou bem para ela, por entre as barras, a cara zombeteira formando mais uma barreira, além da corrente e cadeado. — Não posso deixar ninguém entrar sem ter certeza, não é? Como é seu nome?

Ela suspirou:

— Eleanor Vance.

— Então não faz parte da família. Já ouviu falar dessa casa?

É a minha chance, pensou: estão me dando a última chance. Posso fazer a volta aqui mesmo e agora em frente do portão e ir-me embora, e ninguém iria me censurar. Todos nós temos o direito de fugir. Botou a cabeça fora da janela e disse com fúria: — Meu nome é Eleanor Vance. Estão me esperando na Casa da Colina. Abra o portão imediatamente.

— Está bem, está bem. — Deliberadamente, arrastando cada gesto e dramatizando a introdução da chave no cadeado, abriu-o, soltou a corrente e abriu o portão o estritamente necessário para passar o carro. Eleanor foi em frente devagar, mas a pressa com que ele pulou para o lado da estrada a fez pensar por um instante que ele adivinhara o que se passava em seu pensamento; riu e parou o carro porque ele vinha em sua direção — cautelosamente, de lado.

— Não vai gostar daqui — disse. — Vai-se arrepender de ter vindo.

— Saia do meu caminho — ela respondeu. — Já me atrasou demais.

— Acha que ia conseguir outra pessoa para abrir esse portão? Acha que alguém ia ficar por aqui a não ser eu e minha mulher? Acha que está tudo como a gente quer, desde que a gente fique aqui e arrume a casa e abra o portão para todos vocês que vêm da cidade e acham que sabem tudo?

— Por favor, fique longe do meu carro. — Não ousava confessar nem a si mesma que ele lhe causava medo, receando que ele percebesse; sua proximidade, encostado ao lado do carro, era hedionda e seu imenso ressentimento a deixava confusa; certamente que o obrigara a abrir o portão, mas será que achava que a casa e o jardim pertenciam a ele? Lembrou-se de um nome mencionado na carta do Dr. Montague e perguntou, com curiosidade: — Você é Dudley, o caseiro?

— Sim, sou Dudley, o caseiro — disse, imitando-a. — Quem é que pensou que eu fosse?

O antigo empregado leal à família, pensou, orgulhoso e fiel, e profundamente desagradável. — Você e sua mulher tomam conta da casa sozinhos?

— É, só nós dois. — Parecia se vangloriar disso.

Ela remexeu no assento, receosa de se afastar de repente mas ansiosa para que ele se fosse. — Estou certa de que tomarão conta de nós muito bem, você e sua mulher — disse, tentando pôr um ponto final à conversa. — Mas estou ansiosa para chegar à casa o mais depressa possível.

Ele fez uma careta. — Pois eu — disse com insolência — eu não fico aqui um minuto depois de escurecer.

Rindo, contente, consigo mesmo, afastou-se do carro e Eleanor ficou grata, embora se sentisse desajeitada tentando ligar o motor com ele vigiando; talvez ele surja à minha frente no caminho da casa, pensou, como um polichinelo, gritando cada vez que aparecer que eu devia estar satisfeita de ter encontrado alguém disposto a ficar por aqui até escurecer, pelo menos. Para mostrar que não se incomodava absolutamente com a ideia da cara de Dudley, o caseiro, surgindo entre as árvores começou a assoviar, um pouco irritada por encontrar a mesma melodia tocando dentro de sua cabeça. "A alegria da hora é a risada de agora..." E disse a si mesma, zangada, que devia fazer um esforço para pensar em outra coisa; tinha certeza de que o resto das palavras era muito pouco apropriado, pois estava tão bem escondido da memória, e provavelmente até indecoroso para ser cantado na chegada à Casa da Colina.

Por cima da copa das árvores, de vez em quando, entre as mesmas e as colinas, vislumbrava o que devia ser o telhado, e talvez uma torre, da Casa da Colina. As casas eram tão esquisitas naquele tempo, pensou; botavam torres e minaretes e contra-fortes e rendas de madeira em toda parte, às vezes até obeliscos góticos e carrancas; tudo era superdecorado. Talvez a Casa da Colina tivesse uma torre, ou um quarto secreto, ou até mesmo uma passagem subterrânea indo até as colinas, usada por contrabandistas dos tempos antigos — embora fosse difícil imaginar contrabandistas nessas colinas solitárias. Talvez eu encontre um contrabandista lindo e diabólico e...

Contornou uma curva e viu-se no último trecho reto, dando diretamente, cara a cara, na Casa da Colina e, sem pensar, botou o pé no freio e afogou o motor, e ficou parada, olhando fixamente.

A casa era vil. Estremeceu e pensou, as palavras fluindo livremente no silêncio de sua mente estarecida, a Casa da Colina é vil e infame, é doentia; saia daqui imediatamente.

II

NENHUM OLHO humano pode isolar a coincidência infeliz de linhas e locais que sugerem malignidade na fachada de uma casa, e no entanto alguma justaposição demente, algum ângulo defeituoso, algum encontro fortuito de telhado e céu transformavam a Casa da Colina em um lugar de desespero, mais amedrontadora porque a fachada da Casa da Colina parecia estar acordada, vigiando pelas janelas vazias e erguendo com sarcasmo a sobrelanceira de uma cornija. Quase todas as casas, tomadas de surpresa ou vistas de um ângulo inesperado, podem olhar humoristicamente alguém que as observe; até uma chaminé brincalhona, ou uma janelinha de água-furtada que parece uma covinha, podem dar ao observador um senso de camaradagem; mas uma casa arrogante e cheia de ódio, sempre defensiva, só pode ser maligna. Essa casa, que parecia de alguma forma ter se formado por si só, aglomerando-se em seu poderoso molde sob as mãos de seus construtores, acomodando-se em sua própria construção de linhas e ângulos, erguia sua enorme cabeça contra o céu sem qualquer concessão à humanidade. Era uma casa sem bondade, que nunca deveria ser habitada, que não servia para seres humanos nem para amor ou para esperança. O exorcismo não pode alterar o semblante de uma casa; a Casa da Colina ficaria assim como estava até ser destruída.

Eu deveria ter voltado do portão, pensou Eleanor. A casa a pegara com uma torção atávica na boca do estômago e ficou olhando a linha dos telhados, tentando localizar a maldade, seja o que for que residia ali; as mãos ficaram tão frias de nervoso que teve dificuldade em extrair um cigarro do pacote e acima de qualquer coisa teve medo, escutando a voz doente dentro dela mesma que murmurava: "Vai embora daqui, vai embora."

Mas vim de tão longe para encontrar isso, disse comigo mesma; não posso voltar. Além do mais, ele iria rir de mim se tentasse passar por aquele portão novamente.

Procurando não olhar para a casa — e nem poderia dizer de que cor era, ou de que estilo, ou de que tamanho, exceto que era enorme e escura, olhando para ela lá em cima — ligou novamente o motor e dirigiu até o fim do caminho, até bem em frente dos degraus que levavam diretamente, com ar de não haver fuga possível, à varanda e à porta da frente. O caminho se dividia para dar a volta à casa e provavelmente mais tarde levaria o carro para os fundos e procuraria um lugar melhor para deixá-lo: agora sentia que era melhor não se afastar muito de seus meios de locomoção. Virou o carro um pouco, o suficiente para dar lugar à passagem de outros veículos — seria uma pena, pensou sombriamente, que qualquer pessoa visse essa casa pela primeira vez com algo tão confortante quanto um automóvel estacionado em frente — e saltou do carro, levando a maleta e o casaco. Bem, pensou, por falta de coisa melhor, aqui estou eu.

Foi um ato de enorme esforço moral erguer o pé e colocá-lo no primeiro degrau e pensou que sua profunda relutância em tocar a Casa da Colina pela primeira vez vinha diretamente da sensação vívida de que a casa esperava por ela, maligna, mas paciente. A jornada termina no encontro dos amantes, pensou, lembrando finalmente da canção, e riu, nos degraus da Casa da Colina, a jornada termina no encontro dos amantes, e pisou com firmeza e subiu para a varanda e a porta. A Casa da Colina a envolveu numa investida; sombras a cobriram e o ruído de seus passos na madeira da varanda era um ultraje ao profundo silêncio, como se há muito tempo ninguém pisasse os soalhos da Casa da Colina. Ergueu a mão para bater a aldrava pesada de ferro em forma de uma cara de criança, decidida a fazer mais barulho ainda para que a Casa da Colina tivesse certeza de que ela estava lá quando a porta se abriu de repente e ficou olhando uma mulher que, se fosse por semelhança, só podia ser a esposa do homem do portão.

— Sra. Dudley? — perguntou, respirando afinal. — Sou Eleanor Vance.

Silenciosamente, a mulher ficou de lado. Vestia um avental limpo, o cabelo estava arrumado, entretanto dava uma impressão indefinida de sujeira, bem apropriada para o marido, e a cara

emburrada e desconfiada combinava bem com a petulância maldosa da cara dele. Não, disse Eleanor para si mesma; em parte é porque tudo parece tão escuro por aqui, e em parte porque eu já esperava que a mulher daquele homem fosse feia. Se eu não tivesse visto a Casa da Colina seria tão injusta com essa gente? Afinal de contas, eles só tomam conta da casa.

O *hall* onde estavam era abarrotado de móveis escuros elaboradamente esculpidos, sombrio sob o peso das escadas que subiam na parede dos fundos. Em cima parecia que havia outro *hall*, atravessando a largura da casa; podia ver um patamar largo e do outro lado da escada, portas fechadas ao longo do corredor. Aqui embaixo, de cada lado havia grandes portas duplas, esculpidas com frutas e cereais e coisas vivas; todas as portas estavam fechadas.

Quando tentou falar, a voz ficou sufocada no silêncio sombrio e teve que fazer força para emitir sons. Pode me levar para o meu quarto? conseguiu dizer finalmente, fazendo um gesto para a maleta que pusera no chão e olhando o reflexo ondulante de sua própria mão penetrar assombras do soalho polido. Acho que sou a primeira a chegar. A senhora... a senhora é a Sra. Dudley, não, é? Acho que vou chorar, pensou, chorar e soluçar como uma criança: "Não gosto daqui..."

A Sra. Dudley virou e começou a subir as escadas e Eleanor pegou a maleta e a seguiu, correndo atrás de qualquer coisa que estivesse viva nessa casa. Não, pensou, não gosto daqui. A Sra. Dudley alcançou o patamar e virou à direita e Eleanor viu que com rara compreensão os construtores haviam abandonado qualquer tentativa de seguir um estilo — provavelmente depois de compreenderem o que a casa ia ser, quisessem eles ou não e no segundo andar haviam feito um corredor longo, reto, para acomodar as portas que davam para os quartos; teve a impressão que os construtores haviam terminado o segundo e o terceiro andares com uma pressa indecente, ansiosos para terminarem o trabalho sem qualquer embelezamento e saírem de lá, seguindo o plano mais simples possível para os quartos. Na extrema esquerda do corredor havia uma segunda escada, provavelmente indo para os quartos de empregados no terceiro andar e descendo para a área de serviço no

andar de baixo; à direita do corredor haviam encaixado um quarto, talvez, porque era no fim do corredor, para ter o máximo de sol e luz. Exceto pela continuação da madeira escura, e o que parecia uma série de gravuras muito inferiores penduradas simetricamente dos dois lados do corredor, nada interrompia a linha reta, exceto a série de portas, todas fechadas.

A Sra. Dudley desceu o corredor e abriu uma porta, talvez ao acaso. — Este é o quarto azul — disse.

Pela curva da escada, Eleanor presumiu que o quarto fosse na frente da casa; irmã Ana, irmã Ana, pensou, e aproximou-se grata pela luz que vinha do quarto. — Muito bonito — disse, da porta, mas só porque achou que tinha de dizer alguma coisa; não era nada bonito, apenas tolerável: continha a mesma desarmonia chocante que marcava a Casa da Colina.

A Sra. Dudley virou-se para deixar Eleanor entrar e falou, aparentemente para a parede: — Sirvo o jantar no bufê da sala às seis em ponto. Cada um se serve. Tiro a mesa de manhã. O café é às nove. Isso é que foi combinado. Não posso fazer muita coisa nos quartos, porque é impossível arranjar alguém para me ajudar. Não sirvo ninguém. O que foi combinado é que não sirvo ninguém.

Eleanor acenou a cabeça, incerta, de pé na porta.

— Não fico depois de servir o jantar — continuou a Sra. Dudley. — Não depois de escurecer. Vou embora antes de escurecer.

— Já sei disse Eleanor.

— Nós moramos na cidade, a dez quilômetros daqui.

— Sei — disse Eleanor, lembrando-se de Hillsdale.

— Não vai ter ninguém aqui se precisar de auxílio.

— Compreendo.

— Nem poderíamos ouvir se gritasse durante a noite.

— Imagino que não...

— Ninguém poderia. Ninguém mora perto daqui, só na cidade. Ninguém chega perto daqui.

— Sei — disse Eleanor, cansada.

— De noite — disse a Sra. Dudley, e sorriu. — No escuro — disse, e saiu, fechando a porta.

Eleanor quase sorriu, pensando em gritar: — Oh, Sra. Dudley, preciso de sua ajuda no escuro — e estremeceu.

2

FICOU sozinha de pé junto à maleta, com o casaco ainda pendurado no braço, profundamente infeliz, dizendo a si mesma, desanimada: A jornada termina no encontro dos amantes, e com vontade de voltar para casa. Atrás dela estava a escada escura e o *hall* de chão brilhante e a grande porta de entrada e a Sra. Dudley e Dudley rindo no portão e os cadeados e Hillsdale e a cabana de flores e a família no restaurante e o jardim de espirradeiras e a casa com os leões de pedra na frente, e tudo isso a trouxera, sob o olho infalível do Dr. Montague, ao quarto azul da Casa da Colina. É horrível, pensou, sem querer se mover, já que qualquer movimento poderia significar aceitação, um gesto de se estabelecer, e é horrível e não quero ficar; mas não tinha para onde ir; a carta do Dr. Montague a trouxera até aqui e não podia levá-la mais longe. Depois de instantes suspirou e sacudiu a cabeça e atravessou o quarto para colocar a maleta sobre a cama.

Aqui estou eu no quarto azul da Casa da Colina, disse em voz baixa, embora fosse um quarto de verdade e sem dúvida nenhuma azul. Havia cortinas azuis nas duas janelas, que davam para o telhado da varanda e para o gramado, um tapete azul no chão e uma coberta azul na cama, com um cobertor azul dobrado aos pés. As paredes, forradas de madeira escura até a altura dos ombros, eram cobertas de um papel estampado em azul até o teto, com um desenho de pequenas flores azuis formando guirlandas e coroas delicadas. Talvez alguém tivesse tido a esperança há muito tempo de alegrar a atmosfera do quarto azul da Casa da Colina com um papel delicado, sem ver que isso era impossível na Casa da Colina e que essa esperança se evaporaria deixando apenas um vestígio de sua existência, como um eco quase inaudível de um soluço distante... Eleanor se sacudiu, virando para ver o quarto em total. Seguia um plano incrivelmente defeituoso que o fazia parecer medonhamente

errado em todas as dimensões, as paredes em uma direção pareciam sempre um pouco mais longas do que o olho podia suportar e em outra um pouco menos que o mínimo comprimento suportável; e é aqui que querem que eu *durma*, pensou Eleanor, incrédula; quantos pesadelos não estão aguardando, nas sombras, nesses cantos altos — que sopro de terror insano flutuará sobre minha boca... e se sacudiu novamente. *Realmente*, disse a si mesma, *realmente*, Eleanor.

Abriu a maleta na cama alta e, tirando os sapatos incômodos com alívio, começou a tirar as roupas da mala com a convicção tipicamente feminina de que a melhor coisa para uma mente perturbada é botar um par de sapatos confortáveis. Ontem, ao fazer a mala na cidade, escolhera roupas que achara apropriadas para uma casa de campo isolada; chegara até a sair correndo à última hora para comprar — excitada com sua ousadia — dois pares de calças compridas, coisa que não usava há tantos anos que perdera a conta. Mamãe ficaria *furiosa*, pensou, colocando as calças no fundo da maleta para que não precisasse tirá-las, não precisasse deixar ninguém saber que estavam lá, se perdesse a coragem. Agora, na Casa da Colina, não pareciam mais tão novas; tirou tudo de qualquer jeito, pendurando os vestidos nos cabides todos tortos, jogando as calças na gaveta de baixo da cômoda alta de tampo de mármore e os sapatos no canto do guarda-roupa. Já estava achando que os livros que trouxera eram muito maçantes; provavelmente, não vou ficar mesmo, pensou, e fechou a maleta vazia e guardou-a no canto do guarda-roupa; em cinco minutos faço a mala novamente. Descobriu que estava tentando guardar a maleta sem fazer o menor ruído e que enquanto arrumara as coisas ficara descalça, procurando não fazer nenhum barulho, como se o silêncio fosse vital na Casa da Colina; lembrou-se que a Sra. Dudley também andava silenciosamente. Quando parou no meio do quarto o silêncio opressivo da Casa da Colina a envolveu. como se eu fosse um bichinho engolido por um monstro, pensou, e o monstro sente meus pequenos movimentos dentro dele. — Não — disse alto, e a palavra ecoou. Atravessou o quarto rapidamente e abriu as cortinas azuis, mas a luz do sol mal penetrava o vidro grosso das janelas e só podia

ver o telhado da varanda e um pedaço de gramado. Em algum lugar lá embaixo estava seu pequeno carro, que a podia levar de volta. A jornada termina no encontro dos amantes, pensou; vir aqui foi escolha minha. Percebeu então que estava com medo de atravessar o quarto novamente.

Estava de costas para a janela, olhando da porta para o guarda-roupa, para a cômoda, para a cama, dizendo a si mesma que não estava com nenhum medo, quando ouviu, lá embaixo, o barulho de uma porta de carro batendo e depois passos rápidos, quase dançantes, subindo os degraus e atravessando a varanda, e então, o choque da grande aldrava de ferro batendo na madeira. Ora, pensou, vêm outras pessoas; não vou ficar aqui sozinha. Quase rindo, atravessou o quarto correndo e saiu no corredor para olhar o hall de entrada do topo da escada.

— Graças a Deus que você chegou — disse, tentando ver na penumbra — graças a Deus que chegou alguém. — Percebeu sem espanto que falava como se a Sra. Dudley não pudesse ouvi-la, apesar da Sra. Dudley estar logo ali no *hall*, empertigada e pálida. — Vem cá em cima — disse Eleanor — vai ter de carregar sua bagagem. — Estava ofegante e não podia parar de falar, sua timidez habitual havia sumido com o alívio que sentia. — Meu nome é Eleanor Vance — disse — e estou muito contente de você ter chegado.

— Eu sou Theodora. Só Theodora. Essa *maldita* casa...

— É a mesma coisa aqui em cima. Suba. Mande ela lhe dar o quarto ao lado do meu.

Theodora subiu as escadas maciças atrás da Sra. Dudley, olhando incrédula a janela de vitrais no patamar, a uma de mármore no nicho, os desenhos do tapete. Sua maleta era bem maior que a de Eleanor e muito mais luxuosa, e Eleanor se aproximou para ajudá-la, contente de ter guardado suas coisas para que não fossem vistas. — Espere até ver os quartos — disse Eleanor. — Acho que o meu era onde embalsamavam os defuntos.

— Sempre sonhei com uma casa — disse Theodora. — Um cantinho onde pudesse ficar a sós com meus pensamentos.

Especialmente se meus pensamentos fossem sobre assassinatos ou suicídio ou...

— O quarto verde — disse a Sra. Dudley, friamente, e Eleanor sentiu, com uma onda de apreensão, que conversas frívolas ou críticas sobre a casa aborreciam a Sra. Dudley; talvez ache que a casa nos escuta, pensou Eleanor, e depois se arrependeu do pensamento. Talvez estremecesse, porque Theodora virou-se com um sorriso e tocou-a de leve no ombro, confortando-a; ela é encantadora, pensou Eleanor, sorrindo de volta, não é o tipo que pertence a esse lugar sombrio e escuro, mas afinal de contas, eu também não pertenço; não sou o tipo de pessoa certa para a Casa da Colina, mas também não sei quem seria. Riu, então, observando a expressão de Theodora ao chegar à porta do quarto verde.

— Céus — disse Theodora, olhando de lado para Eleanor. — Que amor de quarto. Um verdadeiro caramanchão.

— Sirvo o jantar no bufê da sala às seis em ponto — disse a Sra. Dudley. — Cada um se serve. Tiro a mesa de manhã. O café é às nove. Foi combinado assim.

— Você está com medo — disse Theodora, olhando Eleanor.

— Não posso fazer muita coisa nos quartos, mas é impossível arranjar alguém para me ajudar. Não sirvo ninguém. O que foi combinado é que não sirvo ninguém.

— Foi só porque pensei que estava sozinha — disse Eleanor.

— Não fico depois das seis. Não depois que começa a ficar escuro.

— Agora estou aqui — disse Theodora — então está tudo bem.

— Tem um banheiro entre nossos quartos — disse Eleanor, absorta. — Os quartos são idênticos.

Cortinas verdes cobriam as janelas no quarto de Theodora, o papel de parede era ornamentado de guirlandas verdes, a colcha e o cobertor eram verdes, a cômoda de tampo de mármore e o enorme guarda-roupa eram idênticos. — Nunca vi um lugar tão horrível em toda minha vida — disse Eleanor, em voz alta demais.

— Como os melhores hotéis disse Theodora — ou acampamentos de luxo para moças.

— Vou embora antes de escurecer — continuou a Sra. Dudley.

— Ninguém ouvirá se você gritar durante a noite — Eleanor disse para Theodora. Percebeu que estava agarrada à maçaneta da porta e, sob o olhar inquiridor de Theodora, forçou os dedos a largá-la e atravessou firmemente o quarto. — Temos de arranjar uma maneira de abrir essas janelas — disse.

— Portanto não vai ter ninguém aqui se precisar de auxílio — disse a Sra. Dudley. — Nem poderíamos ouvir se gritasse durante a noite. Ninguém poderia ouvir.

— Está bem agora? — perguntou Theodora, e Eleanor acenou a cabeça.

— Ninguém mora perto daqui, só na cidade. Ninguém chega perto daqui.

— Você deve estar é com fome — disse Theodora. — E eu estou faminta. — Colocou a maleta na cama e tirou os sapatos. — Não há *nada* — disse — que me perturbe mais que sentir fome: rosno feito cão e tenho acessos de choro. — Tirou uma calça comprida da maleta.

— De noite — disse a Sra. Dudley. Sorriu. — No escuro — disse e saiu, fechando a porta.

Depois de um segundo, Eleanor disse: — Ela também anda sem fazer o menor barulho.

— Uma pessoa encantadora. — Theodora virou, olhando o quarto. — Retiro o que disse sobre os melhores hotéis — disse. — Parece um pouco com um colégio interno em que fiquei uns tempos.

— Vem ver o meu — disse Eleanor. Abriu a porta do banheiro e foi à frente para o quarto azul. — Tinha desfeito a mala e estava pensando em fazê-la novamente quando você chegou.

— Pobrezinha. Você deve estar morrendo de fome. Quando vi essa casa do lado de fora a *única* coisa que me ocorreu é como seria divertido ficar lá vendo-a ser consumida pelas chamas. Talvez antes de irmos embora...

— Foi horrível ficar aqui sozinha.

— Você deveria ter visto aquele colégio interno durante as férias. — Theodora voltou a seu quarto e, com a sensação de movimento e sons nos dois quartos, Eleanor ficou mais alegre. Consertou as roupas penduradas nos cabides e arrumou os livros na mesa de

cabeceira. — Sabe de uma coisa — disse Theodora do outro quarto — até que parece o primeiro dia na escola; tudo é muito feio e esquisito, e você não conhece ninguém, e tem medo que riam de suas roupas.

Eleanor, que abrira a gaveta da cômoda para tirar uma calça comprida, parou e depois riu e jogou as calças na cama.

— Será que entendi direito — continuou Theodora — que a Sra. Dudley não vai vir se gritarmos durante a noite?

— Não foi combinado assim. Você encontrou o amável empregado da família no portão?

— Batemos um grande papo. Ele disse que eu não podia entrar e eu disse que podia e então tentei atropelá-lo com o carro, mas ele pulou longe. Escuta aqui, você acha que temos de ficar aqui no quarto esperando? Gostaria de vestir uma roupa mais confortável — a não ser que o jantar seja formal, o que você acha?

— Farei o que você quiser.

— Farei o que *você* quiser. Não podem ir contra nós duas. Seja como for, vamos sair daqui; gostaria muito de sair de debaixo desse telhado.

— Fica escuro muito cedo aqui, com essas colinas e todas as árvores... — Eleanor foi até a janela de novo, mas a luz do sol ainda regava o gramado.

— Ainda temos uma hora antes de escurecer. Quero ir lá fora e rolar na grama.

Eleanor escolheu um suéter vermelho, pensando que nesse quarto e nessa casa o vermelho do suéter e o vermelho das sandálias que comprara para combinar com quase toda certeza entrariam em guerra embora ontem na cidade fossem do mesmo tom. É bem feito para mim, pensou, por querer usar coisas assim; nunca fiz isso antes. Mas ficou muito bem, como lhe pareceu quando se viu no espelho da porta do guarda-roupa, quase à vontade. — Tem alguma ideia de quem mais vem? — perguntou. — Ou quando?

— Doutor Montague — disse Theodora. — Pensei que chegasse antes de todos os outros.

— Conhece o Dr. Montague há muito tempo?

— Nunca vi a cara dele — disse Theodora. — E você?

— Nunca. Já está pronta?

— Prontinha. — Theodora entrou pela porta do banheiro; ela é linda, pensou Eleanor, virando para olhar; gostaria de ser linda assim. Theodora usava uma saia amarelo-vivo e Eleanor riu e disse: — Você ilumina esse quarto mais do que as janelas.

Theodora se aproximou e admirou sua imagem no espelho de Eleanor. — Acho que nesse lugar sombrio é nossa obrigação brilhar o máximo possível. Gosto de seu suéter vermelho; nós duas seremos visíveis de uma ponta à outra da casa da Colina. — Continuando a se olhar no espelho, perguntou: — Imagino que o Doutor Montague tenha escrito a você?

— Sim. — Eleanor estava encabulada. — Não sabia, de início, se era brincadeira ou não. Mas meu cunhado conseguiu informações sobre ele.

— Sabe — disse Theodora lentamente — até o último instante... quando cheguei aos portões, acho... não tinha acreditado que havia mesmo uma Casa da Colina. Coisas assim não acontecem.

— Mas há pessoas que esperam que sim — disse Eleanor.

Theodora riu e deu uma volta em frente do espelho e pegou a mão de Eleanor. — Minha companheira de aventuras — disse — vamos explorar.

— Não podemos nos afastar muito da casa...

— Prometo não ir mais longe do que você disser. Acha que temos de nos apresentar à Sra. Dudley na saída e na entrada?

— Ela provavelmente está fiscalizando tudo que fazemos; deve ser parte do que foi combinado.

— Combinado com quem, eu me pergunto? O Conde Drácula?

— Você acha que *e/le* mora na Casa da Colina?

— Acho que passa todos os fins-de-semana aqui; juro que vi morcegos lá embaixo. Vamos, vamos.

Correram pelas escadas, movendo-se com cor e vida contra as madeiras escuras e luz embaçada das escadas, fazendo barulho com os pés, e a Sra. Dudley estava embaixo e as olhou em silêncio.

— Vamos explorar, Sra. Dudley — disse Theodora casualmente. — Estaremos por aí em algum lugar.

— Mas voltaremos logo — acrescentou Eleanor.

— Sirvo o jantar no bufê às seis horas — explicou a Sra. Dudley.

Eleanor, fazendo força, abriu a grande porta de entrada; era tão pesada quanto parecia, e pensou: Temos de arranjar uma maneira mais fácil de entrar quando voltarmos. — Deixe essa porta aberta — disse sobre o ombro para Theodora. — É muito pesada. Pega um daqueles vasos grandes para escorar.

Theodora arrastou um dos grandes vasos de pedra do canto do *hall* e juntas o encostaram contra a porta. A luz desvanecente do sol lá fora era um contraste vivo com a escuridão da casa e o ar estava fresco e doce. Atrás delas a Sra. Dudley moveu o vaso e a porta se fechou com estrondo.

— Que pessoa adorável — disse Theodora para a porta fechada. Por um instante seu rosto se encheu de raiva e Eleanor pensou, espero que nunca olhe para mim assim, e ficou surpresa lembrando-se que era sempre muito tímida com estranhos, desajeitada e encabulada, e no entanto em pouco mais de meia hora já considerava Theodora como uma pessoa chegada a ela, vital, alguém cuja raiva poderia causar medo. — Acho — disse Eleanor, hesitante, mas relaxou, porque quando falou Theodora virou-se e sorriu — acho que durante o dia, quando a Sra. Dudley estiver aqui, vou arranjar alguma coisa muito interessante para fazer bem longe da casa. Passar o rolo na quadra de tênis, talvez. Ou cuidar das uvas na estufa.

— Talvez você pudesse ajudar Dudley no portão.

— Ou procurar túmulos sem nome no meio do mato.

Estavam em pé junto à balaustrada da varanda; de lá podiam avistar a estrada privativa até o ponto onde curvava novamente para dentro das árvores e mais abaixo acompanhando as curvas das colinas até uma linha distante que poderia ser a estrada principal, o caminho de volta às cidades de onde tinham vindo. Com exceção dos fios que iam da casa a um lugar entre as árvores, não havia sinal de que a Casa da Colina pertencesse de maneira nenhuma ao resto do mundo. Eleanor virou e seguiu a varanda; aparentemente, contornava a casa toda. — Ah, vem ver isso — disse.

Atrás da casa as colinas se empilhavam em massas comprimidas, banhadas agora de verde de verão, férteis e silenciosas. — É por

isso que deram o nome de Casa da Colina — disse Eleanor, tolamente.

— É completamente vitoriano — disse Theodora. — Eles adoravam esse tipo de coisas enormes, ondulantes, e se afundavam em veludos e borlas e pelúcia púrpura. Qualquer pessoa antes deles, ou depois, teria construído a casa lá em cima das colinas onde ela pertence, em vez de enterrá-la aqui.

— Se estivesse no topo da colina todos podiam vê-la. Acho melhor deixá-la bem escondida onde está.

— Todo o tempo que eu estiver aqui vou morrer de medo — disse Theodora — pensando que uma dessas colinas pode cair em cima de nós.

— Elas não caem. Simplesmente escorregam, silenciosa e secretamente, esmagando você quando procura fugir.

— Obrigada — disse Theodora em voz fraca. — Você completou muito bem o que a Sra. Dudley começou. Vou fazer as malas e voltar para casa imediatamente.

Acreditando nela momentaneamente, Eleanor virou, mas aí viu que estava sorrindo e pensou, ela é muito mais corajosa do que eu. Inesperadamente — embora mais tarde isso se tornasse familiar, um atributo reconhecível do que significaria "Theodora" na mente de Eleanor — Theodora leu o pensamento de Eleanor e o respondeu. — Não tenha tanto medo todo o tempo — disse, e estendeu um dedo para tocar de leve a face de Eleanor. — Nunca sabemos de onde vem nossa coragem. — Então, depressa, desceu os degraus e correu para o gramado entre os grupos de árvores altas. — Depressa — gritou para trás — quero ver se existe um riacho por aqui.

— Não podemos ir muito longe — disse Eleanor, seguindo-a. Como duas crianças, correram pela grama, ambas felizes com a amplitude do espaço depois de mesmo pouco tempo confinadas na Casa da Colina, os pés agradecendo a grama depois dos soalhos firmes; com instinto quase animal, seguiram o ruído e o cheiro de água. — Aqui — disse Theodora — essa trilha.

Levou-as tentadoramente mais próximo do ruído de água, fazendo voltas entre as árvores, deixando-as vislumbrar ocasionalmente a estrada privativa, levando-as para longe da casa e

sempre descendo. Ao se afastarem da casa e das árvores e passarem por lugares onde a luz do sol ainda podia encontrá-las, Eleanor se sentiu melhor, embora pudesse ver que o sol caía rapidamente para as colinas amontoadas. Chamou Theodora, mas Theodora respondeu: — Venha, venha — e correu pela trilha. De repente parou, sem fôlego e quase perdendo o equilíbrio, na margem do riacho, que surgira à sua frente inesperadamente; Eleanor, vindo mais devagar, segurou sua mão e a puxou para trás e então, rindo, caíram de encontro à ribanceira que se inclinava abruptamente para a água.

— Gostam de fazer surpresas aqui — disse Theodora, tentando respirar.

— É sua culpa por ter se precipitado — disse Eleanor. — Correndo daquela maneira.

— É bonitinho, não é? — A água do córrego formava pequenas ondas brilhantes; do outro lado a grama crescia até a beira da água e flores amarelas e azuis inclinavam as cabeças; havia uma colina arredondada lá e talvez mais campos além dela e, muito longe, as grandes colinas que ainda alcançavam a luz do sol. — Bonito — disse Theodora, com segurança.

— Tenho certeza que já estive aqui antes — disse Eleanor. — Num livro de contos de fadas, talvez.

— Estou certa disso. Você sabe fazer uma pedra saltar em cima da água sem afundar?

— É aqui que a princesa vem para encontrar o peixinho dourado mágico que é na verdade um príncipe encantado...

— Esse seu peixe dourado teria que nadar em pouca água; não tem mais que uns seis centímetros.

— Há pedras para se cruzar e peixinhos nadando, bem pequenos...

— Príncipes encantados, todos eles. — Theodora esticou-se sob o sol na ribanceira e bocejou. — Girinos? — sugeriu.

— Não. É tarde demais para girinos, bobinha, mas aposto que podemos encontrar ovos de rãs. Costumava pegar peixinhos com as mãos e depois soltá-los.

— Que ótima mulher de fazendeiro você devia ser.

— Esse lugar aqui é especial para piqueniques, com o almoço ao lado do riacho e ovos cozidos.

Theodora riu. — Salada de galinha e bolo de chocolate.

— Limonada em uma garrafa térmica. Sal derramado.

Theodora rolou na grama. — Todo mundo está errado sobre as formigas, sabe. Nunca há formigas. Vacas, às vezes, mas acho que nunca vi uma formiga em um piquenique.

— E havia sempre um touro no campo? Alguém sempre dizia: "Mas não podemos atravessar aquele campo; o touro está lá."

Theodora abriu um olho. — Você teve um tio que era um comico? Todo mundo ria quando ele abria a boca? E ele costumava dizer que não tivesse medo do touro, se ele viesse atrás de você bastava você pegar a argola do nariz dele, jogá-lo para o ar e fazê-lo dar voltas acima de sua cabeça?

Eleanor jogou uma pedra no riacho e viu-a ir até o fundo. — Você tem muitos tios?

— Milhares. E você?

Depois de um minuto Eleanor disse: — Oh, sim. Grandes e pequenos e gordos e magros...

— Você tem uma Tia Edna?

— Tia Muriel.

— Magra? De óculos?

— Um broche de granada — disse Eleanor.

— E usa um vestido vermelho-escuro nas festas de família?

— Com punhos de renda...

— Então acho que devemos ser parentes — disse Theodora. — Você usou aparelho nos dentes?

— Não. Tinha sardas.

— Fui para uma escola particular onde me ensinaram a fazer reverências.

— Eu ficava resfriada o inverno inteiro. Minha mãe me obrigava a usar meias de lã.

— Minha mãe obrigava meu irmão a me levar a festas e eu fazia reverências feito doida. Meu irmão ainda tem raiva de mim.

— Eu levei um tombo durante o desfile de formatura.

— Eu esqueci minha fala na opereta.

— Eu costumava escrever poesias.

— É — disse Theodora — tenho certeza de que somos primas.

Sentou, rindo, e então Eleanor disse: — Fique quieta; tem alguma coisa se mexendo ali. — Imóveis, com os ombros se tocando, ficaram olhando o lugar na colina do outro lado do riacho onde a grama se movera, olhando algo escondido se mover lentamente na colina iluminada, congelando a luz do sol e o córrego dançante. — O que é? — perguntou Eleanor, e Theodora apertou seu pulso.

— Foi embora — disse Theodora distintamente, e o sol voltou e ficou quente de novo. — Era um coelho — disse Theodora.

— Não vi nada — disse Eleanor.

— Eu vi logo que você falou — disse Theodora, com firmeza — Era um coelho. Subiu a colina e sumiu.

— Já estamos aqui há muito tempo — disse Eleanor, e olhou ansiosamente para o sol tocando o topo das colinas. Levantou-se depressa e sentiu as pernas entorpecidas por ter ficado ajoelhada tanto tempo na grama úmida.

— Imagine só duas moças maravilhosas como nós, habituadas a piqueniques — disse Theodora —, fiquem com medo de um coelho.

Eleanor se inclinou e estendeu a mão para ajudá-la a se levantar. — É bom nos apressarmos — disse e porque ela mesma não compreendia por que estava tão nervosa, acrescentou: — Os outros já devem ter chegado.

— Vamos voltar aqui breve para um piquenique — disse Theodora, seguindo-a cuidadosamente na trilha, que subia abruptamente. — Vamos fazer um piquenique à moda antiga à beira do riacho.

— Podemos pedir à Sra. Dudley que cozinhe uns ovos. — Eleanor parou no caminho, sem se virar. — Theodora — disse — acho que não posso, sabe. Acho que não vou conseguir.

— Eleanor. — Theodora botou o braço ao redor de seus ombros. — Você vai deixar que eles nos separem agora? Agora que descobrimos que somos primas?

III

O SOL desceu suavemente atrás das colinas, deslizando quase com ansiedade, no final, na massa fofa. Longas sombras já se projetavam sobre o gramado quando Eleanor e Theodora subiram o caminho para a varanda do lado da Casa da Colina, cuja fachada demente se escondia na escuridão crescente.

— Tem alguém esperando ali — disse Eleanor, andando mais depressa, e foi assim que viu Luke pela primeira vez. A jornada termina no encontro dos amantes, pensou, e só conseguiu dizer, inadequadamente: — Está procurando por nós?

Ele viera até a balaustrada da varanda, olhando para elas na penumbra e agora fez um grande cumprimento. — "Se são mortos" — disse — "então morto sou eu." Senhoras, se são habitantes fantasmagóricos da Casa da Colina, aqui ficarei para sempre.

É muito tolo, pensou Eleanor com severidade, e Theodora disse: — Sinto muito por não estarmos aqui para recebê-lo. Fomos explorar os arredores.

— Uma velha bruxa me recebeu, muito obrigado — disse ele. — "Como vai", falou, "espero encontrá-lo vivo quando voltar de manhã e o jantar está no bufê." Com essas palavras, partiu num conversível último modelo com o Primeiro e o Segundo Assassinos.

— A Sra. Dudley — disse Theodora. — O Primeiro Assassino deve ser o Dudley do portão; suponho que o outro seja o Conde Drácula. Uma família muito sadia.

— Já que estamos falando dos personagens — ele disse — meu nome é Luke Sanderson.

Eleanor falou, espantada: Então faz parte da família? Os donos da Casa da Colina? Não é um dos convidados do Dr. Montague?

Sou membro da família; algum dia esse monumento me pertencerá; até lá, entretanto, estou aqui como convidado do Dr. Montague.

Theodora deu uma risadinha. — E *nós* — disse — somos Eleanor e Theodora, duas meninas que estavam planejando um piquenique

lá perto do riacho e correram para casa com medo de um coelho.

— Tenho um medo mortal de coelhos — disse Luke, polidamente.

— Posso ir também se prometer carregar a cesta do piquenique?

— Pode trazer seu violão e tocar para nós enquanto comemos sanduíches de galinha. O Dr. Montague está aqui?

— Está lá dentro — disse Luke — exultante porque conseguiu sua casa mal-assombrada.

Ficaram em silêncio um instante, querendo se aproximar mais uns dos outros, e então Theodora disse em voz fraca: — Não é nada engraçado, não é, agora que está ficando escuro.

— Senhoras, sejam bem-vindas. — E a grande porta de entrada se abriu. — Entrem. Sou o Dr. Montague.

2

OS QUATRO estavam juntos, pela primeira vez, no grande e escuro *hall* da Casa da Colina. Ao seu redor, a casa se firmou e os localizou, acima deles as colinas dormiam vigilantes, pequenos redemoinhos de ar e sons e movimentos moviam-se e esperavam e murmuravam, e o centro da consciência era o pequeno espaço onde estavam, quatro pessoas separadas, entreolhando-se confiantes.

— Estou muito contente que tenham todos chegado sãos e salvos, e na hora — disse o Dr. Montague. — Bem-vindos, todos, bem-vindos à Casa da Colina... embora isso talvez devesse ser dito por você, meu amigo. Seja como for, bem-vindos, bem-vindos Luke, meu caro, você sabe fazer um martini?

3

O DR. MONTAGUE ergueu o copo e tomou um gole, esperançoso, e suspirou. — Mais ou menos — disse. — Só mais ou menos, meu amigo. Ao nosso sucesso na Casa da Colina.

— O que chamaria de sucesso, exatamente, em um caso desses? — perguntou Luke, curioso.

O doutor riu. — Digamos então — disse — que espero que todos nós tenhamos umas férias excitantes e que meu livro deixe meus colegas estupefatos. Se bem que não possa chamar sua visita de férias, embora assim pareça para alguns de vocês, porque espero que trabalhem, embora o trabalho, é claro, dependa muito do que tiver de ser feito, não é? Anotações — disse com alívio, como se estivesse se agarrando a algo sólido em um mundo de neblinas —, anotações. Vamos anotar tudo; para alguns é uma tarefa agradável.

— Desde que ninguém faça trocadilhos sobre espíritos e espíritos — disse Theodora, estendendo o copo para Luke encher.

— Espíritos? — O doutor olhou-a fixo. — Espíritos? Ah, sim, espíritos alcoólicos... Claro que nenhum de nós... — Hesitou, franzindo as sobrancelhas. — Claro que não — disse e tomou um grande gole da bebida, agitado.

— Tudo é muito estranho — disse Eleanor. — Esta manhã estava pensando como seria a Casa da Colina e agora não consigo acreditar que existe e que estamos aqui.

Estava em uma pequena sala, escolhida pelo doutor, que os levara até lá seguindo um corredor estreito, um pouco confuso a Princípio, mas depois achando o caminho. Não era uma sala agradável, isso não. O teto era alto demais e a lareira muito estreita parecia fria apesar do fogo que Luke acendera imediatamente; as cadeiras onde sentavam eram arredondadas e escorregadias, e a luz das cúpulas de contos coloridas criava sombras nos cantos. A impressão que a sala dava era de ser púrpura; a seus pés o tapete fulgurava em sombrios desenhos retorcidos, as paredes eram cobertas de papel e cheias de ouro folheado e um cupido de mármore sorria idiotamente do consolo da lareira. Quando se calavam por um instante o peso silencioso da casa os comprimia de todos os lados. Eleanor, pensando se é que estava ali mesmo e não sonhando com a Casa da Colina de algum outro lugar seguro incrivelmente remoto, olhou lenta e cuidadosamente em redor, dizendo a si mesma que era real, essas coisas existiam, desde as lajes da lareira até o cupido de mármore; essas pessoas iam ser suas amigas. O Dr. Montague era redondo e rosado e barbado e parecia pertencer a uma sala agradável, com lareira acesa, um gato

nos joelhos e uma mulherzinha cor-de-rosa para lhe trazer pãezinhos com geléia, no entanto era, sem dúvida alguma, o Dr. Montague que guiara Eleanor até aqui, um homem de muitos conhecimentos e também teimoso. Do outro lado da lareira, Theodora, que instintivamente escolhera a cadeira mais confortável, enrolara-se de maneira que as pernas estavam penduradas sobre o braço da poltrona e encostara a cabeça nas costas; era como um gato, pensou Eleanor, e evidentemente um gato que estava esperando o jantar. Luke não parava um minuto, movia-se de um lado para o outro nas sombras, enchendo copos, mexendo o fogo, tocando no cupido de mármore; a luz do fogo o iluminava; estava irrequieto. Estavam todos em silêncio, olhando o fogo na lareira, preguiçosos depois de suas jornadas; e Eleanor pensou, sou a quarta pessoa nessa sala; sou parte deles; pertença.

— Já que estamos todos aqui — disse Luke de repente, como se não tivesse havido nenhuma pausa na conversação — não seria bom nos conhecermos melhor? Até agora só sabemos nomes. Sei que Eleanor está usando um suéter vermelho e portanto deve ser Theodora que veste uma saia...

— Dr. Montague tem barba — disse Theodora — portanto você deve ser Luke.

— E você é Theodora — disse Eleanor — porque eu sou Eleanor. — Uma Eleanor que faz parte do grupo, disse a si mesma, triunfantemente, que fala com facilidade, que está sentada junto da lareira com seus amigos.

— Por conseguinte *você* está usando um suéter vermelho — Theodora explicou com toda seriedade.

— Eu não tenho barba — disse Luke — portanto *ele* deve ser o Dr. Montague.

— Eu tenho barba — disse Dr. Montague, satisfeito e olhou em volta, sorrindo. — Minha senhora — explicou — *gosta* de um homem com barba. Muitas outras, entretanto, não gostam de barbas. Um homem sem barba — desculpe, meu caro rapaz — nunca parece bem vestido, é o que minha esposa diz. — Estendeu o copo para Luke.

— Agora que sei qual de nós é eu — disse Luke — deixem-me ir um pouco além. Sou, na vida privada — presumindo que isso aqui seja a vida pública e o resto do mundo realmente privado — digamos, um toureador. É isso mesmo, um toureador.

— Amo meu amor com B — disse Eleanor, sem querer — porque ele é barbado.

— Verdade. — Luke concordou com a cabeça. — Isso faz de mim o Dr. Montague. Moro em Bancoc e minha mania é andar atrás de mulheres.

— De maneira alguma — protestou o Dr. Montague, divertido. — Moro em Belmont.

Theodora riu e lançou a Luke aquele mesmo olhar rápido de compreensão que lançara antes a Eleanor. Eleanor, observando, pensou que talvez às vezes fosse opressivo conviver por muito tempo com alguém com tanta percepção, tão bem sintonizada, quanto Theodora. — Sou, por profissão, modelo de artistas — disse Eleanor depressa, para silenciar seus próprios pensamentos. — Levo uma vida louca, desregrada, enrolada em um xale, indo de mansarda a mansarda.

— Você é impiedosa e devassa? — perguntou Luke. — Ou é uma criatura frágil que se apaixonará pelo filho do lorde e definhará?

— Perdendo toda sua beleza e tossindo muito? — acrescentou Theodora.

— Acho que tenho um coração de ouro — disse Eleanor pensativamente. — De qualquer maneira, meus romances são falados em todos os bares. — Deus meu, pensou. Deus meu.

— Aí de mim — disse Theodora — sou a *filha* de um lorde. Geralmente ando envolta em sedas e rendas e tecidos de ouro, mas tomei emprestadas as roupas de minha criada para aparecer aqui entre vocês. Pode ser, é claro, que goste tanto da vida das pessoas comuns que não volte nunca, e aí a pobre rapariga vai ter de arranjar outras roupas. E o senhor, Dr. Montague?

Ele sorriu para as chamas. — Um peregrino. Um aventureiro.

— É realmente um grupinho muito afim — disse Luke, com ar de aprovação. — Destinados todos a se tornarem amigos inseparáveis.

Uma cortesã, um peregrino, uma princesa e um toureador. A Casa da Colina nunca viu coisa igual.

— Dou as honras à Casa da Colina — disse Theodora. — Nunca vi coisa igual a *ela*. — Levantou, levando o copo, e foi examinar uma jarra de flores de vidro. — Qual seria o nome dessa sala, por acaso sabem?

— Uma saleta, talvez — disse o Dr. Montague. — Talvez uma sala íntima. Achei que ficaríamos mais confortáveis aqui do que em uma das outras salas. Acho até que deveríamos considerar essa sala como nosso centro de operações, a nossa sala de estar; pode não ser muito alegre...

— *Claro* que é alegre — disse Theodora resolutamente. — Não há nada mais excitante que estofo bordô e painéis de carvalho, e o que é aquilo lá no canto?

— Amanhã vocês verão as *outras* salas — disse o doutor.

— Se essa vai ser nossa sala de estar — disse Luke — proponho que arranjemos outras cadeiras. Não consigo sentar por mais de um minuto sem escorregar disse confidencialmente a Eleanor.

— Amanhã — disse o Dr. Montague. — Amanhã, por falar nisso, vamos explorar a casa inteira e arrumar as coisas a nosso gosto. E agora, se todos já terminaram, sugiro que vejamos o que a Sra Dudley providenciou para o jantar.

Theodora precipitou-se para a porta e parou, confusa. — Alguém tem de me tirar daqui — disse. — Não tenho a menor ideia onde é a sala de jantar. — Apontou. — Aquela porta dá para o corredor comprido e depois o *hall* de entrada — disse.

O doutor sorriu. — Errado, minha cara. Aquela porta dá para a estufa. — Levantou-se para mostrar o caminho. — Estudei a planta da casa — disse, complacente — e creio que basta ir por essa porta aqui, seguir um corredor até o *hall* de entrada, atravessar o *hall* e a sala de bilhar para encontrar a sala de jantar. Não é difícil — acrescentou — desde que se tenha prática.

— Por que fizeram tudo tão confuso? — perguntou Theodora. — Por que tantas salinhas esquisitas?

— Talvez gostassem de brincar de esconder — disse Luke.

— Não entendo porque gostavam de tudo tão escuro — disse Theodora. Ela e Eleanor seguiam o Dr. Montague pelo corredor e Luke vinha atrás, parando para olhar dentro de uma gaveta de um consolo e exclamando em voz alta ao ver os cupidos e laços de fitas que terminavam os painéis das paredes.

— Algumas dessas salas são internas — disse o doutor. — Não têm janelas, não têm nenhum acesso à parte externa. Isso não é de estranhar em casas dessa época, pois mesmo quando havia janelas, eram sempre cobertas com reposteiros pesados por dentro e arbustos do lado de fora. Ah. — Abriu a porta do corredor e mostrou o *hall* de entrada. — Agora — disse, contemplando as portas em frente, duas menores flanqueando a porta dupla central. — Agora — disse, e escolheu a mais próxima. — A casa tem suas esquisitices — continuou, segurando a porta para que pudessem todos passar à sala escura. — Luke, venha cá e segure essa porta para que eu possa achar a sala de jantar. — Movendo-se cuidadosamente, cruzou a sala e abriu outra porta e os outros o seguiram, entrando na sala mais agradável que já haviam visto; mais agradável, certamente, devido às luzes e à vista e cheiro de comida. —Estou de parabéns — disse, esfregando as mãos, satisfeito. — Trouxe-os à civilização depois de cruzar o deserto desconhecido da Casa da Colina.

— Devíamos deixar todas as portas abertas. — Theodora olhou sobre o ombro, nervosa. — *Odeio* esse negócio de andar no escuro.

— Teria de calçar com alguma coisa — disse Eleanor. —Todas as portas dessa casa se fecham automaticamente.

— Amanhã — disse o Dr. Montague. — Vou tomar nota. Calços para as portas. — Dirigiu-se, feliz, para o bufê, onde a Sra. Dudley havia colocado uma série imponente de travessas cobertas. A mesa estava posta para quatro, com luxuoso arranjo de castiçais e tecido de damasco e pratos.

— O que há de melhor — disse Luke, pegando um garfo com um gesto que confirmaria as piores suspeitas de sua tia. — O faqueiro dos dias de gala.

— Acho que a Sra. Dudley se orgulha muito da casa — disse Eleanor.

— Pelo menos está nos tratando como reis — disse o doutor, tirando as tampas das travessas. — Acho um sistema excelente. A Sra. Dudley sai daqui antes de escurecer e nos deixa apreciar nosso jantar sem sua desagradável companhia.

— Talvez — disse Luke, olhando o prato que estava enchendo generosamente —, talvez eu tenha sido injusto com a boa Sra. Dudley. *Por que* penso nela sempre como a *boa* Sra. Dudley? Ela disse que esperava me ver vivo de manhã e que o jantar estava no bufê. Agora desconfio que tencionava me matar de tanto comer.

— Por que ela continua aqui? — Eleanor perguntou ao Dr. Montague. — Por que ficam aqui, ela e o marido, sozinhos nessa casa?

— Pelo que sei, os Dudley tomam conta da Casa da Colina desde tempos imemoriais e certamente os Sanderson ficaram muito contentes de conservá-los. Mas amanhã...

Theodora deu uma risadinha. — A Sra. Dudley provavelmente é o único membro sobrevivente da família a quem a Casa da Colina *realmente* pertence. Eu acho que ela só está esperando que todos os herdeiros Sanderson, e isso quer dizer você, Luke, morram de várias maneiras horrorosas para ficar dona da casa e da fortuna em jóias que está enterrada no porão. Ou talvez ela e Dudley estejam juntando ouro no quarto secreto, ou então há petróleo debaixo da casa.

— Não há quartos secretos na Casa da Colina — disse o doutor categoricamente. — Naturalmente, isso já foi sugerido antes e acho que posso dizer com toda certeza que isso não existe aqui. Mas amanhã...

— De qualquer maneira, petróleo já passou de moda — Luke disse para Theodora. — A Sra. Dudley teria de me assassinar premeditadamente pelo menos por urânio.

— Ou simplesmente por prazer — disse Theodora.

— Sim — disse Eleanor — mas por que estamos aqui?

Por longos instantes os três a olharam, Theodora e Luke com curiosidade, o doutor com gravidade. Depois Theodora disse: — Era exatamente o que *eu* ia perguntar. *Por que* estamos aqui. O que há de errado com a Casa da Colina? O que vai acontecer?

— Amanhã...

— Não — disse Theodora, quase com petulância. — Somos três adultos inteligentes. Viemos de longe, Dr. Montague, para encontrá-lo aqui na Casa da Colina; Eleanor quer saber por que e eu também.

— Eu também — disse Luke.

— Por que nos trouxe aqui, doutor? — E por que o senhor está aqui? Como ouviu falar da Casa da Colina e por que ela tem essa reputação e o que realmente acontece aqui? O que *vai* acontecer?

O doutor franziu as sobrancelhas, com ar infeliz. — Não sei — disse, e depois, quando Theodora fez um gesto irritado, continuou: — Sei muito pouco sobre a casa e naturalmente tencionava lhes contar tudo que sei; quanto ao que vai acontecer, só vou saber isso quando vocês souberem. Mas acho que é melhor falar nisso amanhã; à luz do dia...

— Por mim, não — disse Theodora.

— Garanto-lhes — disse o doutor — que a Casa da Colina ficará quieta esta noite. Existe um sistema nessas coisas, como se os fenômenos psíquicos estivessem sujeitos a leis muito especiais.

— Sou de opinião que devíamos falar disso hoje à noite disse Luke.

— Não estamos com medo — disse Eleanor.

O doutor suspirou novamente. — Vamos imaginar — disse lentamente — que vocês ouvissem a história da Casa da Colina e decidissem não ficar. Como iriam embora, hoje à noite? — Olhou em volta de novo, rapidamente. — Os portões estão trancados. A Casa da Colina tem reputação de insistir em hospitalidade; parece que não gosta de perder seus convidados. A última pessoa que tentou deixar a Casa da Colina no escuro — foi há dezoito anos atrás, garanto — foi morta na curva da estrada, quando seu cava-lo disparou e a imprensou contra aquela árvore grande. Vamos imaginar que eu lhes fale da Casa da Colina e um de vocês queira ir embora? Pelo menos amanhã poderíamos nos certificar que chegasse à aldeia são e salvo.

— Mas não vamos fugir — disse Theodora. — Eu não vou, nem Eleanor, nem Luke.

— "Heroicamente, nos baluartes..." — concordou Luke.

— Vocês são uns assistentes muito insubordinados. Então, depois do jantar. Iremos para nossa sala privada para tomar café e um pouco do excelente conhaque que Luke tem na mala, e eu lhes contarei tudo que sei sobre a Casa da Colina. Mas por enquanto vamos falar de música, ou pintura, ou até mesmo de política.

4

— NÃO RESOLVERA ainda — disse o doutor, virando o copo de conhaque nas mãos para esquentá-lo — como melhor preparar vocês para a Casa da Colina. Não podia lhes escrever sobre isso e mesmo agora sinto grande relutância em influenciá-los com a estória completa antes que tenham tido uma chance de verem com seus próprios olhos.

Estavam de volta na sala pequena, confortavelmente aquecidos e sonolentos. Theodora desistira da cadeira e sentara no tapete, de pernas cruzadas, quase cochilando. Eleanor, que gostaria de sentar a seu lado, não pensara nisso a tempo e se condenou a uma das poltronas escorregadias, sem querer chamar atenção, saindo de onde estava para se acomodar desajeitadamente no tapete. O ótimo jantar da Sra. Dudley e uma hora de conversação haviam eliminado os vestígios de irrealidade e constrangimento; começaram a travar conhecimento, a reconhecer vozes e maneiras, feições e modos de rir; Eleanor percebeu com grande surpresa que estava na Casa da Colina há somente quatro ou cinco horas, e sorriu de leve para o fogo na lareira. Sentia a fria haste do copo entre os dedos, a pressão rígida das costas da poltrona, os leves movimentos de ar na sala, que apenas se notavam pela pequena agitação de borlas e contas. A escuridão tomava conta dos cantos da sala e o cupido de mármore sorria para eles com grande bom humor.

— Hora apropriada para uma estória de fantasmas disse Theodora.

— Por favor — disse o doutor austeramente. — Não somos crianças, tentando nos assustar uns aos outros.

— Desculpe — Theodora sorriu para ele. — Estou só tentando me acostumar a tudo isso.

— Vamos — disse o doutor — tomar muito cuidado com o que dizemos. Ideias preconcebidas de fantasmas e aparições...

— A mão sem punho dentro da sopa — disse Luke, querendo cooperar.

— Meu caro rapaz. Por *favor*. Estava procurando explicar que nosso objetivo aqui, já que é científico e exploratório, não deve ser afetado, talvez até deturpado, por estórias fantasmagóricas mal lembradas que pertencem realmente a... digamos, um círculo de adolescentes em volta de uma fogueira. — Satisfeito com suas palavras, olhou em volta para se certificar que todos haviam achado divertido o que dissera. — Na verdade, minhas pesquisas no correr dos anos têm-me levado a elaborar certas teorias sobre fenômenos psíquicos que agora, pela primeira vez, tenho a oportunidade de verificar. O ideal seria que vocês não soubessem nada sobre a Casa da Colina. Deveriam ser ignorantes e receptivos.

— E tomar notas — murmurou Theodora.

— Notas. É claro. Notas. Compreendo, entretanto, que não é nada prático deixar vocês completamente no escuro, principalmente porque vocês não estão habituados a enfrentar uma situação sem estarem preparados. — Olhou-os maliciosamente. — Vocês são três crianças voluntariosas, mimadas, prontas a me importunar por uma estória. — Theodora deu uma risadinha e o doutor inclinou a cabeça em sua direção, com ar jocosos. Ficou de pé e colocou-se em frente da lareira, na pose clássica do professor; parecia até sentir falta do quadro negro atrás, porque uma ou duas vezes virou-se, com a mão erguida, como se procurasse o giz. — Agora — disse — vamos falar da Casa da Colina. — Queria ter um caderno e um lápis, pensou Eleanor, só para ele se sentir bem. Olhou para Theodora e Luke e viu que os dois rostos estavam por instinto completamente absortos, como se estivessem em uma sala de aulas; quanta seriedade, pensou; entramos em outra fase de nossa aventura.

— Devem estar lembrados — começou o doutor — de casas descritas no Levítico como sendo "leprosas", *tsaraas*, ou seja, a frase de Homero referente ao inferno; *aidao domos*, a casa dos mortos;

não é preciso lembrar-lhes, creio, que o conceito de certas casas como sendo proibidas ou impuras... talvez sagradas... existe desde o início da humanidade. Indiscutivelmente, há lugares que inevitavelmente incorporam uma atmosfera de santidade e bondade; portanto não é tão absurdo dizer que há certas casas que nascem más. A Casa da Colina, seja por que for, tem sido inabitável há mais de vinte anos. Como era antes disso, se sua personalidade foi moldado por pessoas que moraram aqui, ou o que essas pessoas fizeram, ou se era maligna desde o início, são perguntas que não posso responder. Naturalmente espero que todos nós saibamos muito mais sobre a Casa da Colina antes de irmos embora daqui. Ninguém sabe mesmo por que algumas casas são chamadas de mal-assombradas.

— Que outro nome daria à Casa da Colina? — perguntou Luke.

— Bem... perturbada, talvez. Leprosa. Doente. Qualquer dos eufemismos comuns para loucura; uma casa demente é um conceito estranho. Há teorias populares que descontam os mistérios, as coisas sinistras; há pessoas que diriam que os distúrbios que chamo de "psíquicos" são causados na verdade por águas subterrâneas, ou correntes elétricas, ou alucinações provocadas por ar poluído; pressão atmosférica, manchas solares, tremores de terra, tudo isso tem seus defensores entre os cépticos. As pessoas — disse o doutor com tristeza — estão sempre tão ansiosas para trazer tudo à tona, para poderem dar um nome a tudo, mesmo que seja um nome sem sentido, desde que pareça científico. — Suspirou, relaxando os músculos, e sorriu com ironia. — Uma casa mal-assombrada — disse. — Todo mundo acha graça. Acabei dizendo aos meus colegas na universidade que ia acampar este verão.

— Eu disse a todo mundo que ia fazer parte de uma experiência científica — disse Theodora. — Sem dizer onde nem o quê, é claro.

— Provavelmente seus amigos não se importam tanto com experiências científicas quanto os meus. É. — O doutor suspirou novamente. — Acampar. Na minha idade. No entanto, acreditaram. Bem. — Empertigou-se e estendeu a mão, possivelmente procurando uma régua para apontar o quadro negro. — A primeira vez que ouvi falar na Casa da Colina foi há um ano, por um ex-

inquilino. Começou por me dizer que saíra da Casa da Colina porque a família não queria morar tão longe da cidade e acabou confessando que em sua opinião a casa devia ser queimada e o terreno coberto de sal. Soube de outras pessoas que haviam alugado a Casa da Colina e descobri que nenhuma delas havia ficado mais que uns poucos dias, nunca, certamente, a duração do contrato, dando desculpas que iam da umidade do local (o que não é verdade, por falar nisso; a casa é muito seca) à necessidade de mudar por razões de negócios. Em outras palavras, todos os inquilinos que deixaram a Casa da Colina apressadamente fizeram um esforço para dar uma razão racional por terem ido, no entanto todos eles se foram. Tentei, é claro, arrancar algo mais desses ex-inquilinos, mas não consegui que nenhum deles falasse sobre a casa; todos se mostraram profundamente relutantes em me dar informações e até em recordar qualquer detalhe de sua permanência aqui. Em uma coisa eram todos iguais. Sem exceção, todas as pessoas que passaram algum tempo nesta casa aconselharam-me veementemente a ficar o mais longe possível daqui. Nenhum dos ex-inquilinos admitiu que a Casa da Colina fosse mal-assombrada, mas quando fui a Hillsdale e vi os arquivos de jornais antigos...

— Jornais? — perguntou Theodora. — Houve algum escândalo?

— Ah, sim — disse o doutor. — Um escândalo maravilhoso, completo com um suicídio e loucura e ações judiciais. Então soube que o pessoal do local não tinha dúvidas quanto à casa. Ouvi uma dúzia de estórias diferentes, é claro (é incrivelmente difícil obter informações corretas sobre uma casa mal-assombrada; ficariam surpresos se lhes dissesse o que tive de fazer para aprender o pouco que sei) e o resultado é que procurei a Sra. Sanderson, tia do Luke, e combinei alugar a Casa da Colina. Ela foi muito franca quanto ao fato de a casa ser indesejável...

— É mais difícil tocar fogo numa casa do que se pensa — disse Luke.

— ...mas concordou em me alugar a casa por um curto prazo para que efetuasse minhas pesquisas sob condição de que um membro da família fizesse parte do grupo.

— Esperam — disse Luke solenemente — que eu consiga dissuadi-lo de desenterrar todos aqueles velhos escândalos.

— Aí está. Expliquei como e por que estou aqui e por que Luke veio. Quanto às duas damas, todos nós sabemos que estão aqui porque lhes escrevi e aceitaram meu convite. Esperava que cada uma, à sua maneira, intensificasse as forças que trabalham nesta casa; Theodora demonstrou ter habilidades telepáticas e Eleanor, no passado, esteve envolvida com fenômenos de *poltergeist*^(*)...

— Eu?

— Sim. — O doutor a olhou com curiosidade. — Há muitos anos, quando você era criança. As pedras...

Eleanor franziu a testa. Os dedos tremeram em volta do pé do copo, e finalmente disse: — Isso foram os vizinhos. Minha mãe disse que eram os vizinhos. As pessoas são tão invejosas.

— Talvez. — O doutor falou calmamente, e sorriu para Eleanor. — O incidente foi esquecido há muito tempo, é claro; só o mencionei porque é essa a razão por que a quis na Casa da Colina.

— Quando eu era criança — disse Theodora, falando arrastadamente — "há muitos anos", doutor, como o senhor disse, com muito tato, levei uma surra por ter jogado um tijolo no telhado de vidro de uma estufa. Lembro que pensei nisso muito tempo, recordando a surra, mas também o delicioso estrondo, e depois de pensar muito, fui e fiz a mesma coisa de novo.

— Não me recordo muito bem — disse Eleanor para o doutor.

— Mas por quê? — perguntou Theodora. — Quer dizer, entendo que é suposto que a Casa da Colina seja mal-assombrada e que o senhor nos quer aqui, Dr. Montague, para ajudar a tomar nota do que acontecer, e aposto que o senhor não gostaria de ficar aqui sozinho, também, mas não compreendo. E uma casa velha horrível e se eu a tivesse alugado gritaria para que me devolvessem meu dinheiro assim que tivesse visto o *hall* de entrada, mas o que *há* nesta casa? O que assusta tanto as pessoas?

— Não vou dar nome ao que não tem nome — disse o doutor. — Não sei.

— Nunca me disseram o que realmente estava acontecendo — Eleanor insistiu com o doutor. — Minha mãe disse que eram os vizinhos, eles estavam contra nós porque ela não se misturava com eles. Minha mãe...

Luke interrompeu-a, calma e deliberadamente: — Acho — disse — que todos nós queremos fatos. Alguma coisa que possamos compreender e estruturar.

— Em primeiro lugar — disse o doutor — vou fazer uma pergunta a vocês. Querem ir embora? Acham melhor fazermos as malas e deixarmos a Casa da Colina entregue a si mesma e nunca mais termos nada a ver com ela?

Olhou para Eleanor, e Eleanor juntou as mãos e apertou-as; é mais uma chance que tenho de ir embora, pensou, e disse: — Não — e olhou sem jeito para Theodora. — Fui muito infantil hoje à tarde — explicou. — Fiquei com medo à toa.

— Não está dizendo toda a verdade — disse Theodora, lealmente. — Eu também fiquei com medo. Ficamos as duas morrendo de medo por causa de um coelho.

— Bichinhos horríveis, os coelhos — disse Luke.

O doutor riu. — Acho que estávamos todos nervosos essa tarde. E um grande choque sair daquela curva e dar de cara com a Casa da Colina.

— Pensei que ele fosse bater com o carro na árvore — disse Luke.

— Estou cheia de coragem agora numa sala quentinha com a lareira acesa e bem acompanhada — disse Theodora.

— Acho que não podíamos ir embora agora mesmo se quiséssemos. — Eleanor falara sem saber o que ia dizer, e como soaria para os outros; viu que todos a olhavam com estranheza e riu, e acrescentou, meio sem jeito: — A Sra. Dudley nunca nos perdoaria. — Ficou em dúvida se acreditaram que era isso mesmo que pretendia dizer, e pensou: Talvez agora ela tenha nos pegado, esta casa, talvez não nos deixe sair.

— Vamos tomar um pouco de conhaque — disse o doutor — e contarei a vocês a estória da Casa da Colina. — Voltou à sua posição de professor em frente da lareira e começou lentamente, como

alguém relatando feitos de reis mortos há longo tempo e guerras há muito terminadas; mantinha a voz cuidadosamente controlada, não demonstrando nenhuma emoção. — A Casa da Colina foi construída há uns oitenta anos — começou. — Foi construída por um homem chamado Hugh Crain para sua família, como casa de campo, onde esperava que seus filhos e netos vivessem em conforto e luxo, e onde esperava plenamente terminar seus dias em paz. Infelizmente a Casa da Colina foi uma casa triste desde o princípio; a jovem esposa de Hugh Crain faleceu minutos antes de ver a casa pela primeira vez, quando a carruagem que a trazia capotou na estrada e a moça foi trazida, *sem vida* (acho que é assim que diziam naquela época) para a casa que o marido construíra para ela. Deixou Hugh Crain um homem amargo e triste, sozinho com as duas filhinhas para criar, mas ele não abandonou a Casa da Colina.

— As crianças cresceram *aqui*? — perguntou Eleanor incrédula.

O doutor sorriu. — A casa é seca, como disse. Não havia pântanos para causarem febres, o ar do campo era considerado bom para elas, e a casa era luxuosa. Tenho certeza de que duas crianças poderiam brincar aqui, sentindo-se um pouco sós, talvez, mas não infelizes.

— Espero que-tenham brincado no riacho — disse Theodora. Olhou fixamente o fogo na lareira. — Coitadinhas. Espero que as deixassem correr pelos campos e apanhar flores silvestres.

— O pai casou-se novamente — continuou o doutor — duas vezes, para dizer a verdade. Parece que foi... infeliz na escolha de esposas. A segunda Sra. Crain morreu de uma queda, embora não conseguisse detalhes de como e por quê. Sua morte parece que foi tragicamente inesperada quanto a de sua antecessora. A terceira Sra. Crain morreu do que se costumava chamar de consumpção, em algum lugar na Europa; há na biblioteca, em qualquer canto, uma coleção de cartões postais mandados para as duas meninas, que ficaram na Casa da Colina, pelo pai e a madrasta, que viajavam de uma estação de cura a outra. As meninas ficaram entregues à governanta até a morte da madrasta. Depois disso, Hugo Crain anunciou sua decisão de fechar a Casa da Colina e ficar fora do país

e as filhas foram morar com uma prima da mãe, onde ficaram até crescerem.

— Espero que a prima da mãe fosse um pouquinho mais alegre que o velho Hugh — disse Theodora, com os olhos ainda fixos na lareira. — Não gosto de pensar em crianças crescendo como cogumelos, no escuro.

— Elas eram diferentes — disse o doutor. — As duas irmãs passaram o resto de suas vidas brigando por causa da Casa da Colina. Depois de todas as suas grandes esperanças de uma dinastia centralizada aqui, Hugh Crain morreu em alguma parte da Europa, pouco após a mulher, e a Casa da Colina ficou para as duas irmãs, que deviam estar mocinhas nessa época; a mais velha, pelo menos, já havia debutado.

— E penteado os cabelos para cima, e aprendido a tomar champanha e abanar um leque...

— A Casa da Colina ficou vazia por alguns anos, mas sempre pronta para receber a família; primeiro na expectativa da volta de Hugh Crain e, depois de sua morte, para uma ou outra das irmãs que resolvesse viver aqui. Durante esse período aparentemente ficou combinado entre as duas irmãs que a Casa da Colina seria propriedade da irmã mais velha; a mais moça se casara...

— Ah — disse Theodora. — A *mais moça* se casou. Roubou o namorado da irmã, tenho certeza.

— Dizem que a mais velha sofreu um desapontamento no amor — concordou o doutor — embora isto seja o que se diz sempre de qualquer moça que prefira, por qualquer razão que seja, viver só. Seja como for, foi a irmã mais velha que veio morar aqui. Consta que era muito parecida com o pai; morou aqui sozinha por muitos anos, quase em reclusão, embora a aldeia de Hillsdale a conhecesse. Por mais incrível que pareça, ela realmente amava a Casa da Colina e a considerava seu lar. Eventualmente tomou uma rapariga da aldeia para viver com ela, uma espécie de acompanhante; pelo que pude apurar, parece que não havia nada contra a Casa da Colina nessa época, pois a velha Srta. Crain, como era conhecida, contratava seus empregados na aldeia e todos acharam que era um gesto muito bonito ter tomado a moça da aldeia como acompanhante. A velha

Srta. Crain vivia discutindo com a irmã sobre a casa, a irmã mais moça insistindo que desistiria de sua parte na casa em troca de várias relíquias de família, algumas de grande valor, que a irmã se recusava a lhe dar. Havia algumas jóias, várias peças de mobília, e um aparelho de porcelana de bordas de ouro que parecia irritar a irmã mais moça mais que qualquer outra coisa. A Sra. Sanderson me deixou remexer em uma caixa de papéis da família e vi umas cartas que a Srta. Crain recebeu da irmã, e em todas elas esses pratos de borda de ouro são mencionados como assunto principal. Seja como for, a irmã mais velha morreu de pneumonia aqui na casa, sozinha com a moça da aldeia. Falou-se mais tarde que o médico fora chamado tarde demais, que a velha estava lá em cima de uma cama, abandonada, enquanto a moça se divertia no jardim com algum marmanjo da aldeia, mas desconfio que isso não passa de uma invenção maldosa; não encontrei nada que provasse que se pensou isso na ocasião e na verdade a maioria dessas estórias parece vir diretamente da vingança venenosa da irmã mais moça, cuja raiva nunca diminuiu.

— Não gosto da irmã mais moça — disse Theodora. — Primeiro roubou o namorado da irmã e depois tentou roubar a louça da irmã. Não, não gosto dela.

— A Casa da Colina tem uma lista impressionante de tragédias ligadas a ela, mas isso acontece com a maioria das casas muito velhas. As pessoas têm de viver e morrer em algum lugar, e uma casa não pode existir por oitenta anos sem ver alguns de seus moradores morrerem entre suas quatro paredes. Depois da morte da irmã mais velha, houve uma ação judicial. A acompanhante insistia que a casa havia sido deixada para ela, mas a irmã mais moça e o marido protestaram veementemente que a casa lhes pertencia legalmente e alegaram que a acompanhante havia enganado a irmã mais velha e a havia feito assinar documentos alienando a casa que sempre pretendia deixar para a irmã. Foi um negócio muito desagradável, e como em toda briga de família, coisas incrivelmente rudes e cruéis foram ditas pelos dois lados. A acompanhante jurou no tribunal (e aqui, creio, vemos o primeiro sinal da Casa da Colina em sua verdadeira personalidade) que a irmã mais moça entrava na

casa à noite e roubava coisas. Quando a pressionaram para explicar melhor essa acusação, ficou muito nervosa e incoerente e finalmente, forçada a dar alguma prova de sua acusação, disse que estava faltando um faqueiro de prata e um conjunto esmaltado de grande valor, além do famoso aparelho de bordas de ouro, que na verdade seria uma coisa muito difícil de roubar, pensando bem. De sua parte, a irmã mais moça chegou a mencionar assassinato e exigir uma investigação da morte da velha Srta. Crain, trazendo à baila as primeiras estórias de abandono e maus-tratos. Não consegui descobrir se essas sugestões jamais foram levadas a sério. Não há nada arquivado, exceto uma notificação formal do falecimento da irmã mais velha e certamente o pessoal da aldeia teria sido o primeiro a desconfiar se houvesse qualquer coisa estranha sobre a morte. A acompanhante ganhou a causa finalmente e poderia, na minha opinião, ter processado por calúnia, e ganho, e a casa tornou-se legalmente sua, embora a irmã mais moça nunca tenha desistido de tentar obter a posse. Perseguiu a pobre acompanhante com ameaças e cartas, fez acusações malucas contra ela em toda parte e nos arquivos da polícia local está anotada pelo menos uma ocasião em que a acompanhante foi forçada a pedir proteção à polícia para evitar que sua inimiga a atacasse com uma vassoura. A acompanhante vivia aterrorizada, aparentemente; sua casa assaltada à noite (nunca deixou de insistir que vinham e roubavam coisas) e li uma carta patética na qual ela reclamava que não tinha passado uma noite em paz na casa desde a morte de sua benfeitora. Estranhamente, as simpatias da aldeia estavam quase inteiramente com a irmã mais moça, talvez porque a acompanhante, que era parte deles, agora era a dama da mansão. O pessoal da aldeia acreditava, e ainda acredita, acho, que a irmã mais moça foi despojada de sua herança por uma moça intrigante. Não acreditavam que ela fosse capaz de assassinar a amiga, sabem, mas tinham prazer em acreditar que era desonesta, certamente porque eles mesmos eram capazes de desonestidade, quando havia oportunidade. Bem, falatório é sempre um mau inimigo. Quando a pobre coitada se suicidou...

— Se suicidou? — Eleanor, profundamente chocada, quase ficou de pé. — Ela teve de se matar?

— Está pensando se havia outra maneira de escapar de sua atormentadora? Parece que ela achava que não. A versão local foi que escolhera o suicídio porque seu sentimento de culpa a impeliu a isso. Prefiro acreditar que era uma dessas moças tenazes, não muito inteligentes, que podem se agarrar desesperadamente ao que pensam que é seu, mas que não podem aguentar, mentalmente, uma perseguição constante e irritante; certamente não dispunha de armas com que lutar contra a campanha de ódio da irmã mais moça, seus amigos na aldeia haviam se virado contra ela e parece que enlouquecera com a convicção de que não havia fechadura ou cadeado que impedisse a entrada do inimigo que invadia sua casa todas as noites...

— Ela devia ter ido embora — disse Eleanor. — Largado a casa e corrido para o mais longe possível.

— Na verdade, foi o que fez. Acredito que a pobre moça foi odiada até a morte; enforcou-se, por falar nisso. Dizem os boatos que se enforcou no minarete da torre, mas quando se tem uma casa como a Casa da Colina com uma torre e um minarete, os boatos não permitiriam que se enforcasse em outra parte. Após sua morte, a casa passou legalmente à família dos Sanderson, que eram seus primos e de maneira nenhuma tão vulneráveis às perseguições da irmã mais moça, que deveria estar um pouco louca a essa altura. Ouvi da Sra. Sanderson que quando a família (deveriam ter sido os pais de seu marido) veio ver a casa pela primeira vez, a irmã mais moça surgiu para insultá-los, ficando na estrada e gritando quando passaram e acabou sendo levada para a delegacia local. E esse parece que foi o fim da irmã mais moça na estória; do dia em que o primeiro Sanderson a mandou embora até o anúncio breve de sua morte poucos anos depois, parece que passou o tempo contemplando melancolicamente suas injúrias, mas bem longe dos Sanderson. Estranhamente, em toda sua fúria, insistiu sempre em um ponto: nunca entrara, nem jamais entraria, nesta casa à noite, para roubar ou por qualquer outra razão.

— E foi roubada alguma coisa, mesmo? — perguntou Luke.

— Como disse, a acompanhante foi finalmente pressionada a dizer que parecia que faltavam uma ou duas coisas, mas não podia garantir. Como podem imaginar, a estória de um intruso noturno muito contribuiu para aumentar a má reputação da Casa da Colina. Além do mais, os Sanderson não moravam aqui. Passaram uns dias na casa, dizendo ao povo da aldeia que estavam preparando tudo para ocupá-la imediatamente, mas saíram abruptamente, fechando a casa como estava. Disseram na aldeia que negócios urgentes os obrigavam a morar na cidade, mas o povo da aldeia achou que não era essa a razão. Ninguém mais viveu nesta casa desde então por mais de uns dias. E desde essa época está à venda ou para alugar. Bem, foi uma estória muito longa. Preciso de mais um pouco de conhaque.

— Aquelas pobres meninas — disse Eleanor, olhando o fogo. — Não consigo esquecê-las, andando por essas salas escuras, tentando brincar com bonecas, talvez aqui mesmo ou naqueles quartos lá em cima.

— Então a velha casa ficou aqui sozinha. — Luke estendeu tentativamente o dedo e tocou o cupido de mármore delicadamente. — Nada mexido, nada usado, nada aqui desejado por ninguém; ficou aqui pensando.

— E esperando — disse Eleanor.

— E esperando — confirmou o doutor. — Em essência — continuou lentamente — o mal é a própria casa, eu acho. Aprisionou e destruiu as pessoas e suas vidas; é um lugar de malignidade contida. Bem. Amanhã vocês verão a casa toda. Os Sanderson puseram eletricidade e encanamentos e um telefone quando pensaram em morar aqui, mas fora isso, nada mudou.

— Bem — disse Luke após curto silêncio — tenho certeza que ficaremos muito confortáveis aqui.

5

ELEANOR, sem saber por que, inesperadamente ficou admirando seus próprios pés. Theodora sonhava junto ao fogo, pouco além da

ponta de seus pés, e Eleanor pensou com grande satisfação que seus pés estavam lindos nas sandálias vermelhas; que coisa completa e separada sou eu, pensou, da ponta dos meus pés vermelhos ao topo da minha cabeça, um eu individual, possuindo atributos que pertencem somente a mim. Tenho sapatos vermelhos, pensou — isso é parte de ser Eleanor; não gosto de lagosta e durmo no lado esquerdo e estalo as juntas dos dedos quando estou nervosa e guardo tudo quanto é botão. Estou segurando um copo de conhaque que é meu porque eu estou aqui e eu estou usando esse copo e eu tenho um lugar nesta sala. Eu tenho sapatos vermelhos e amanhã vou acordar e ainda estarei aqui.

— Eu tenho sapatos vermelhos — disse baixinho, e Theodora virou e sorriu para ela.

— Tinha pensado — o doutor olhou em volta, com um olhar alegre e otimista —, tinha pensando em perguntar a vocês se jogam bridge.

— Claro — disse Eleanor. Jogo bridge, pensou; uma vez tive um gato que se chamava Dancer; sei nadar.

— Não, sinto muito — disse Theodora, e os outros três se viraram e a olharam, obviamente desapontados.

— Nem um pouco? — perguntou o doutor.

— Eu joguei bridge duas vezes por semana durante onze anos — disse Eleanor — com minha mãe e seu advogado e a senhora dele. Tenho *certeza* que você deve jogar tanto quanto eu.

— Talvez você possa me ensinar? — perguntou Theodora. — Eu aprendo jogos muito depressa.

— Oh, Deus — disse o doutor, e Eleanor e Luke riram.

— Podemos fazer outra coisa qualquer — disse Eleanor; eu sei jogar bridge, pensou; gosto de torta de maçã com creme e dirigi sozinha até aqui.

— Gamão — disse o doutor, amargamente.

— Jogo xadrez mais ou menos bem — disse Luke ao doutor, que ficou logo mais alegre.

Theodora franziu os lábios. — Não sabia que tínhamos vindo aqui para jogar — disse.

— É para relaxar — disse o doutor vagamente, e Theodora virou as costas, encolhendo os ombros, e ficou olhando novamente o fogo.

— Vou buscar o tabuleiro, se o senhor me disser onde está — disse Luke e o doutor sorriu.

— É melhor que eu vá — disse. — Estudei a planta da casa, lembra-se. Se deixarmos você sair por aí sozinho provavelmente nunca mais o encontraremos. — Quando a porta se fechou atrás dele, Luke lançou um olhar rápido e curioso para Theodora e veio ficar perto de Eleanor. — Você não está nervosa, está? Aquela estória lhe meteu medo?

Eleanor sacudiu enfaticamente a cabeça e Luke disse: — Você ficou pálida.

— Provavelmente devia ir para a cama — disse Eleanor. — Não estou acostumada a dirigir tanto quanto fiz hoje.

— Conhaque — disse Luke. — Para você dormir melhor. Você também — disse para as costas de Theodora.

— Obrigada — disse Theodora friamente, sem se virar. — Raramente tenho problemas em dormir.

Luke sorriu para Eleanor e virou quando o doutor abriu a porta. — Minha imaginação fértil — disse o doutor, depositando o jogo de xadrez em uma mesa. — Esta casa é incrível.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou Eleanor.

O doutor sacudiu a cabeça. — Acho bom combinarmos, desde já, não sairmos sozinhos pela casa.

— O que aconteceu? — insistiu Eleanor.

— Minha própria imaginação — disse o doutor com firmeza. — Essa mesa está bem, Luke?

— Que peças lindas — disse Luke. — Por que será que a irmã mais moça não as roubou?

— Só posso dizer uma coisa — disse o doutor —, se era mesmo a irmã mais moça que andava por esta casa à noite, tinha nervos de ferro. Ela espregueira — acrescentou de repente. — A casa vigia todos os nossos movimentos. — E logo em seguida: — Minha imaginação, é claro.

À luz do fogo o rosto de Theodora estava tenso e mal-humorado; ela gosta de atenção, pensou Eleanor sabiamente e, sem pensar, levantou e foi sentar a seu lado. Atrás delas, ouvia-se o som brando das peças sendo colocadas no tabuleiro e os pequenos movimentos confortáveis de Luke e Dr. Montague avaliando-se como adversários, e no fogo havia pontas de chamas que se erguiam e uma pequena agitação. Esperou um minuto para Theodora dizer alguma coisa e depois falou, em voz agradável: — Ainda está achando difícil acreditar que está aqui?

— Não sabia que ia ser tão chato — disse Theodora.

— Vamos arranjar uma porção de coisas para fazer amanhã — disse Eleanor.

— Em casa haveria muita gente, muita conversa e risadas e luzes...

— Talvez eu não precise dessas coisas — disse Eleanor, quase pedindo desculpas por isso. — Nunca houve nada muito excitante comigo. Tinha de ficar com mamãe, é claro. E quando ela dormia, me acostumei a jogar paciência ou ouvir rádio. Não suportava ler de noite porque tinha de ler em voz alta para ela duas horas todas as tardes. Estórias de amor... — e sorriu ligeiramente, olhando o fogo. Mas isso não é tudo, pensou, espantada consigo mesma, isso não diz como era realmente, mesmo que eu quisesse dizer; por que estou falando?

— Eu sou horrível, não sou? — Theodora moveu-se rapidamente e colocou a mão sobre a mão de Eleanor. — Fico aqui sentada reclamando porque não tem nada para me divertir; sou muito egoísta. Diga que sou mesmo horrível. — À luz da lareira seus olhos brilhavam de prazer.

— Você é horrível — disse Eleanor obedientemente; a mão de Theodora sobre a sua a deixava sem jeito. Não gostava que a tocassem, mas um pequeno gesto físico parecia ser a maneira de Theodora expressar contrição, ou prazer, ou compaixão; será que minhas unhas estão limpas, pensou Eleanor, e puxou mansamente a mão.

— Sou horrível — disse Theodora, novamente de bom humor. — Sou horrível, sou um monstro, e ninguém me suporta. Pronto. Agora

conte-me sobre você.

— Sou horrível e um monstro e ninguém me suporta.

Theodora riu. — Não caçoe de mim. Você é gentil e agradável e todo mundo gosta muito de você: Luke se apaixonou loucamente por você, e estou com ciúmes. Agora quero saber tudo sobre você. Tomou mesmo conta de sua mãe por muitos anos?

— Sim — disse Eleanor. Suas unhas *estavam* sujas e sua mão era malfeita e as pessoas brincavam sobre o amor por que às vezes era engraçado. — Onze anos, até ela morrer há três meses.

— Ficou triste quando ela morreu? Devo lhe dar pêsames?

— Não. Ela não era muito feliz.

— E você também não?

— Eu também não.

— Mas e agora? O que você fez depois, quando se viu livre finalmente?

— Vendi a casa — disse Eleanor. — Minha irmã e eu tiramos o que queríamos, coisas pequenas; não tinha muita coisa mesmo, só umas coisas pequenas que minha mãe tinha guardado. O relógio de meu pai e umas jóias antigas. Não foi como as irmãs da Casa da Colina.

— E vendeu o resto?

— Vendi tudo. Assim que pude.

— E então começou uma vida nova, bem extravagante, que inevitavelmente trouxe você à Casa da Colina?

— Não foi bem assim. — Eleanor riu.

— Mas todos aqueles anos perdidos! Você fez alguma viagem, procurou homens atraentes, comprou roupas novas...?

— Infelizmente — disse Eleanor secamente — não tinha tanto dinheiro assim. Minha irmã botou a parte dela no banco para a educação da filhinha dela. Comprei umas roupas, sim, para vir à Casa da Colina. — As pessoas gostam de responder perguntas sobre si mesmas, pensou; que prazer esquisito isso é. Eu responderia qualquer coisa nesse momento.

— O que vai fazer quando voltar? Tem um emprego?

— Não, nada por enquanto. Não sei ainda o que vou fazer.

— Eu sei o que *eu* vou fazer. — Theodora espreguiçou-se luxuriosamente. — Vou acender todas as luzes do apartamento e relaxar.

— Como é seu apartamento?

Theodora encolheu os ombros. — Bonzinho — disse. — Achamos um velho e nós mesmas arrumamos. Tem uma sala grande e dois quartos pequenos, uma boa cozinha, que pintamos de vermelho e branco, e reformamos uma porção de peças antigas de mobília que compramos de segunda mão. A mesa é realmente muito boa, com tampo de mármore. Adoramos trabalhar com coisas velhas.

— Você é casada? — perguntou Eleanor.

Houve um pequeno silêncio e depois Theodora deu uma risadinha rápida e disse: — Não.

— Desculpe — disse Eleanor, profundamente encabulada. — Não queria ser indiscreta.

— Você é engraçada — disse Theodora, e tocou a face de Eleanor com a ponta do dedo. Tenho rugas ao redor dos olhos, pensou Eleanor, e virou o rosto contra a luz da lareira. — Diga-me onde você mora — disse Theodora.

Eleanor pensou, olhando as mãos que eram tão malfeitas. Podíamos ter pago uma lavadeira; isso não foi justo. Minhas mãos estão horrorosas. — Tenho um pequeno apartamento — disse lentamente. — Como você, só que vivo sozinha. É menor que o seu, tenho certeza. Ainda estou mobiliando, comprando uma coisa de cada vez, sabe, para ter certeza que está tudo exatamente como eu quero. Cortinas brancas. Procurei semanas e semanas até encontrar meus leõezinhos de pedra que ficam nas pontas da prateleira da lareira, e tenho meu gato branco e meus livros e discos e quadros. Tudo tem de ser exatamente como eu quero, porque sou só eu; tive uma vez uma xícara azul com estrelas pintadas dentro; quando você olhava uma xícara de chá, estava cheia de estrelas. Quero uma xícara igual.

— Talvez apareça uma assim em minha loja — disse Theodora. — Aí mandarei para você. Um belo dia você receberá um pacote dizendo: "Para Eleanor com muito amor da sua amiga Theodora", e será a sua xícara cheia de estrelas.

— Eu teria roubado aqueles pratos de borda de ouro — disse Eleanor, rindo.

— Xequemate — disse Luke e o doutor exclamou: — Oh!

— Pura sorte — disse Luke, alegremente. — As senhoras pegaram no sono aí perto da lareira?

— Quase — disse Theodora. Luke atravessou a sala e estendeu a mão para cada uma para ajudá-las a se levantarem, e Eleanor, movendo-se desajeitadamente, quase caiu; Theodora ergueu-se num movimento só e se espreguiçou e bocejou. — Theo está com sono — declarou.

— Tenho de levá-las lá em cima — disse o doutor. — Amanhã vamos começar a aprender a andar nesta casa. Luke, quer tomar conta da lareira?

— Não será conveniente verificarmos se as portas estão trancadas? — perguntou Luke. — Presumo que a Sra. Dudley tenha trancado a porta dos fundos quando saiu, mas e as outras?

— Acho pouco provável que alguém queira invadir a casa — disse Theodora. — Seja como for, a acompanhante trancava todas as portas e não adiantava nada.

— E se quisermos sair? — perguntou Eleanor.

O doutor lançou-lhe um olhar rápido e depois desviou os olhos. — Não vejo necessidade de trancar as portas — disse em voz calma.

— Evidentemente não há perigo de ladrões vindos da aldeia — disse Luke.

— De qualquer maneira — disse o doutor — não vou dormir por uma hora ou mais; na minha idade uma hora de leitura antes de dormir é essencial e muito inteligentemente trouxe *Pamela* comigo. Se algum de vocês tiver problema de dormir, é só eu ler em voz alta. Não conheço ninguém que consiga ficar acordado ouvindo Richardson. — Falando em voz baixa e calma, foi levando-os pelo corredor estreito e através do grande *hall* de entrada, até as escadas. — Pensei muitas vezes em experimentar com crianças — continuou.

Eleanor seguiu Theodora na escada; não tinha percebido até então como estava cansada, e cada passo era um esforço. Lembrou a si mesma que estava na Casa da Colina, mas até o quarto azul

significava somente, nesse momento, a cama com a colcha azul e o cobertor azul. — Por outro lado — continuou o doutor atrás dela — um romance de Fielding de comprimento comparável, embora o assunto seja diferente, não serviria para crianças. Tenho até certas dúvidas quanto a Sterne...

Theodora foi até a porta do quarto verde e virou e sorriu. — Se você ficar nervosa — disse para Eleanor — venha para meu quarto.

— Está bem — disse Eleanor, com gratidão. — Obrigada; boa-noite.

— ... e certamente nunca Smollett. Senhoras, Luke e eu estamos aqui, do outro lado da escada...

— De que cor são seus quartos? — perguntou Eleanor, sem poder resistir.

— Amarelo — disse o doutor, surpreso.

— Cor-de-rosa — disse Luke, com um gesto de desagrado. — Nós somos azul e verde — disse Theodora.

— Vou estar acordado, lendo — disse o doutor. — Vou deixar minha porta aberta, e certamente ouvirei qualquer barulho. Boa-noite. Durmam bem.

— Boa-noite — disse Luke. — Boa-noite para todos.

Ao fechar a porta do quarto azul Eleanor pensou, com cansaço, que talvez fossem a escuridão e a opressão da Casa da Colina que a deixavam tão exausta; e então nada mais tinha importância. A cama azul era incrivelmente macia. Estranho, pensou sonolentemente, que a casa fosse tão medonha e no entanto em muitos aspectos tão confortável fisicamente; a cama macia, o gramado bonito, o bom fogo na lareira, a comida excelente da Sra. Dudley. A companhia também, pensou, e depois pensou: Agora posso pensar neles; estou sozinha. Por que Luke está aqui? Mas por que estou *eu* aqui? A jornada termina no encontro dos amantes. Todos viram que eu estava com medo.

Estremeceu e sentou na cama para puxar o cobertor. Então, meio divertida e friorenta, deslizou da cama e foi, descalça e silenciosa, até a porta, para virar a chave na fechadura; não vão saber que tranquei a porta, pensou, e voltou depressa para a cama. Com o cobertor enrolado nos ombros olhou a janela, um clarão pálido na

escuridão, e depois a porta. Gostaria de ter uma pílula para dormir, pensou, e olhou novamente por sobre o ombro, compulsivamente, a janela e então de novo a porta, e pensou: Está se abrindo? Mas eu tranquei; está se abrindo?

Acho, decidiu concretamente, que prefiro cobrir a cabeça com o cobertor. Escondida no fundo da cama, debaixo das cobertas, deu uma risadinha e ficou contente que ninguém pudesse ouvi-la. Na cidade nunca dormia com a cabeça embaixo das cobertas; como mudei hoje, pensou.

Então dormiu, segura; no quarto ao lado Theodora dormia, sorrindo, com a luz acesa. Mais além no corredor o doutor, lendo *Pamela*, erguia a cabeça ocasionalmente para escutar e uma vez foi até a porta e lá ficou um momento, olhando o corredor, antes de voltar ao livro. Uma pequena luz noturna brilhava no topo das escadas sobre o lago negro que era o *hall*. Luke dormia com uma lanterna e o talismã de que nunca se separava sobre a mesa de cabeceira. Em volta deles a casa cismava, acomodando-se com um movimento que era quase um tremido.

A dez quilômetros, a Sra. Dudley acordou, olhou o relógio pensou na Casa da Colina e fechou depressa os olhos. A Sra. Glória Sanderson, dona da Casa da Colina, que morava a quase quatrocentos quilômetros de distância, fechou o livro de mistério, bocejou e estendeu a mão para apagar a luz, pensando de passagem se colocara a corrente na porta da frente. A amiga de Theodora dormia; também a esposa do doutor e a irmã de Eleanor. Longe, muito longe, nas árvores acima da Casa da Colina uma coruja gritou e quase de madrugada começou a cair uma chuvinha fina, nevoenta e fria.

IV

ELEANOR acordou no quarto azul, cinzento e desbotado com a chuva da manhã. Descobriu que tirara o cobertor de cima durante a noite e dormira como de costume, com a cabeça no travesseiro. Ficou espantada de ver que tinha dormido até depois das oito horas, e pensou que era irônico que a primeira noite bem dormida que tivera em anos e anos fosse na Casa da Colina. Deitada na cama azul, olhando para o teto sombrio com seus entalhes obscuros, perguntou a si mesma, ainda meio dormindo: O que fiz; fiz papel de boba? Estavam rindo de mim?

Relembrando rapidamente a noite anterior, recordava-se apenas de que devia ter parecido uma tola, contente como uma criança, quase feliz; será que os outros tinham se divertido à sua custa, vendo que era uma simplória? Disse uma porção de bobagens, falou consigo mesma, e é claro que perceberam. Hoje serei mais reservada, menos abertamente grata a eles por terem me aceitado.

Então, acordando completamente, sacudiu a cabeça e suspirou. Você é uma boboca, Eleanor, disse a si mesma, como dizia todas as manhãs.

O quarto adquiriu vida em seu redor; estava no quarto azul da Casa da Colina; as cortinas se agitavam ligeiramente na janela e os sons no banheiro eram, sem dúvida, Theodora, acordada, que certamente estaria pronta primeiro e certamente com fome. — Bom-dia — disse Eleanor, e Theodora respondeu logo: — Bom-dia... estou terminando... vou deixar a banheira cheia para você... está com fome? Eu estou faminta. — Será que pensa que eu não tomaria banho se não deixasse a banheira cheia para mim? pensou Eleanor, e logo ficou envergonhada; vim para cá para parar de pensar assim, disse a si mesma com severidade, e saiu da cama e foi até a janela. Olhou por cima do telhado da varanda o gramado lá embaixo e os arbustos e grupos de árvores envoltos em neblina. Do outro lado, na extremidade do gramado, estava a linha de árvores que marcava o caminho do riacho, embora a ideia de um piquenique na grama não fosse, essa manhã, muito convidativa. Ia, evidentemente, ser um dia molhado, mas era chuva de verão, que acentuava o verde da grama

e das árvores, adoçando e limpando o ar. Encantador, pensou Eleanor, espantada consigo mesma; perguntou-se se seria a primeira pessoa a achar a Casa da Colina encantadora, e depois pensou, com um frio na espinha: Ou será que *todos* pensam assim, na *primeira* manhã? Estremeceu, mas ao mesmo tempo não conseguia explicar a excitação que sentia, que tornava difícil se lembrar por que era tão estranho acordar feliz na Casa da Colina.

— Vou *morrer* de fome. — Theodora bateu na porta do banheiro e Eleanor agarrou o roupão e se apressou. — Procure parecer um raio de sol — disse Theodora do quarto dela. — Está um dia tão escuro que temos de brilhar um pouco mais.

Cante antes do café e vai chorar antes que chegue a noite, disse Eleanor para si mesma, porque estava cantando baixinho: "Se tardares perderás o melhor..."

— Pensei que *eu* era preguiçosa — disse Theodora, complacente, através da porta — mas você é muito, *muito* pior. *Preguiçosa* não é a palavra certa para você. Já deve estar bastante limpa para ir tomar café.

— A Sra. Dudley serve o café às nove. O que vai dizer quando aparecermos alegres e sorridentes?

— Vai chorar de tão desapontada. Acha que alguém gritou por ela durante a noite?

Eleanor contemplou criticamente a perna ensaboada. — Dormi como uma porta — disse.

— Eu também. Se você não estiver pronta em três minutos, vou entrar e afogar você na banheira. Quero *meu* café.

Eleanor estava pensando que fazia muito tempo que não se vestia para parecer um raio de sol, ou tinha tanta fome de manhã, ou acordava tão consciente de si mesma, tão deliberada e terna em seus cuidados pessoais; chegou a escovar os dentes com um carinho que nunca sentira antes. Tudo isso é resultado de uma noite bem dormida, pensou; desde que mamãe morreu devo ter dormido pior do que pensava.

— Ainda não está pronta?

— Já vou, já vou — disse Eleanor, e correu para a porta, lembrando que ainda estava trancada, e destrancou-a

silenciosamente. Theodora estava à sua espera no corredor, vívida nas sombras com roupas de um xadrez berrante; olhando Theodora, Eleanor não podia acreditar que ela jamais se vestisse ou banhasse ou movesse ou comesse ou dormisse ou falasse sem apreciar intensamente cada momento do que estivesse fazendo; talvez Theodora nunca ligasse ao que os outros pensassem dela.

— Você já pensou que talvez vamos levar uma hora ou mais só para encontrar a sala de jantar? — disse Theodora. — Mas talvez eles tenham nos deixado um mapa. Sabia que Luke e o doutor já se levantaram há horas? Falei com eles pela janela.

Começaram sem mim, pensou Eleanor; amanhã vou acordar mais cedo e estarei lá para falar da janela também. Chegaram ao pé das escadas e Theodora cruzou o grande *hall* escuro e pôs a mão com segurança em uma porta. — Aqui — disse, mas a porta dava para uma sala sombria, cheia de ecos, que nenhuma das duas vira antes. — Aqui — disse Eleanor, mas a porta que escolhera dava para o corredor estreito da pequena sala onde haviam sentado na noite anterior.

— É do outro lado do *hall* — disse Theodora, e virou, confusa. — Maldita casa — disse, e jogou a cabeça para trás e gritou: — Luke? Doutor?

Ouviram um grito distante em resposta e Theodora abriu outra porta. — Se eles acham — disse por sobre o ombro — que vão me deixar para sempre nesse *hall* infecto, experimentando uma porta atrás da outra para chegar ao meu café...

— Acho que é essa aqui — disse Eleanor — atravessamos essa sala escura e a sala de jantar é logo depois.

Theodora gritou novamente, tropeçou em um móvel, disse um palavrão, e a porta em frente se abriu e o doutor disse: — Bom-dia.

— Maldita casa nojenta — disse Theodora, esfregando o joelho. Bom-dia.

— Vocês não vão acreditar, é claro — disse o doutor — mas há três minutos essas portas estavam todas abertas. Deixamos assim de propósito para poderem achar o caminho. Estávamos sentados aqui e vimos se fecharem antes de você gritar. Ora, ora. Bom-dia.

— Arenque defumado — disse Luke, junto à mesa. — Bom-dia. Espero que as senhoras gostem de arenque.

Haviam atravessado a escuridão de uma noite, haviam encontrado a manhã na Casa da Colina e eram uma família, cumprimentando-se informalmente e se dirigindo para os lugares que haviam ocupado à noite anterior, *seus lugares* à mesa.

— Um excelente e lauto café-da-manhã, é o que a Sra. Dudley combinou servir às nove — disse Luke, acenando com o garfo. — Estávamos pensando se vocês seriam o tipo de tomar um cafezinho com pão na cama.

— Teríamos chegado muito antes se não fosse a casa — disse Theodora.

— Deixaram mesmo as portas abertas para nós? — perguntou Eleanor.

— Foi por isso que sabíamos que vocês estavam vindo — disse Luke. — Vimos as portas se fecharem.

— Hoje vamos segurá-las com pregos — disse Theodora. — Vou andar por toda a casa até poder encontrar comida dez vezes em dez. Dormi com a luz acesa a noite toda — confessou ao doutor — mas não aconteceu nada.

— Estava tudo quieto — disse o doutor.

— O senhor ficou vigiando a noite inteira? — perguntou Eleanor.

— Até mais ou menos três horas, quando *Pamela* finalmente me fez dormir. Não ouvi nada até começar a chover pouco depois das duas. Uma de vocês disse alguma coisa dormindo...

— Deve ter sido eu — disse Theodora, com desembaraço. — Sonhando com a irmã malvada nos portões da Casa da Colina.

— Sonhei com ela também — disse Eleanor. Olhou para o doutor e disse de repente: — É *desconcertante*. Ficar pensando em sentir medo.

— Estamos todos juntos nisso, você sabe — disse Theodora.

— E pior se tentar disfarçar — disse o doutor.

— Coma bastante arenque — disse Luke. — Aí não será possível sentir mais nada.

Eleanor sentiu, como no dia anterior, que a conversa estava sendo habilmente encaminhada para ficar bem longe a ideia de

medo, tão presente em sua própria mente. Talvez lhe fosse permitido falar ocasionalmente por todos eles, para que ao acalmá-la eles próprios se acalmassem e pudessem deixar o assunto de lado: talvez, como veículo para todos os tipos de medo, ela pudesse conter medo suficiente por todos eles. São como crianças, pensou zangada, desafiando uns aos outros a ir primeiro, prontos a virar e xingar quem ficar por último; empurrou o prato e suspirou.

— Antes de eu ir dormir hoje à noite — Theodora dizia ao doutor — quero ter certeza de ter visto cada centímetro desta casa. Não quero ficar deitada em minha cama pensando o que estará em cima de minha cabeça ou embaixo de mim. E temos de abrir umas janelas e manter as portas abertas e parar de andar às cegas. — Letreiros — sugeriu Luke. — Setas mostrando o caminho, dizendo CAMINHO DE SAIDA.

— Ou BECO SEM SAIDA — disse Eleanor.

— Ou CUIDADO COM MOBÍLIA CAINDO — disse Theodora. — Nós vamos fazer os letreiros — disse para Luke.

— Primeiro vamos explorar a casa — disse Eleanor, talvez depressa demais, porque Theodora virou e olhou-a curiosamente. — Não quero que me deixem atrás em algum sótão ou coisa parecida — acrescentou Eleanor, constrangida.

— Ninguém quer deixá-la atrás em lugar nenhum — disse Theodora.

— Então sugiro — disse Luke — que em primeiro lugar, acabemos com o café que está no bule, e depois iremos nervosamente de sala em sala, tentando descobrir um plano racional para essa casa e deixando as portas abertas. Nunca pensei — disse, sacudindo tristemente a cabeça — que fosse herdar uma casa onde tivesse de colocar letreiros para não me perder.

— Temos de arranjar nomes para as salas — disse Theodora. — Suponhamos que diga a você, Luke, para me encontrar clandestinamente no segundo salão. Como é que você ia saber onde era?

— Você podia ficar assoviando até eu chegar — sugeriu Luke.

Theodora estremeceu. — Ia me ouvir assoviar e chamar por você enquanto você ia de porta em porta, nunca abrindo a porta certa, e

eu estaria lá dentro sem poder achar uma maneira de sair...

— Sem o que comer... — disse Eleanor, malvadamente.

Theodora olhou-a de novo. — Sem nada para comer — concordou após um segundo. E acrescentou: — É a casa de doidos no parque de diversões — disse. — Salas dando umas para as outras e portas indo para toda a parte ao mesmo tempo e fechando quando você chega junto e aposto que em algum lugar há espelhos que distorcem sua imagem e um jato de ar que levanta suas saias e alguma coisa que sai de um corredor escuro e ri em sua cara... — Calou-se de repente e pegou a xícara tão bruscamente que derramou o café.

— Não é tão ruim assim — disse o doutor calmamente. — Na verdade, o andar térreo é disposto no que poderia se chamar de círculos concêntricos; no centro está a pequena sala onde sentamos a noite passada; em volta dela há uma série de salas: a sala de bilhar, por exemplo, e um escritório deprimente completamente decorado em cetim cor-de-rosa...

— Onde Eleanor e eu iremos todas as manhãs com nossos trabalhos de agulha.

— ...e em volta dessas salas, que chamo de salas internas, pois são as que não têm comunicação com o exterior... não têm janelas, lembram-se, em volta dessas salas há o círculo de salas externas, o salão, a biblioteca, a estufa, a...

— Não — disse Theodora, sacudindo a cabeça — ainda estou perdida no cetim cor-de-rosa.

— E a varanda que dá volta à casa. Há portas que dão para a varanda no salão, na estufa, e em outra sala. Há também uma passagem...

— Pare, pare. — Theodora estava rindo, mas sacudiu a cabeça. — É uma casa nojenta, infecta.

A porta de vaivém no canto da sala de jantar se abriu e a Sra. Dudley surgiu, segurando a porta e olhando sem expressão para a mesa. — Tiro a mesa às dez — disse a Sra. Dudley.

— Bom-dia, Sra. Dudley — disse Luke.

A Sra. Dudley virou os olhos para ele. — Tiro a mesa às dez — disse. — Os pratos têm de ir para as prateleiras. Tiro de novo para o

almoço. Sirvo o almoço à uma hora, mas primeiro os pratos têm de estar de volta nas prateleiras.

— Claro, Sra. Dudley. — O doutor ficou de pé e colocou o guardanapo na mesa. — Todos prontos? — perguntou.

Sob o olhar da Sra. Dudley, Theodora deliberadamente ergueu a xícara e bebeu a última gota de café, depois tocou os lábios com o guardanapo e recostou-se na cadeira. — Um magnífico café-da-manhã — disse em tom de conversa. — Os pratos pertencem à casa?

— O lugar dos pratos é nas prateleiras — disse a Sra. Dudley.

— E os copos e as pratas e a roupa de mesa? São coisas lindas, antigas.

— A roupa de mesa fica nas gavetas da sala de jantar. As pratas ficam no estojo. Os copos ficam nas prateleiras.

— Estamos lhe dando muito trabalho — disse Theodora.

A Sra. Dudley ficou calada. Finalmente disse: — Tiro a mesa às dez. Sirvo o almoço à uma hora.

Theodora riu e levantou. — Em frente — disse — em frente. Vamos abrir portas.

Começaram, logicamente, com a porta da sala de jantar, que escoraram com uma cadeira pesada. A próxima sala era a sala de jogos; a mesa em que Theodora havia tropeçado era uma mesinha baixa, marchetada, de xadrez. (— Como é que não vi isso ontem à noite? — disse o doutor, irritado). E em um lado da sala estavam mesas de jogo e cadeiras e um armário alto onde as peças de xadrez estavam guardadas, com bolas de croquê e o tabuleiro de gamão.

— Lugar agradável para passar uma hora de lazer — disse Luke, de pé junto à porta, olhando a sala pouco acolhedora. O verde frio dos tampos das mesas se refletia lugubrememente nos azulejos escuros em volta da lareira; a forração de madeira inevitável não era nada melhorada por uma série de gravuras esportivas que pareciam dedicadas inteiramente a vários métodos de matar animais e sobre a prateleira da lareira uma cabeça de veado os olhava com ar evidentemente constrangido.

— É aqui que vinham para se divertir — disse Theodora, e sua voz ecoou trêmula do teto alto. — Vinham aqui — explicou — para relaxar da atmosfera opressiva do resto da casa. — A cabeça de veado a olhou com tristeza. — Aquelas pobres meninas — disse. — *Por favor*, não podemos tirar essa cabeça de animal daí?

— Acho que gostou de você — disse Luke. — Não desgruda os olhos de você desde que entramos aqui. Vamos embora.

Escoraram a porta ao saírem e entraram no *hall*, menos sombrio agora, com a luz das salas abertas. — Quando encontrarmos uma sala com janelas — comentou o doutor — vamos abri-las; até então, vamos nos contentar em abrir a porta de entrada.

— Você está pensando nas meninas — disse Eleanor para Theodora —, mas eu não consigo esquecer a pobre acompanhante solitária, andando por essas salas, pensando quem mais estaria na casa.

Luke lutou para abrir a grande porta da frente e arrastou uma jarra enorme para segurá-la. — Ar fresco — disse, grato. O cheiro morno de chuva e terra molhada invadiu o *hall* e por um instante ficaram junto à porta aberta, respirando o ar de fora da Casa da Colina. Então o doutor disse: — Eis aqui uma coisa que nenhum de vocês imaginou — e abriu uma pequena porta escondida junto à porta de entrada e recuou, sorrindo: — A biblioteca — disse. — Na torre.

— Não posso entrar aí — disse Eleanor, espantando a si mesma, mas não podia. Recuou, oprimida pelo ar frio de mofo e terra que a envolveu. — Minha mãe... — disse, sem saber o que queria lhes dizer, e se encostou contra a parede.

— Realmente? — disse o doutor, olhando-a com grande interesse. — Theodora? — Theodora encolheu os ombros e entrou na biblioteca; Eleanor estremeceu. — Luke? — disse o doutor, mas Luke já estava lá dentro. De onde estava, Eleanor podia ver somente uma parte da parede circular da biblioteca, com uma escada de ferro estreita subindo, e talvez, já que era uma torre, subindo eternamente; Eleanor fechou os olhos, ouvindo a voz do doutor vindo de longe, oca contra as pedras das paredes da biblioteca.

— Estão vendo o alçapão lá em cima, nas sombras? — perguntou. — Dá para uma pequena sacada e é lá que dizem que ela se enforcou... a moça, vocês se lembram. Um lugar muito apropriado, certamente; mais apropriado para suicídios do que para livros. E suposto que ela tenha amarrado a corda na balaustrada de ferro e depois...

— Obrigada — disse Theodora de dentro da biblioteca. — Posso ver a cena muito bem, obrigada. Por mim, teria amarrado a corda na cabeça de veado na sala de jogos, mas suponho que ela tivesse alguma ligação sentimental com a torre; "ligação sentimental", nesse contexto, fica muito bonito, não acham?

— Maravilhoso. — Era a voz de Luke, mais alta; estavam saindo da biblioteca e vindo para o *hall* onde Eleanor esperava. — Acho que vou fazer uma boate aqui. A orquestra fica lá em cima na sacada e as dançarinas descem a escada de ferro em caracol; o bar...

— Eleanor — disse Theodora — você está bem agora? É uma sala horrorosa e você fez muito bem em não entrar.

Eleanor afastou-se da parede; suas mãos estavam geladas e tinha vontade de chorar, mas deu as costas para a porta da biblioteca, que o doutor escorara com uma pilha de livros. — Acho que não vou ler muito enquanto estiver aqui — disse, tentando ser natural. — Se é que os livros têm o mesmo cheiro da biblioteca.

— Não notei cheiro nenhum — disse o doutor. Olhou interrogativamente para Luke, que sacudiu a cabeça negativamente. — Curioso — disse o doutor — e é exatamente o tipo de coisa que estamos procurando. Tome nota disso, minha cara, e procure descrever esse cheiro o melhor possível.

Theodora estava perplexa. Estava no *hall*, virando de um lado para o outro, olhando as escadas atrás dela e a porta da frente, novamente. — Há duas portas de frente? — perguntou. — Ou sou eu que estou confusa?

O doutor sorriu, feliz; evidentemente estava esperando uma pergunta dessas. — Esta é a única porta de entrada na frente — disse. — Foi por ela que você entrou ontem.

Theodora franziu a testa. — Então por que Eleanor e eu não podemos ver a torre das janelas de nossos quartos? Os quartos

estão na frente da casa, mas...

O doutor deu uma risadinha e bateu palmas. — Até que enfim — disse. — Theodora é muito esperta. É por isso que queria que vissem a casa de dia. Sentem-se na escada, que vou lhes contar.

Obedientemente, sentaram nos degraus da escada, olhando para o doutor, que assumiu a pose professoral e começou formalmente: — Uma das peculiaridades da Casa da Colina é seu projeto...

— Casa de loucos no parque de diversões.

— Precisamente. Não acharam que é difícil *demais* achar o caminho dentro dessa casa? Uma casa normal não poderia deixar nós quatro tão confusos por tanto tempo, no entanto continuamos a escolher as portas erradas, a sala que queremos foge de nós. Até eu estou tendo problemas. — Suspirou e abanou a cabeça. —Acho — continuou — que o velho Hugh Crain esperava que algum dia a Casa da Colina ficasse famosa e fosse exibida, como a Casa Winchester na Califórnia e muitas das casas octogonais; ele mesmo projetou a Casa da Colina, lembrem-se, e como já disse antes, era um homem muito estranho. Todos os ângulos — o doutor fez um gesto em direção à porta de entrada —, todos os ângulos são ligeiramente errados. Hugh Crain deve ter detestado as outras pessoas, com suas casas sensatas, de ângulos perfeitos, porque fez a sua de acordo com suas ideias. Os ângulos que você espera, e tem o direito de esperar, que sejam aqueles ângulos retos a que está acostumado, têm realmente um erro de uma fração de grau em uma ou outra direção. Estou certo, por exemplo, que vocês pensam que as escadas em que estão sentados estão em nível, porque não estão preparados para degraus que não estão em nível...

Remexeram-se, inquietos, e Theodora estendeu rapidamente a mão para pegar a balaustrada, como se sentisse que ia cair.

— ... e na verdade se inclinam ligeiramente para dentro; as portas estão todas um pouco fora de centro, e isso pode ser a razão por que elas se fecham a não ser que sejam seguras; fiquei pensando hoje de manhã se não seriam os passos de vocês duas ao se aproximarem que deslocaram o equilíbrio delicado das portas. Claro que o resultado de todas essas pequenas aberrações de medidas somadas umas às outras gera uma distorção total da casa.

Theodora não pode ver a torre da janela de seu quarto porque a torre realmente está no canto da casa. Da janela do quarto de Theodora ela é completamente invisível, embora daqui pareça estar diretamente em frente ao quarto dela. A janela do quarto de Theodora está realmente cinco metros à esquerda de onde estamos agora.

Theodora estendeu as mãos em um gesto de súplica. — Céus — disse.

— Entendi — disse Eleanor. — O telhado da varanda é que nos engana. Quando olho pela janela de meu quarto vejo o telhado da varanda porque entrei diretamente na casa e subi as escadas e deduzi que a porta de entrada ficava diretamente abaixo, embora na verdade...

— Você veja somente o telhado da varanda — disse o doutor. — A porta de entrada está bem longe; a porta e a torre são visíveis do quarto das crianças, que é o quarto grande no fim do corredor; iremos lá mais tarde. — É — e sua voz ficou triste — uma obra-prima de má direção arquitetônica. A escadaria dupla em Chambord...

— Então tudo está um pouco fora de centro? — perguntou Theodora, duvidosa. — E por isso que parece tudo deslocado?

— O que acontecerá quando voltarmos para uma casa de verdade? — perguntou Eleanor — Quer dizer, uma casa normal?

— Deve ser a mesma coisa que saltar de um navio — disse Luke. — Depois de estar aqui algum tempo, seu senso de equilíbrio pode ficar tão distorcido que levaria tempos para se habituar à terra firme. Poderia ser — perguntou ao doutor — que o que se pensa que sejam manifestações sobrenaturais sejam simplesmente o resultado de uma perda de equilíbrio das pessoas que moram aqui? O labirinto do ouvido — disse a Theodora, com ar sábio.

— Certamente deve afetar as pessoas de alguma forma — disse o doutor. — Nós nos habituamos a confiar cegamente em nosso senso de equilíbrio e em nossa razão e posso compreender como a mente pode lutar loucamente para preservar seus moldes familiares estáveis contra todas as provas de que está inclinada de lado. — Virou-se. — Ainda temos muitas maravilhas à nossa frente — disse, e os outros se levantaram da escada e o seguiram, andando com

cuidado, testando o chão ao se moverem. Seguiram o corredor estreito até a pequena sala onde haviam sentado a noite anterior e de lá, deixando todas as portas abertas e calçadas, passaram ao círculo exterior de salas que davam para a varanda. Abriram as cortinas pesadas e a luz de fora entrou na Casa da Colina. Passaram por uma sala de música onde uma harpa se mantinha austeramente distante, sem um movimento de cordas para assinalar sua passagem. Um piano de cauda, fechado, ostentava um candelabro com velas que nunca haviam sido acesas. Uma mesa de tampo de mármore exibia flores de cera sob uma redoma de vidro e as cadeiras eram de madeira fininha dourada. Além dessa sala, era a estufa, com portas de vidro altas mostrando a chuva lá fora e samambaias crescendo umidamente em volta e por sobre a mobília de vime. Aqui estava inconfortavelmente úmido e saíram depressa, atravessando um portal em arco que dava para o salão, onde pararam incrédulos e horrorizados.

— Isso não existe — disse Theodora, em voz fraca, rindo. — Não acredito no que estou vendo. — Sacudiu a cabeça. — Eleanor, você está vendo alguma coisa?

— O que... — balbuciou Eleanor.

— Achei que iam gostar. — O doutor estava todo satisfeito. Uma parede inteira do salão pertencia a uma escultura em mármore; contra as listas cor de malva e o tapete florido era imensa e grotesca e dava impressão de nudez branca. Eleanor cobriu os olhos com as mãos e Theodora se agarrou a ela. — Pensei que representasse Vênus saindo das ondas — disse o doutor.

— De forma alguma — disse Luke, recobrando a fala — é São Francisco curando os leprosos.

— Não, não — disse Eleanor. — Uma das estátuas é um dragão.

— Não é nada disso — disse Theodora enfaticamente. — É um retrato da família, bobinhos. Uma forma composta. *Qualquer um* pode ver isso logo; a figura central, aquela alta, despida... céus! É masculina... é o velho Hugh, se congratulando porque construiu a Casa da Colina, e as duas ninfas são suas filhas. A da direita, que parece estar abanando uma espiga de milho, está realmente falando

da ação judicial, e a outra, aquela pequenina lá na ponta, é a acompanhante, e aquela na *outra* ponta...

— É a Sra. Dudley, que serviu de modelo — disse Luke.

— E essa grama em que estão pisando é realmente o tapete da sala de jantar, um pouco crescido. Vocês notaram o tapete da sala de jantar? Parece um campo de feno, e faz cócegas nos tornozelos. No fundo, aquela espécie de macieira esparramada é...

— Um símbolo da proteção da casa, seguramente — disse o Dr. Montague.

— Tenho medo de que caia em cima de nós — disse Eleanor. — Já que a casa é tão desequilibrada, Doutor Montague, não haverá perigo?

— Li em algum lugar que as estátuas foram cuidadosamente, e a alto custo, construídas para contrabalançar a desigualdade do chão em que se apóiam. Foram colocadas aqui quando a casa foi construída e não caíram até agora. É possível, sabem, que Hugh Crain admirasse essa obra e até a achasse linda.

— É também possível que usasse isso para assustar as crianças — disse Theodora. — A sala seria muito bonita sem isso. — Virou, num passo de dança. — Um salão para dançar — disse — para damas de saias rodadas e espaço bastante para quadrilhas. Hugh Crain, quer dançar comigo? — Fez uma cortesia para a estátua.

— Acho que ele vai aceitar — disse Eleanor, recuando involuntariamente.

— Não deixe que ele pise em seus pés — disse o doutor, e riu. — Lembre o que aconteceu com Don Juan.

Theodora tocou a estátua timidamente, colocando o dedo na mão estendida de uma das figuras. — Tocar em mármore é sempre um choque — disse. — Nunca é como você pensa que vai ser. Talvez porque uma estátua de tamanho natural pareça uma pessoa de verdade e você espere sentir pele. — Virando novamente, e reluzindo na sala sombria, deu passos de valsa sozinha, virando para cumprimentar a estátua.

— No fundo do salão — disse o doutor para Eleanor e Luke — atrás das cortinas, há portas que dão para a varanda; quando Theodora estiver com calor de tanto dançar, poderá sair e se

refrescar. — Atravessou o salão para abrir as pesadas cortinas azuis e abrir as portas. O cheiro de chuva morna entrou novamente e um golpe de vento, e a estátua pareceu se mover, e a claridade tocou as paredes coloridas.

— Nada nessa casa se move — disse Eleanor — até você olhar para o outro lado, e aí dá para ver alguma coisa pelo canto dos olhos. Olhem aquelas figurinhas na prateleira; quando estávamos de costas elas estavam dançando com Theodora.

— *Eu* me movo — disse Theodora, dançando em sua direção.

— Flores em redomas de vidro — disse Luke. — Borlas. Estou começando a gostar dessa casa.

Theodora puxou o cabelo de Eleanor. — Vamos correr ao redor da varanda — disse, e foi rápida para a porta. Eleanor, sem hesitar ou pensar, a seguiu, e correram para a varanda. Eleanor, correndo e rindo, contornou uma curva da varanda e encontrou Theodora entrando em outra porta, e parou, sem fôlego. Estavam na cozinha e a Sra. Dudley, virando da pia, as olhou silenciosamente.

— Sra. Dudley — disse Theodora polidamente — estávamos explorando a casa.

Os olhos da Sra. Dudley foram para o relógio na prateleira acima do fogão. — São onze e meia — disse — e eu...

— ... Sirvo o almoço à uma hora — disse Theodora. — Gostaríamos de ver a cozinha, se permite. Acho que já vimos todas as salas desse andar.

A Sra. Dudley ficou parada um minuto e então, acenando a cabeça em aquiescência, virou e cruzou a cozinha deliberadamente até uma porta mais distante. Quando a abriu, elas viram a escada de serviço e a Sra. Dudley virou-se e fechou a porta atrás dela antes de começar a subir. Theodora inclinou a cabeça e esperou um instante antes de dizer: — Acho que a Sra. Dudley gosta muito de mim.

— Talvez tenha subido para se enforcar no minarete da torre — disse Eleanor. — Vamos ver o que tem para o almoço, já que estamos aqui.

— Não toque em nada — disse Theodora. — Você sabe muito bem que o lugar dos pratos é na prateleira. Acha que aquela mulher

está mesmo pretendendo fazer um suflê? Aqui está um prato de suflê, e ovos e queijo...

— Gosto dessa cozinha — disse Eleanor. — Na casa de minha mãe a cozinha era escura e estreita e tudo que você cozinhava nunca tinha gosto nem cor nenhuma.

— E sua cozinha? — perguntou Theodora, desatenta. — Em seu apartamentinho? Eleanor, olhe as portas.

— Não sei fazer suflês — disse Eleanor.

— Olhe, Eleanor. A porta que dá para a varanda, e a outra que dá para as escadas que descem para o porão, acho, e outra que também dá para a varanda, e a que ela usou para subir, e outra lá...

— Que dá também para a varanda — disse Eleanor, abrindo-a. — Três portas que dão para a varanda.

— E a porta que dá para a copa e de lá para a sala de jantar. Nossa querida Sra. Dudley gosta muito de portas, não é? Ela bem que pode — seus olhares cruzaram — sair depressa em qualquer direção. Eleanor virou abruptamente e voltou à varanda. — Estou pensando se ela mandou Dudley fazer mais portas para ela. Estou pensando se ela gosta de trabalhar em uma cozinha onde uma porta pode se abrir atrás dela sem ela ver. Estou pensando, na verdade, o que é que a Sra. Dudley costuma encontrar na cozinha que a faz querer ter uma saída em qualquer direção que corra. Estou pensando...

— Cale a boca — disse Theodora amavelmente. — Uma cozinheira nervosa não pode fazer um bom suflê, todo mundo sabe disso, e ela provavelmente está escutando na escada. Vamos escolher uma das portas dela e deixá-la aberta.

Luke e o doutor estavam na varanda, olhando o gramado; a porta de entrada estava estranhamente próxima. Atrás da casa, parecendo quase em cima, as grandes colinas estavam foscas e embaçadas sob a chuva. Eleanor seguiu pela varanda, pensando que nunca vira uma casa tão completamente cercada. Como um cinto muito apertado, pensou; será que a casa desmontaria se tirassem a varanda? Andou o que achava que era a maior parte do círculo em volta da casa e então viu a torre. Surgiu à sua frente de repente, quase sem aviso, ao contornar a curva da varanda. Era feita de

pedra cinzenta, grotescamente sólida, comprimida contra a parede de madeira da casa, presa pela varanda insistente. Medonha, pensou, e pensou então que se a casa pegasse fogo algum dia, a torre continuaria ali, cinzenta e intimidante sobre as ruínas, avisando às pessoas que se afastassem dos restos da Casa da Colina, com uma ou outra pedra faltando aqui e ali para que corujas e morcegos pudessem entrar e sair e construir ninhos entre os livros. A meia altura da torre começavam as janelas, rasgos estreitos na pedra, e ficou pensando como seria olhar para baixo por essas janelas e por que não conseguira entrar na torre. Nunca olharei por essas janelas, pensou, e tentou imaginar a escada circular de ferro subindo a torre. Lá no alto havia um telhado cônico de madeira, encimado por uma flecha de madeira. Seria ridícula em qualquer outra casa, mas pertencia aqui à Casa da Colina, aguardando exultante talvez uma criaturinha se arrastando pela fresta da janela até o telhado, estendendo a mão para amarrar uma corda na flecha...

— Você vai cair — disse Luke e Eleanor respirou convulsivamente; arrancou os olhos da torre com esforço e percebeu que estava segurando a grade da varanda com força e se inclinando muito para trás. — Não confie em seu equilíbrio na minha encantadora Casa da Colina — disse Luke e Eleanor respirou fundo, tonta, e cambaleou. Ele a segurou enquanto ela tentava recobrar o equilíbrio em um mundo que oscilava, onde o gramado e as árvores estavam de lado e o céu girava e balançava.

— Eleanor? — disse Theodora de perto, e ouviu o som dos passos apressados do doutor ao longo da varanda. — Essa casa maldita — disse Luke. — Tem de ser vigiada todos os minutos.

— Eleanor? — disse o doutor.

— Estou bem — disse Eleanor, sacudindo a cabeça e ficando em pé sozinha, com pouca firmeza. — Eu me inclinei muito para trás para ver o topo da torre e fiquei tonta.

— Estava quase de lado quando a segurei — disse Luke.

— Senti hoje de manhã, uma ou duas vezes — disse Theodora — que estava subindo pelas paredes.

— Traga-a para dentro da casa — disse o doutor. — Não é tão ruim quando se está *dentro* da casa.

— Estou bem — repetiu, encabulada, e andou cautelosamente pela varanda até a porta da frente, que estava fechada. — Pensei que tínhamos deixado a porta aberta — disse em voz trêmula, e o doutor passou por ela e empurrou a porta, abrindo-a novamente. Dentro, o *hall* voltara ao que era; todas as portas que haviam deixado abertas estavam fechadas. Quando o doutor abriu a porta da sala de jogos todos puderam ver que as portas que davam para a sala de jantar estavam fechadas e o banquinho que haviam usado para segurar uma das portas estava de novo em seu lugar contra a parede. No salão, na saleta, na estufa, as portas e janelas estavam fechadas. as cortinas também fechadas e a escuridão reinava em toda parte.

— E a Sra. Dudley — disse Theodora, seguindo o doutor e Luke, que iam de sala em sala rapidamente, abrindo as portas e calçando-as, correndo as cortinas e deixando entrar o ar morno e úmido. — A Sra. Dudley fez o mesmo ontem, assim que Eleanor e eu saímos, porque prefere fechar tudo ela mesma do que ver se fecharem sozinhas, porque as portas têm de ficar fechadas e as janelas têm de ficar fechadas e os pratos têm... — Começou a rir loucamente e o doutor virou-se para ela e franziu a testa, irritado.

— A Sra. Dudley vai ter de aprender o seu lugar — disse. — Se for preciso, vou usar pregos para manter essas portas abertas. — Seguiu o corredor que levava à pequena sala e abriu a porta com estrondo. — Não adianta perder a calma — disse, e deu um pontapé violento na porta.

— Será servido vinho no salão antes do almoço — disse Luke amavelmente. — Entrem, senhoras.

2

— SRA. DUDLEY — disse o doutor, cruzando o talher no prato — o suflê estava magnífico.

A Sra. Dudley virou-se e lhe deu um olhar rápido e foi para a cozinha levando um prato vazio.

O doutor suspirou e mexeu os ombros em um gesto de cansaço. — Depois de minha noite de vigília preciso descansar de tarde, e você — disse para Eleanor — deve deitar-se por uma hora. Talvez um descanso à tarde seja aconselhável para todos nós.

— Entendi — disse Theodora, divertida. — Tenho de fazer a sesta. Vai ser engraçado quando voltar para casa, mas posso sempre explicar que era parte da rotina na Casa da Colina.

— Talvez haja problemas em dormir à noite — disse o doutor, e um frio correu a mesa, escurecendo a luz das pratas e as cores vivas da louça, uma pequena nuvem que passou pela sala e trouxe a Sra. Dudley.

— Faltam cinco minutos para as duas — disse a Sra. Dudley.

3

ELEANOR não dormiu de tarde, embora tivesse vontade; ficou deitada na cama de Theodora no quarto verde, vendo Theodora fazer as unhas, conversando indolentemente, sem querer confessar a si mesma que seguira Theodora ao quarto verde porque não ousara ficar sozinha.

— Adoro me enfeitar — disse Theodora, olhando a mão com ternura. — Gostaria de me pintar dos pés à cabeça.

Eleanor acomodou-se melhor na cama. — Tinta dourada — sugeriu, sem pensar. Com os olhos quase fechados, via Theodora como uma mancha colorida sentada no chão.

— Esmalte de unhas e perfume e sais de banho — disse Theodora, como se estivesse enumerando as cidades do Nilo. — Rímel. Você não se preocupa bastante com essas coisas, Eleanor.

Eleanor riu e fechou completamente os olhos. — Não tenho tempo — disse.

— Bem — disse Theodora, decidida — quando eu terminar, você será uma pessoa diferente; não gosto de andar com mulheres sem cor. — Riu para mostrar que estava brincando e continuou: — Acho que vou botar esmalte vermelho nas suas unhas do pé.

Eleanor riu também e estendeu o pé descalço. Após um minuto, quase adormecida, sentiu o toque frio do pincel nos dedos do pé e estremeceu.

— Certamente que uma cortesã famosa como você está acostumada aos cuidados de suas servas — disse Theodora. — Seus pés estão sujos.

Chocada, Eleanor sentou na cama e olhou; seus pés estavam sujos e as unhas estavam pintadas de vermelho vivo. — *Horrível*, medonho — disse a Theodora, com vontade de chorar. Então, sem querer, deu uma risada ao ver a expressão de Theodora. — Vou lavar os pés — disse.

— Que horror. — Theodora estava sentada no chão perto da cama. — Olhe só isso — disse. — Meus pés estão sujos também, verdade; *olhe*.

— Seja como for — disse Eleanor — detesto que alguém faça alguma coisa em mim.

— Você é a criatura mais maluquinha que já vi — disse Theodora alegremente.

— Não gosto de me sentir indefesa — disse Eleanor. — Minha mãe...

— Sua mãe ficaria encantada de ver você com as unhas pintadas de vermelho — disse Theodora. — Ficaram lindas.

Eleanor olhou novamente os pés. — É um pecado — disse. — Nos *meus* pés. Eu me sinto com cara de idiota.

— Você está misturando brincadeiras com pecados — disse Theodora, começando a juntar sua aparelhagem. — De qualquer maneira, não vou tirar o esmalte e vamos ver se Luke e o doutor olham primeiro para seus pés.

— Seja o que for que eu quero dizer, você sempre me faz parecer uma boba — disse Eleanor.

— Ou uma pecadora. — Theodora a olhou com cara séria. — Tenho um palpite, Eleanor — disse — que você devia ir para casa.

Será que está rindo de mim?, pensou Eleanor; será que decidiu que eu não sirvo para fazer parte do grupo? — Não quero ir para casa — disse, e Theodora olhou-a novamente e desviou rapidamente os olhos, e tocou de leve os dedos do pé de Eleanor. — O esmalte já

secou — disse. — Sou uma boba. Alguma coisa me assustou por um segundo. — Levantou e espreguiçou-se. — Vamos em busca dos outros — disse.

4

LUKE estava encostado à parede do corredor do andar de cima, a cabeça tocando a moldura dourada da gravura de umas ruínas. — Fico pensando nessa casa como sendo minha futura propriedade — disse — agora mais do que antes; fico me dizendo que algum dia vai pertencer a mim, e me pergunto por quê. — Fez um gesto mostrando a extensão do corredor. — Se tivesse paixão por portas — disse — ou relógios dourados, ou miniaturas; se quisesse um cantinho turco só para mim, consideraria a Casa da Colina o reino das fadas em beleza.

É uma casa vistosa — disse o doutor, com lealdade. — Deve ter sido considerada muito elegante quando construída. — Seguiu o corredor em direção ao grande quarto no fim, que havia sido o quarto das crianças. — Agora — disse — vamos ver a torre de uma janela — e tremeu quando atravessou a porta. Virou-se e olhou para trás, curioso. — Será que há alguma corrente de ar nesse vão?

— Corrente de ar? Na Casa da Colina? — Theodora riu. — Só se conseguíssemos que as portas ficassem abertas.

— Então venham aqui, um de cada vez — disse o doutor e Theodora avançou, fazendo uma careta ao cruzar a soleira da porta.

— É como a entrada de um túmulo — disse. — Mas dentro do quarto a temperatura está normal.

Luke a seguiu, hesitou no lugar frio e foi à frente rápido para sair dali, e Eleanor, indo atrás dele, sentiu espantada o frio agudo que a atingiu entre um passo e outro; era como se estivesse atravessando uma parede de gelo, pensou, e perguntou ao doutor: —O que é isso?

O doutor estava batendo as mãos de alegria. — Pode ficar com seus cantinhos turcos, meu caro — disse. Estendeu a mão cuidadosamente sobre o ponto onde fazia frio. — Não se pode

explicar isso — disse. — É a própria essência do túmulo, como disse Theodora. O ponto frio na Reitoria de Borley caía onze graus — disse satisfeito. — Esse aqui, acho, é bem mais frio. O coração da casa.

Theodora e Eleanor tinham se aproximado uma da outra; embora o quarto não estivesse frio, cheirava a mofo e o frio no limiar da porta era quase palpável, visível como uma barreira que tinha de ser transposta para se poder sair. Além das janelas, a pedra cinza da torre era opressiva; dentro, estava escuro e a fileira de bichinhos pintados ao longo das paredes não parecia nada alegre, os animais pareciam presos em armadilhas, lembravam os veados sendo mortos nas gravuras da sala de jogos. O quarto das crianças, maior que os outros quartos, tinha um ar indefinível de abandono que não existia em nenhum outro lugar na Casa da Colina, e Eleanor pensou que nem mesmo os cuidados meticulosos da Sra. Dudley a levariam a atravessar a barreira de frio mais do que o estritamente necessário.

Luke cruzara novamente o ponto frio e estava examinando o tapete do corredor, depois as paredes, batendo nas superfícies como se esperasse descobrir a causa do estranho frio. — *Não pode* ser corrente de ar — disse, olhando para o doutor. — A não ser que haja uma linha de ar direta para o Polo Norte. Tudo isso é sólido.

— Gostaria de saber quem dormia nesse quarto — disse o doutor repentinamente. — Acham que fecharam o quarto quando as crianças foram embora?

— Olhem — disse Luke, apontando. Nos dois cantos do corredor, acima da porta do quarto, estavam penduradas duas cabeças rindo, de dentes arreganhados; destinadas, aparentemente, a servir de decoração alegre para a entrada do quarto das crianças, eram tão sombrias quanto os bichinhos nas paredes. Os dois olhares fixos, capturados para sempre em um riso deformado, se encontravam no ponto do corredor onde estava centralizado o terrível frio. — Quando você fica onde elas podem lhe ver — disse Luke — elas congelam você.

Curioso, o doutor veio se juntar a ele no corredor e olhou para cima. — Não nos deixe sozinhas aqui — disse Theodora e correu para fora do quarto, puxando Eleanor pela mão através da barreira que era como uma bofetada, ou um bafo gelado. — Lugar ótimo

para gelar nossa cerveja — disse, e botou a língua, de fora para as cabeças de dentes arreganhados.

— Tenho de anotar tudo isso — disse o doutor, feliz.

— Não parece um frio *imparcial* — disse Eleanor, sem jeito porque não sabia ao certo o que queria dizer. — Senti que era *proposita*, como se alguma coisa quisesse deliberadamente me dar um choque desagradável.

— É por causa das cabeças, acho — disse o doutor; estava de joelhos, apalpando o chão. — Um metro e um termômetro — disse para si mesmo — giz para desenhar o contorno; talvez o frio seja mais intenso à noite? É sempre pior — disse para Eleanor — se você imaginar que alguma coisa está lhe olhando.

Luke cruzou o frio, estremecendo, e fechou a porta do quarto; voltou para junto dos outros quase em um salto, como se pensasse que poderia escapar do frio se não tocasse o chão. Com a porta do quarto fechada, perceberam logo que estava muito mais escuro e Theodora disse, inquieta: — Vamos descer para nossa salinha; estou sentindo a pressão das colinas.

— Já passam das cinco — disse Luke. — É hora do coquetel. Suponho — disse para o doutor — que confie ainda em mim para lhe fazer um coquetel hoje novamente?

— O de ontem tinha vermute demais — disse o doutor, e os seguiu com relutância, olhando a porta do quarto por sobre o ombro.

5

— PROPONHO — disse o doutor, botando o guardanapo sobre a mesa — tomar café na nossa salinha. Acho a lareira muito confortável.

Theodora deu uma risadinha. — A Sra. Dudley já foi, então vamos correr e abrir todas as portas e janelas e tirar tudo das prateleiras...

— A casa fica diferente quando ela não está — disse Eleanor.

— Mais vazia. — Luke olhou para ela e acenou a cabeça; estava arrumando as xícaras de café em uma bandeja e o doutor já fora em frente, abrindo as portas e calçando-as. — Todas as noites me lembro de repente que estamos os quatro aqui sozinhos.

— Embora a Sra. Dudley não seja grande coisa como companhia. Engraçado — disse Eleanor, olhando a mesa — não gosto da Sra. Dudley, assim como vocês, mas minha mãe nunca me deixaria levantar e largar uma mesa assim até de manhã.

— Se quer ir embora antes de escurecer, tem de tirar a mesa de manhã — disse Theodora, sem grande interesse. — *Eu* é que não vou fazer nada.

— Não fica bem ir embora e deixar uma mesa assim.

— Você não ia saber o lugar certo das coisas e ela ia ter de lavar tudo de novo, só para tirar a marca de seus dedos.

— Se pelo menos eu tirasse os talheres e deixasse de molho...

— Não — disse Theodora, pegando sua mão. — Você quer ir para a cozinha sozinha, com todas aquelas portas?

— Não — disse Eleanor, largando o punhado de garfos que pegara. — Acho que não. — Demorou-se, olhando constrangida os guardanapos amarrotados e o vinho derramado no lugar de Luke, e sacudiu a cabeça. — Não sei o que minha mãe diria disso.

— Vamos — disse Theodora. — Eles deixaram luzes acesas para nós.

O fogo na lareira da salinha crepitava e Theodora sentou junto da bandeja de café enquanto Luke ia buscar o conhaque no armário onde o guardara cuidadosamente na noite anterior. — Devemos ficar alegres a todo custo — disse. — Desafio o senhor novamente, doutor.

Antes do jantar haviam saqueado as outras salas à procura de poltronas confortáveis e abajures e agora sua salinha era o lugar mais agradável da casa. — A Casa da Colina tem sido realmente muito boa para nós — disse Theodora, passando uma xícara de café para Eleanor, e Eleanor sentou, grata, em uma poltrona macia. — Nada de louça suja para Eleanor lavar, uma noite agradável em boa companhia e talvez o sol brilhe novamente amanhã.

— Temos de planejar nosso piquenique — disse Eleanor.

— Vou ficar gorda e preguiçosa na Casa da Colina — continuou Theodora. Sua insistência em dizer o nome da casa perturbava Eleanor. É como se ficasse repetindo de propósito, pensou Eleanor, dizendo à casa que sabe seu nome, chamando a casa para dizer onde nós estamos; será um desafio? Casa da Colina, Casa da Colina, Casa da Colina — disse Theodora em voz baixa, e sorriu para Eleanor.

— Diga-me — disse Luke polidamente a Theodora já que é uma princesa, como está a situação política em seu país.

— Muito instável — disse Theodora. — Fugi porque meu pai, que naturalmente é o rei, insiste em que me case com Michael, o Negro, que é pretendente ao trono. Eu, é claro, não suporto Michael, o Negro, que usa um brinco de ouro e bate nos escudeiros com chicote.

— É realmente um país agitado — disse Luke. — Como conseguiu fugir?

— Escapei numa carroça de feno, disfarçada de serva que ordenha as vacas. Não lhes ocorreu me procurar lá e atravesssei a fronteira com documentos que eu mesma falsifiquei na cabana de um lenhador.

— E Michael, o Negro, certamente tomará posse agora, em um golpe de estado?

— Com toda certeza. E pode ficar com o país todo.

É como estar na sala de espera do dentista, pensou Eleanor, escutando a conversa e olhando-os por cima da xícara de café; esperando o dentista e escutando os outros pacientes fazerem piadas do outro lado da sala, sabendo todos que vão encontrar o dentista mais cedo ou mais tarde. Levantou os olhos de repente, percebendo que o doutor estava perto, e sorriu, incerta.

— Nervosa? — perguntou o doutor, e Eleanor acenou a cabeça afirmativamente.

— Só porque estou imaginando o que vai acontecer — disse.

— Eu também. — O doutor arrastou uma cadeira e sentou perto dela. — Você acha que alguma coisa, seja o que for, vai acontecer breve?

— Sim. Tudo parece que está à espera.

— E *eles* — o doutor fez um sinal de cabeça em direção a Theodora e Luke, que estavam rindo juntos - eles enfrentam isso à *sua* moda; eu me pergunto o que isso vai fazer com todos nós. Um mês atrás diria que essa situação nunca ocorreria, que nós quatro nunca estaríamos sentados aqui juntos, nesta casa. — *Ele* não diz o nome, Eleanor notou. — Estou esperando há muito tempo — ele continuou.

— Acha que temos razão em ficar?

— Razão? — disse ele. — Acho que somos todos uns tolos em ficar aqui. Acho que uma atmosfera dessas pode descobrir as falhas, faltas e fraquezas em todos nós e nos destroçar em questão de dias. Só temos uma defesa, que é fugir daqui. Pelo menos não pode nos *seguir*, pois não? Quando nos sentirmos em perigo podemos ir embora, assim como viemos. E — acrescentou secamente — o mais depressa possível.

— Mas estamos de sobreaviso — disse Eleanor — e somos quatro.

— Já mencionei isso para Luke e Theodora — disse o doutor. — Prometa-me que irá embora o mais depressa que puder se começar a sentir que a casa está lhe segurando.

— Prometo — disse Eleanor, sorrindo. Está tentando me dar coragem, pensou, e sentiu-se grata. — Está tudo bem — disse. — De verdade, tudo está bem.

— Não hesitarei em mandar você embora — ele disse, levantando — se me parecer necessário. Luke? — disse, virando. — As senhoras nos dão licença?

Enquanto eles arrumavam o tabuleiro Theodora andou pela sala, com a xícara na mão e Eleanor pensou: Ela se move como um animal, nervoso e alerta; não pode ficar parada quando há qualquer vestígio de distúrbio no ar; estamos todos inquietos. — Vem sentar junto de mim — disse, e Theodora veio, movendo-se graciosamente, fazendo um círculo antes de pousar. Sentou na cadeira que o doutor deixara e inclinou a cabeça para trás, em um gesto cansado; como é linda, pensou Eleanor, linda por sorte, naturalmente linda, e nem liga para isso. — Está cansada?

Theodora virou o rosto para ela, sorrindo. — Não aguento esperar muito mais.

— Pois estava pensando como você parecia relaxada.

— E eu estava pensando em... quando foi? Anteontem? Pensando como é que pude sair de lá para vir para cá. Talvez esteja com saudades de casa.

Já?

— Já pensou em ter saudades de casa? Se sua casa fosse a Casa da Colina você sentiria saudades dela? Será que aquelas crianças choraram de saudades de sua casa escura e sombria quando foram levadas para longe daqui?

— Nunca fui a lugar nenhum — disse Eleanor, lentamente — portanto acho que nunca tive saudades de casa.

— E agora? Com seu apartamento?

— Talvez — disse Eleanor, olhando o fogo — o tenha há tão pouco tempo que ainda não acredito que é meu.

— Quero minha cama — disse Theodora, e Eleanor pensou: Está de mau humor de novo; quando fica cansada ou com fome, vira um bebê. — Estou com sono — disse Theodora.

— São mais de onze horas — disse Eleanor e ao virar para olhar o jogo de xadrez o doutor deu uma exclamação triunfante e Luke riu.

— Agora, cavalheiro — disse o doutor —, *agora*.

— Vitória muito justa, confesso — disse Luke. Começou a juntar as peças e guardá-las na caixa. — Há alguma razão para eu não levar um pouco de conhaque para o quarto comigo? Para me fazer dormir, ou me dar coragem, ou qualquer outra coisa. Na verdade — sorriu para Theodora e Eleanor — estou planejando ficar acordado e ler um pouco.

— Ainda está lendo *Pamela*? — perguntou Eleanor ao doutor.

O segundo volume. Tenho mais três volumes e depois vou começar a ler *Clarissa Harlowe*, acho. Talvez Luke queira...

— Não, obrigado — disse Luke depressa. — Tenho uma mala cheia de livros de mistério.

O doutor olhou em volta. — Vejamos — disse —, o fogo protegido, luzes apagadas. Deixem as portas para a Sra. Dudley

fechar de manhã.

Cansados, em fila, subiram a escadaria, apagando as luzes ao passarem. — Vocês todos têm lanterna? — perguntou o doutor de repente e todos responderam afirmativamente, mais preocupados em dormir do que com as ondas de escuridão que os seguiam pelas escadas da Casa da Colina.

— Boa-noite — disse Luke.

— Boa-noite para todos — disse Eleanor, abrindo a porta do quarto azul.

— Boa-noite — disse Theodora.

— Boa-noite — disse o doutor. — Durmam bem

6

— JÁ VOU, mamãe, já vou — disse Eleanor, procurando o interruptor. — Tudo bem, já vou. — "Eleanor", ouviu distintamente, "Eleanor". — Já vou, já vou — gritou, irritada — só um minuto, já estou indo.

— Eleanor?

Lembrou-se então, com violento choque, que a acordou completamente, tirando-a da cama, tremendo de frio: *Estou na Casa da Colina*.

— Que é? — exclamou. — Que é? Theodora?

— Eleanor. Vem cá.

— Já vou. — Não tinha tempo de acender a luz; deu um pontapé em uma mesa para tirá-la do caminho, espantada com o barulho que fez, e lutou um pouco com a porta do banheiro. Não é o barulho da mesa caindo, pensou; minha mãe está batendo na parede. O quarto de Theodora estava todo iluminado e Theodora sentava na cama, com os cabelos emaranhados e os olhos arregalados; devo estar igual a ela, pensou Eleanor, e disse: — Estou aqui, o que há? — e ouviu então, claramente pela primeira vez, embora estivesse ouvindo isso desde que acordara. — O que é? —murmurou.

Sentou devagar nos pés da cama de Theodora, pensando em sua própria calma interna. Agora, pensou, agora. É só um barulho, e

está terrivelmente frio, horrivelmente, tremendamente frio. É um barulho no corredor, na outra extremidade do corredor, perto do quarto das crianças, e está fazendo muito frio, *não é* minha mãe batendo na parede.

— Alguma coisa está batendo nas portas — disse Theodora em voz totalmente racional.

— É só isso. E é lá no fim do corredor. Luke e o doutor já devem estar lá, vendo o que é. — Não parece nada com minha mãe batendo na parede; estava sonhando de novo. —

— Bum! Bum! — disse Theodora.

— Bum! — disse Eleanor, e riu. Estou calma, pensou, mas estou com tanto frio; o barulho é só de pancadas nas portas, uma após a outra; era disso que eu estava com medo? "Bum" é o melhor nome para isso; parece coisa de crianças e não mães batendo na parede, pedindo auxílio, e seja como for Luke e o doutor estão lá; é isso que quer dizer sentir um frio na espinha? Porque não é nada agradável; começa no estômago e vai em ondas, rodando por dentro, como alguma coisa viva. Como alguma coisa viva. Sim. Alguma coisa viva.

— Theodora — disse, e fechou os olhos e trincou os dentes e abraçou a si mesma com força — está chegando perto.

— É só um barulho — disse Theodora, e foi para bem perto de Eleanor. — Tem eco.

Parecia, pensou Eleanor, um som oco, uma pancada oca, como se alguma coisa estivesse batendo nas portas com uma chaleira de ferro ou uma barra de ferro, ou uma luva de ferro. Batia regularmente por um minuto, e de repente mais de leve, depois novamente depressa, e parecia estar indo metodicamente de porta em porta no fim do corredor. Pensou ouvir ao longe as vozes de Luke e do doutor, chamando de algum lugar embaixo, e pensou: *Então não estão aqui em cima conosco*, e ouviu o ferro bater em uma porta que parecia bem próxima.

— Talvez vá pelo outro lado do corredor — murmurou Theodora, e Eleanor pensou que a parte mais estranha dessa experiência indescritível era que Theodora também fizesse parte dela. — Não — disse Theodora, e ouviram a pancada contra a porta do outro lado do corredor. Era mais alta, era ensurdecadora, bateu na porta ao

lado delas (será que movia de um lado para o outro do corredor? Tinha pés para andar no tapete? Tinha mãos para bater nas portas?) e Eleanor se atirou fora da cama e correu para colocar as mãos contra a porta. Vá embora — gritou desvairada. — Vá embora, vá embora!

Fez-se completo silêncio e Eleanor pensou, com o rosto encostado à porta: É agora; estava procurando um quarto que tivesse dentro.

O frio penetrou e as pegou, invadindo o quarto. Qualquer um pensaria que os moradores da Casa da Colina dormiam profundamente no silêncio, e de repente Eleanor ouviu um ruído e virou e viu Theodora tremendo, com os dentes batendo, e riu. — Você é um grande bebê — disse.

— Estou com frio — disse Theodora. — Estou morrendo de frio.

— Eu também — disse Eleanor. Pegou o cobertor verde e jogou-o em cima de Theodora e vestiu o roupão quente de Theodora. — Está melhor agora?

— Onde está Luke? Onde está o doutor?

— Não sei. Está mais quente agora?

— Não. — Theodora estremeceu.

— Daqui a pouco vou sair no corredor e chamá-los; você...

Começou de novo, como se tivesse ficado à escuta, esperando ouvir suas vozes e o que diziam, para identificá-las, para saber se estavam bem preparadas, esperando ouvir se estavam com medo. Tão de repente que Eleanor deu um salto e foi parar junto à cama e Theodora fez um esforço para respirar e deu um grito, o ferro bateu contra a porta e ambas ergueram os olhos, horrorizadas, porque as pancadas eram na parte de cima da porta, mais alto do que podiam alcançar, mais alto que Luke ou o doutor poderiam alcançar, e o frio medonho vinha em ondas de seja o que for que estava do outro lado da porta.

Eleanor ficou imóvel e olhou a porta. Não sabia bem o que fazer, embora acreditasse que estava pensando coerentemente e não estivesse assustada demais, pelo menos não tanto quanto pensava que podia ficar em seus piores pesadelos. O frio a incomodava mais que os sons; até o roupão quente de Theodora não adiantava nada

contra as pontas de dedos geladas que subiam e desciam sua espinha. Seria inteligente, talvez, ir até lá e abrir a porta; isso, talvez, fizesse parte das ideias do doutor sobre pesquisas científicas. Eleanor sabia que, mesmo que os pés a levassem até a porta, sua mão não tocaria a maçaneta; imparcial e remotamente, disse a si mesma que nenhuma mão tocaria aquela maçaneta; mãos não foram feitas para isso, disse consigo mesma. Balançava o corpo e cada pancada na porta a empurrava um pouco para trás, e agora parou porque o barulho estava diminuindo. — Vou reclamar com o porteiro sobre o aquecimento barulhento — disse Theodora atrás dela. — Está parando?

— Não — disse Eleanor, sentindo-se mal. — Não.

"Aquilo" as encontrara. Já que Eleanor não abria a porta, ia arranjar uma maneira de entrar. Eleanor disse em voz alta: —Agora sei por que as pessoas gritam, porque acho que vou gritar. — Theodora disse: — Se você gritar eu grito — e riu. Eleanor voltou depressa para a cama e as duas se agarraram, escutando em silêncio. Ouviram pequenas pancadinhas ao redor da porta, pequenos sons de busca, tateando as bordas da porta, procurando uma maneira de entrar. A maçaneta se moveu e Eleanor perguntou baixinho: Está trancada? — Theodora disse que sim com a cabeça e virou, de olhos arregalados, para a porta do banheiro. — A minha também está trancada — disse Eleanor em seu ouvido, e Theodora fechou os olhos, aliviada. As pequenas pancadinhas continuaram ao redor da porta e então, como se a coisa que estava lá fora tivesse ficado subitamente furiosa, recomeçaram as pancadas fortes e Eleanor e Theodora viram a madeira da porta estremecer e sacudir, e a porta se mover contra as dobradiças.

— Não pode entrar — disse Eleanor, frenética, e novamente fez-se silêncio, como se a casa ouvisse com atenção suas palavras, compreendendo, concordando cinicamente, contente em esperar. Ouviu-se uma risadinha fina, um golpe de ar pelo quarto, a risadinha louca crescendo, depois sussurrando, e Eleanor ouviu tudo subindo e descendo a espinha, uma risadinha maligna de triunfo passando por elas e rodeando a casa, e então ouviu o doutor e Luke chamando das escadas e, misericordiosamente, tudo terminou.

Quando veio o verdadeiro silêncio, Eleanor respirou fundo e se mexeu com dificuldade. — Estávamos agarradas como duas crianças perdidas — disse Theodora, e soltou os braços que estavam ao redor do pescoço de Eleanor. — Você está com meu roupão.

— Esqueci o meu. Terminou mesmo?

— Por hoje, pelo menos. — Theodora falou com segurança. — Não sabe? Não viu que não está mais frio?

O horrível frio desaparecera, exceto por um calafrio na espinha de Eleanor quando olhava a porta. Começou a puxar pelo nó que dera na corda do roupão e disse: — Frio intenso é um dos sintomas de estado de choque.

— Estado de choque intenso é um dos sintomas que sinto — disse Theodora. — Aí vêm Luke e o doutor. — As vozes estavam do lado de fora, no corredor, falando depressa, ansiosamente, e Eleanor deixou cair o roupão de Theodora na cama e disse: — Pelo amor de Deus, não deixa que batam à porta; mais uma batida acabaria comigo — e correu para o quarto para buscar seu roupão. Atrás dela, ouviu Theodora dizendo que esperassem um minuto, e então indo abrir a porta, e depois a voz de Luke dizendo calmamente para Theodora: — Ora, ora, você até parece que viu um fantasma.

Quando Eleanor voltou, notou que tanto Luke quanto o doutor estavam vestidos e lhe ocorreu que era uma boa ideia daqui por diante; se aquele frio intenso ia voltar de noite encontraria Eleanor dormindo com roupas de lã e não se importava com o que diria a Sra. Dudley quando descobrisse que pelo menos uma das convidadas estava deitando em uma das camas limpas de sapatos e meias de lã. — Bem — perguntou — os senhores estão gostando de morar em uma casa mal-assombrada?

— Por mim, tudo bem — disse Luke — tudo ótimo. É uma desculpa para tomar um drinque no meio da noite. — Trouxera a garrafa de conhaque e copos e Eleanor pensou que formavam um grupo muito social, os quatro sentados no quarto de Theodora às quatro da manhã, tomando conhaque. Falavam rapidamente, despreocupadamente, e se entreolhavam com olhares curiosos, furtivos, cada um pensando que terrores secretos haviam sido despertados nos outros, que alterações poderiam surgir em um rosto

ou um gesto, que fraqueza desprotegida poderia abrir o caminho para a destruição.

— Aconteceu alguma coisa aqui enquanto estávamos lá fora? — perguntou o doutor.

Eleanor e Theodora se olharam e riram, finalmente uma risada franca, sem histeria nem medo. Depois de um segundo, Theodora disse cuidadosamente: — Nada de especial. Alguém bateu à porta com uma bala de canhão e depois tentou entrar e nos comer, e riu feito louco quando não abrimos a porta. Mas nada muito extraordinário.

Curiosa, Eleanor foi até a porta e abriu-a. — Pensei que a porta fosse se espedaçar — disse, espantada — e não tem nem um arranhão na madeira, nem nas outras portas; estão todas perfeitas.

— Que bom que não marcou a madeira — disse Theodora estendendo o copo para Luke. — Ficaria inconsolável se esse amor de casa se machucasse. — Sorriu para Eleanor. — Nossa Nellie ia gritar.

— E você também.

— Nada disso; só disse aquilo para lhe fazer companhia. Além do mais, a Sra. Dudley disse que não viria. E onde estavam *vocês*, nossos heróicos defensores?

— Estávamos atrás de um cachorro — disse Luke. — Pelo menos, algum animal parecido. — Parou, e continuou com relutância. — Seguimos o dito cujo até lá fora.

Theodora estremeceu e Eleanor disse: — Quer dizer que estava *dentro* da casa?

— Eu o vi passar correndo pela minha porta — disse o doutor — vi só de relance. Acordei Luke e o seguimos escada abaixo até o jardim e o perdemos nos fundos da casa.

— A porta da frente estava aberta?

— Não — disse Luke. — A porta da frente estava fechada. Assim como todas as outras. Nós verificamos.

— Andamos por aí um bocado de tempo — disse o doutor. — Nem sonhávamos que vocês estivessem acordadas até ouvirmos suas vozes. — Falou gravemente. — Há uma coisa que não levamos em consideração — disse.

Os outros o olharam, perplexos, e explicou, contando nos dedos, com seu ar de professor: — Primeiro — disse — Luke e eu fomos acordados antes de vocês, evidentemente; estávamos de pé e nos movimentando, dentro e fora da casa, por mais de duas horas, numa caça infrutífera. Segundo, nenhum de nós — olhou inquisitivamente para Luke ao falar — ouviu nem um som aqui em cima até vocês começarem a falar. Tudo estava absolutamente quieto. Isto é, o som que bateu em sua porta não era audível para nós. Quando desistimos de nossa vigília e resolvemos subir, aparentemente enxotamos seja o que for que estava esperando do outro lado da porta. Agora, que estamos todos aqui juntos, está tudo calmo.

— Não compreendo onde quer chegar — disse Theodora, franzindo a testa.

— Temos de tomar precauções — respondeu.

— Contra o quê? Como?

— Quando Luke e eu fomos chamados lá fora e vocês duas ficaram presas aqui, não lhes parece — e sua voz estava muito calma —, não parece que a intenção foi, de alguma forma, nos separar?

V

OLHANDO-SE no espelho, com a luz do sol da manhã alegrando até o quarto azul da Casa da Colina, Eleanor pensou: É minha segunda manhã na Casa da Colina, e estou incrivelmente feliz. A jornada termina no encontro dos amantes; passei uma noite quase toda acordada, contei mentiras e banquei a boba, e o próprio ar tem gosto de vinho. Tive tanto medo que quase enlouqueci, mas mereço esta alegria; há tanto tempo que espero por ela. Abandonando uma crença da vida inteira de que falar em felicidade é dissipá-la, sorriu para sua imagem no espelho e disse a si mesma em silêncio: Você está feliz, Eleanor, você finalmente recebeu sua dose de felicidade. Desviando os olhos de sua imagem no espelho, pensou cegamente: A jornada termina no encontro dos amantes, encontro dos amantes.

— Luke? — Era Theodora, falando do corredor. — Você levou uma de minhas meias ontem à noite, e você é um ladrão, e espero que a Sra. Dudley me ouça.

Eleanor podia ouvir Luke, de longe, respondendo; protestou que um cavalheiro tinha o direito de guardar os presentes recebidos de uma dama, e tinha certeza que a Sra. Dudley estava ouvindo tudo.

— Eleanor? — Agora Theodora estava batendo na porta de comunicação. — Está acordada? Posso entrar?

— Pode, claro — disse Eleanor, olhando seu rosto no espelho. Você merece, disse a si mesma, passou a vida inteira trabalhando para isso. Theodora abriu a porta e disse, alegre: Você está muito bonita esta manhã, Nell. Essa vida estranha combina com você.

Eleanor sorriu para ela; a vida também combinava com Theodora. — Devíamos estar com olheiras e um ar de desespero — disse Theodora, com o braço ao redor de Eleanor e olhando também o espelho — e no entanto olhe para nós: duas jovens beldades, cheias de saúde.

— Tenho trinta e quatro anos de idade — disse Eleanor, e se perguntou por que razão acrescentara dois anos.

— E parece ter quatorze — disse Theodora. — Vamos; merecemos um bom café.

Rindo, desceram as escadas correndo e acharam o caminho através da sala de jogos. — Bom-dia — disse Luke, animado. — E como dormiram vocês?

— Maravilhosamente, obrigada — disse Eleanor. — Como um bebê.

— Talvez houvesse um pouco de barulho — disse Theodora — mas isso é de se esperar nessas casas velhas. Doutor, o que faremos esta manhã?

— Hein? — disse o doutor, erguendo os olhos. Só ele parecia cansado, mas os olhos brilhavam com o mesmo brilho de todos os olhos; é a excitação, pensou Eleanor; estamos todos nos divertindo.

— A Casa Ballechin — disse o doutor, saboreando as palavras. — A Reitoria em Borley. O Castelo de Glamis. É incrível ter essa experiência, absolutamente incrível que eu *não* tivesse acreditado. Começo a compreender, vagamente, a delícia do verdadeiro médium. Passe-me a geléia, por favor. Obrigado. Minha esposa nunca vai acreditar. Tudo tem um gosto novo, não acham?

— Então não foi a Sra. Dudley que superou sua própria excelência; estava em dúvida — disse Luke.

— Tentei me lembrar — disse Eleanor — de ontem à noite. Lembro que sabia que estava com medo, mas não consigo imaginar estar *realmente* com medo...

— Eu me lembro do frio — disse Theodora, estremeando.

— Acho que é porque era tão irreal de acordo com tudo a que estou acostumada; quer dizer, não *fazia sentido*. — Eleanor parou e riu, encabulada.

— Concordo — disse Luke. — Hoje de manhã descobri que estava *contando* a mim mesmo o que havia acontecido ontem à noite: o oposto de um pesadelo, quando você fica dizendo a si mesmo que na verdade *não* aconteceu.

— Achei bastante excitante — disse Theodora.

O doutor ergueu um dedo, em forma de aviso. — Ainda é perfeitamente possível que seja tudo causado por águas subterrâneas.

— Então deviam construir mais casas sobre fontes ocultas — disse Theodora.

O doutor franziu a testa. — Essa excitação me incomoda — disse. — É intoxicante, certamente, mas não poderá também ser perigosa? Um efeito da atmosfera da Casa da Colina? O primeiro sinal de que somos vítimas, por assim dizer, de um encantamento?

— Então serei uma princesa encantada — disse Theodora.

— No entanto — disse Luke — se a noite passada é uma amostra verdadeira da Casa da Colina, não vamos ter muitos problemas; tivemos medo, é claro, e achamos a experiência desagradável enquanto estava ocorrendo, mas não posso me lembrar de ter sentido que havia perigo *físico*; mesmo quando Theodora disse que seja o que for que estava do outro lado da porta ia entrar para comê-la, não parecia...

— Sei o que ela quis dizer — disse Eleanor — porque pensei que era a palavra exata. Queria dizer que "a coisa" queria nos consumir, absorver-nos, fazer de nós parte da casa, talvez... Desculpem, não consigo me expressar direito.

— Não existe nenhum perigo físico — disse o doutor enfaticamente. — Nenhum fantasma em todas as estórias longas de fantasmas jamais machucou alguém fisicamente. Os únicos danos são causados pela própria vítima a si mesma. Não se pode nem dizer que os fantasmas atacam a mente, porque a mente consciente, racional, é invulnerável; em todos os nossos conscientes, sentados aqui conversando, não existe uma gota de crença em fantasmas. Nenhum de nós, mesmo depois da noite passada, pode dizer a palavra "fantasma" sem um pequeno sorriso involuntário. Não, o perigo do sobrenatural é que ataca onde a mente moderna é mais fraca, onde abandonamos a armadura protetora de superstição e não temos outra defesa em substituição. Nenhum de nós pensa racionalmente que o que correu pelo jardim ontem à noite era um fantasma, e o que bateu nas portas era um fantasma, no entanto *alguma coisa* aconteceu na Casa da Colina ontem à noite e o refúgio instintivo da mente, a dúvida, está eliminada. Não podemos dizer: "Foi minha imaginação", porque três outras pessoas estavam lá também.

— Eu poderia dizer — interrompeu Eleanor, sorrindo — que vocês três são produto de minha imaginação e nada do que está

acontecendo é real.

— Se eu achasse que você realmente acreditava nisso — disse o doutor com gravidade — mandaria você embora da Casa da Colina agora mesmo. Você estaria se aventurando muito perto demais da condição mental que acolheria os perigos da Casa da Colina com uma espécie de abraço afetuoso.

— Quer dizer que ele ia considerar você maluquinha, Nell querida.

— Bem — disse Eleanor — acho que teria razão. Se eu ficasse do lado da Casa da Colina e contra vocês todos, teria de esperar que me mandassem embora. — Por que eu, perguntou a si mesma, por que eu? Serei por acaso a consciência pública? Esperam sempre que eu diga em palavras francas o que eles são arrogantes demais para reconhecer? É suposto que eu seja a mais fraca, mais fraca que Theodora? De todos nós, pensou, sou certamente a que tem menos probabilidade de se virar contra os outros.

— Os *poltergeists* — disse o doutor, lançando um rápido olhar a Eleanor — são outra coisa. Lidam inteiramente com o mundo físico; jogam pedras, movem objetos, quebram pratos. A Sra. Foyster na Reitoria de Borley tinha muita paciência, mas finalmente perdeu a calma quando seu melhor bule de chá foi atirado pela janela. Os *poltergeists* são os mais baixos na escala social do sobrenatural; são destrutivos, mas não têm mente nem vontade; são simplesmente uma força sem direção. Vocês se lembram — perguntou com um sorriso — da encantadora estória de Oscar Wilde, *O Fantasma de Canterville*?

— Os gêmeos americanos que derrotaram o velho fantasma inglês — disse Theodora.

— Isso mesmo. Sempre gostei da ideia de que os gêmeos americanos eram na verdade um fenômeno *poltergeist*; os *poltergeists* certamente ofuscam qualquer manifestação mais interessante. Os maus fantasmas espantam os bons. — Bateu as mãos alegremente. — Espantam tudo mais, também — acrescentou. — Há uma mansão na Escócia infestada por *poltergeists* onde houve até dezessete incêndios espontâneos em um dia só; os *poltergeists* gostam de tirar as pessoas da cama violentamente, erguendo a

cabeceira da cama e atirando-as no chão e me lembro do caso de um pastor que foi forçado a abandonar sua casa porque era atormentado, dia após dia, por um *poltergeist* que atirava em sua cabeça hinários roubados de uma igreja rival.

De repente, sem nenhuma razão, Eleanor sentiu que ia explodir em riso; teve vontade de correr para a cabeceira da mesa e abraçar o doutor, queria rodar, cantando, pelo gramado, queria cantar e gritar e balançar os braços e mover-se em grandes círculos enfáticos e possessivos pelas salas da Casa da Colina; Estou aqui, estou aqui, pensou. Fechou os olhos depressa e depois disse recatadamente para o doutor: — O que vamos fazer hoje?

— Vocês parecem um bando de crianças — disse o doutor, sorrindo. — Sempre me perguntando o que vão fazer. — Não podem se distrair com seus brinquedos? Ou uns com os outros? Tenho muito trabalho a fazer.

— O que eu realmente quero fazer — Theodora deu uma risadinha — é deslizar pelo corrimão da escada. — A excitação alegre a atingira, assim como a Eleanor.

— Vamos brincar de esconder — disse Luke.

— Procurem não se afastar muito sozinhos — disse o doutor. — Não posso dar nenhuma razão para isso, mas parece sensato.

— Porque há ursos no mato — disse Theodora.

— E tigres no sótão — disse Eleanor.

— E uma velha feiticeira na torre, e um dragão no salão.

— Estou falando sério — disse o doutor, rindo.

— São dez horas. Eu tiro...

— Bom-dia, Sra. Dudley — disse o doutor. Eleanor, Theodora e Luke recostaram-se nas cadeiras e deram gargalhadas.

— Eu tiro a mesa às dez.

— Não vamos atrasar muito seu serviço. Quinze minutos, por favor; depois pode tirar a mesa.

— Tiro a mesa do café às dez horas. Sirvo o almoço à uma. O jantar eu sirvo às seis. São dez horas.

— Sra. Dudley — começou o doutor, severamente, e então, vendo o rosto de Luke contorcido com o riso preso, cobriu os olhos

com o guardanapo e desistiu. — Pode tirar a mesa, Sra. Dudley — disse o doutor com voz entrecortada.

Alegres, o som de suas risadas ecoando pelas salas e corredores da Casa da Colina e indo até as estátuas de mármore no salão e o quarto das crianças lá em cima e o minarete exótico no topo da torre, seguiram o corredor até sua salinha, caindo, exaustos, nas poltronas. — Não devemos caçar da Sra. Dudley — disse o doutor, e se inclinou para a frente, sacudindo os ombros de tanto rir.

Riram por muito tempo, falando de quando em quando em frases entrecortadas de riso, tentando dizer alguma coisa, apontando uns para os outros, e suas risadas abalaram a Casa da Colina, até que, fracos e doloridos, recostaram-se cansados e se entreolharam. — Agora... — começou o doutor e foi interrompido por uma risadinha de Theodora.

— Agora — disse o doutor novamente, mais severo, e ficaram todos quietos. — Quero mais café — disse, quase implorando. — Vocês não querem?

— Está querendo dizer, ir lá na cozinha e pedir à Sra. Dudley? — perguntou Eleanor.

— Entrar lá, quando não é uma hora, nem seis horas, e *pedir* café? — disse Theodora, incrédula.

— Mais ou menos isso — disse o doutor. — Luke, meu caro, já observei que você é o favorito da Sra. Dudley...

— E como — indagou Luke com espanto — poderia observar uma coisa tão despropositada? A Sra. Dudley me olha com o mesmo horror que olha um prato que não está na prateleira, como devia; nos olhos da Sra. Dudley...

— Você é, afinal de contas, o herdeiro da casa — disse o doutor, persuasivo. — A Sra. Dudley deve sentir uma afeição especial de empregada antiga pelo jovem patrão.

— Nos olhos da Sra. Dudley eu valho menos que um garfo que caiu no chão. Eu lhe imploro, se está pretendendo pedir alguma coisa àquela velha idiota, mande Theo ou nossa encantadora Nell. *Elas* não têm medo...

— Nada disso — disse Theodora. — Vocês não podem mandar uma jovem indefesa enfrentar a Sra. Dudley. Nell e eu estamos aqui

para sermos protegidas, não para combater por vocês, seus covardes.

— O doutor...

— Tolice — disse o doutor calorosamente. — Certamente não estão pensando em pedir a *mim* para ir; eu, um homem de idade; além do mais, você *sabe* que ela adora você.

— É um absurdo — disse Luke. — Ser sacrificado por uma xícara de café. Não se espantem, e prestem atenção ao que digo, não se espantem se perderem seu Luke nesta causa; talvez a Sra. Dudley ainda não tenha comido nada esta manhã e ela é perfeitamente capaz de fazer um "filé de Luke à la meunière" ou talvez um picadinho de Luke, dependendo de seu estado de espírito; se eu não voltar... — abanou o dedo em frente do nariz do doutor — suplico que olhem o almoço com grande suspeita. — Cumprimentando gravemente os presentes, como o herói que sai para matar o gigante, fechou a porta ao sair.

— Luke é um encanto — disse Theodora, espreguiçando-se.

— A Casa da Colina é um encanto — disse Eleanor. — Theo, há uma espécie de pérgula no jardim do lado, toda coberta de mato; eu vi ontem. Vamos explorá-la agora de manhã.

— Com o maior prazer — disse Theodora. — Não quero deixar um milímetro da Casa da Colina sem ser devidamente explorado. Além disso, está um dia lindo demais para ficar dentro de casa.

— Vamos convidar Luke também — disse Eleanor. — E o senhor, doutor?

— Minhas anotações — começou o doutor, e parou quando a porta se abriu tão abruptamente que Eleanor pensou, num relâmpago, que Luke não ousara enfrentar a Sra. Dudley e ficara esperando, encostado à porta; mas então, olhando o rosto lívido de Luke e ouvindo o doutor dizer, furioso: — Quebrei a primeira regra que eu mesmo fiz; mandei-o ir sozinho — quis falar e só conseguiu dizer, insistentemente: — Luke? Luke?

— Tudo bem — disse Luke, e até conseguiu esboçar um sorriso. — Mas venham comigo até o corredor comprido.

Apreensivos com a expressão de seu rosto e seu sorriso, levantaram-se silenciosamente e o seguiram até o corredor comprido

e escuro que levava de volta ao *hall* de entrada. — É aqui — disse Luke, e um frio correu pela espinha de Eleanor quando viu que ele estava segurando um fósforo aceso junto à parede.

— É... alguma coisa escrita? — perguntou Eleanor, se aproximando.

— É — disse Luke. — Não reparei antes, só quando voltava. A Sra. Dudley disse não — acrescentou em voz tensa.

— Minha lanterna. — O doutor tirou a lanterna do bolso e à sua luz, enquanto ele se movia lentamente de uma ponta do *hall* à outra, as letras surgiram claramente. — Giz — disse o doutor chegando à frente e tocando a parede com o dedo. — Escrito com giz.

As letras eram grandes e malformadas e pareciam, pensou Eleanor, que haviam sido rabiscadas por meninos levados em algum muro. Mas não era nada disso, eram incrivelmente reais, seguindo em linhas tortas pelos painéis de madeira do corredor. De uma ponta à outra iam as letras, quase grandes demais para serem lidas, mesmo quando se encostou na parede oposta.

— Consegue ler? — perguntou Luke em voz baixa, e o doutor, movendo a lanterna, leu devagar: AJUDE ELEANOR A VOLTAR PARA CASA.

— Não. — Eleanor sentiu as palavras ficarem presas na garganta; vira seu nome quando o doutor estava lendo. Sou eu, pensou. É meu nome que está ali, tão claro; eu não deveria estar nas paredes desta casa. — Apaguem isso, *por favor* — disse, e sentiu o braço de Theodora em volta dos ombros. — É *loucura* — disse Eleanor, confusa.

— É loucura mesmo — disse Theodora, com veemência. — Vamos, Nell. Venha sentar na sala. Luke vai arranjar alguma coisa para apagar isso.

— Mas é uma *loucura* — disse Eleanor, sem arredar, olhando seu nome na parede. — *Por quê...?*

Com firmeza, o doutor a impeliu para a salinha e fechou a porta; Luke já começara a apagar a mensagem com o próprio lenço. — Ouça aqui — disse o doutor — só porque seu nome...

— É isso — disse Eleanor, olhando-o fixamente. — Sabe meu nome, não é? A casa, ou seja o que for, sabe *meu nome*...

— Cale a boca! — Theodora sacudiu-a violentamente. Podia ter escrito qualquer nome; sabe os nomes de todos nós.

— Foi você que escreveu aquilo? — Eleanor virou-se para Theodora. — Por favor me diga... não vou ficar zangada, nem nada, só queria saber... talvez fosse só uma brincadeira? Para me assustar? — Olhou o doutor, implorando.

— Sabe muito bem que não foi nenhum de nós — disse o doutor.

Luke entrou, limpando as mãos no lenço e Eleanor virou-se para ele, esperançosa. — Luke — disse — foi você que escreveu aquilo, não foi? Quando você foi falar com a Sra. Dudley?

Luke olhou-a espantado e depois veio sentar no braço de sua cadeira. — Ouça aqui — disse —, quer que eu escreva seu nome por toda parte? Quer que corte suas iniciais com um canivete em troncos de árvores? Quer que escreva "Eleanor", "Eleanor" em pedacinhos de papel? — Puxou-lhe de leve os cabelos. — Não sou tão bobo assim — disse. — Seja uma boa menina.

— Mas por que eu? — disse Eleanor, olhando de um para outro; estou de fora, pensou, desvairada; sou a escolhida, e disse depressa, suplicante: — Fiz alguma coisa para atrair atenção, mais do que qualquer outra pessoa?

— Não mais do que o normal, querida — disse Theodora. Estava de pé junto à lareira, encostada na prateleira e batendo com as pontas dos dedos, e quando falou olhou para Eleanor com um sorriso largo. — Talvez você mesma tenha escrito a mensagem.

Furiosa, Eleanor quase gritou: — Acha que *quero* ver meu nome rabiscado por toda essa casa nojenta? Acha que *gosto* da ideia de ser o centro de atração? *Eu* não sou uma criança mimada, afinal de contas... *Eu* não gosto de ser escolhida...

— Pedindo auxílio, notou isso? — disse Theodora, em voz leve. — Talvez o espírito da pobre acompanhante tenha encontrado um meio de se comunicar, finalmente. Talvez estivesse apenas esperando uma pessoa insípida, tímida...

— Talvez fosse endereçada a mim só porque nenhum pedido de auxílio poderia penetrar esse seu egoísmo de pedra; talvez eu

tivesse mais pena e compreensão em um segundo do que você em...

— E talvez, é claro, você mesma tenha escrito aquilo — disse Theodora de novo.

Como todos os homens quando vêem mulheres brigando, o doutor e Luke haviam se afastado, ficando de pé juntos, em silêncio constrangido; então, finalmente, Luke deu um passo à frente e disse rispidamente: — Chega, Eleanor — e Eleanor virou-se violentamente, batendo o pé: — Como ousa? — disse, ofegante. — Como ousa?

O doutor riu, então, e ela o olhou e depois para Luke, que a observava, sorrindo. O que há de errado comigo? pensou. E depois: Eles acham que Theodora fez isso de propósito, para eu ficar tão furiosa que perdesse o medo; que vergonha ser manobrada dessa maneira. Cobriu o rosto com as mãos e sentou-se.

— Nell, querida — disse Theodora. — Desculpe.

Tenho de dizer alguma coisa, disse Eleanor consigo mesma; tenho de mostrar a eles que tenho espírito esportivo; deixe eles pensarem que estou envergonhada. — Eu é que peço desculpas — disse. — Fiquei com muito medo.

— Claro que ficou — disse o doutor, e Eleanor pensou: Como ele é simplório, como é transparente; acredita em tudo que ouve. Até acredita que Theodora me chocou para impedir que eu ficasse histérica. Sorriu para ele e pensou: Agora sou parte do rebanho novamente.

— Pensei que você ia mesmo começar a gritar — disse Theodora, vindo se ajoelhar perto da cadeira de Eleanor. — Em seu lugar, *eu* teria. Mas não podemos deixar que você tenha uma crise de nervos, sabe.

Não podemos deixar ninguém exceto Theodora ocupar o centro do palco, pensou Eleanor; se Eleanor for a que vai ficar de fora, vai ficar sozinha. Estendeu a mão e tocou os cabelos de Theodora, e disse: — Obrigada. Acho que fiquei meio abalada por um instante.

— Pensei que vocês duas fossem se atracar — disse Luke — até compreender o que Theodora estava fazendo.

Sorrindo para os olhos brilhantes, felizes, de Theodora, Eleanor pensou: mas não era isso que Theodora estava fazendo.

2

O TEMPO corria preguiçosamente na Casa da Colina. Eleanor e Theodora, o doutor e Luke, alertas contra o terror, cercados pelas colinas verdejantes e instalados em segurança no luxo morno e escuro da casa, passaram um dia calmo e uma noite calma — o suficiente, talvez, para embotá-los um pouco. Faziam as refeições juntos e a comida da Sra. Dudley continuou perfeita. Conversavam e jogavam xadrez; o doutor terminou *Pamela* e começou *Sir Charles Grandison*. Uma necessidade premente de privacidade os levava ocasionalmente a passar algumas horas a sós em seus quartos separados, sem serem perturbados. Theodora e Eleanor e Luke exploraram os arbustos emaranhados atrás da casa e encontraram a pequena pérgula, enquanto o doutor ficava sentado no gramado, escrevendo, ao alcance da vista e da voz. Encontraram um roseiral murado, coberto de mato, e uma horta devotamente cuidada pelos Dudley. Falavam constantemente em fazer o piquenique perto do riacho. Havia morangos silvestres perto da pérgula e Theodora e Eleanor e Luke trouxeram de volta um lenço cheio e se esticaram no gramado, perto do doutor, comendo, manchando as mãos e as bocas; como crianças, disse-lhes o doutor, erguendo os olhos de suas anotações e sorrindo. Cada um havia escrito, descuidadamente e sem muita atenção a detalhes, um relato do que pensavam que haviam visto e ouvido até então na Casa da Colina, e o doutor guardara os papéis em sua pasta. Na manhã seguinte — a terceira manhã na Casa da Colina — o doutor, ajudado por Luke, passara uma hora de dedicação e frustração no chão do corredor de cima, tentando, com giz e um metro, determinar as dimensões precisas do local frio, enquanto Eleanor e Theodora sentavam de pernas cruzadas no chão do corredor, tomando nota das medidas do doutor e jogando o jogo da velha. O doutor era consideravelmente estorvado em seu trabalho pelo frio intenso que lhe congelava os

dedos, não o deixando segurar o giz ou o metro por mais de um minuto de cada vez. Luke, do outro lado da porta do quarto das crianças, conseguia segurar a outra ponta do metro até que sua mão se aproximava do local frio e aí seus dedos perdiam a força e se abriam. Um termômetro, colocado no centro do local frio, recusara registrar qualquer alteração de temperatura, mostrando a mesma do resto do corredor e fazendo com que o doutor ficasse furioso com as estatísticas da Reitoria de Borley, que assinalaram uma queda de onze graus. Quando definira o local frio o melhor possível, levou-os para baixo para almoçar e desafiou todos a encontrá-lo para jogar croqué à tarde, quando refrescasse.

— É uma pena — explicou — passar uma manhã tão gloriosa procurando um lugar frígido no chão de um corredor. Precisamos planejar passar mais tempo fora de casa — e ficou um pouco surpreso quando todos riram.

— Será que ainda existe um mundo em algum lugar? — perguntou Eleanor, pensativa. A Sra. Dudley fizera um bolo de pêssegos e Eleanor olhou para o prato e disse: — Tenho certeza que a Sra. Dudley vai para outro lugar à noite e de manhã traz leite e creme, e Dudley traz as compras todas as tardes, mas não me lembro que existem outros lugares além desse.

— Estamos em uma ilha deserta — disse Luke.

— Não consigo imaginar outro mundo além da Casa da Colina — disse Eleanor.

— Talvez — disse Theodora — devêssemos fazer riscos na parede ou empilhar gravetos, um para cada dia, para sabermos há quantos dias estamos abandonados na ilha.

— Como é bom não ter notícias lá de fora. — Luke empilhou uma montanha de creme em cima de sua fatia de bolo. — Nada de cartas, ou jornais; pode estar acontecendo um monte de coisas.

— Infelizmente — disse o doutor, e parou. — Desculpem — continuou — o que queria dizer é que vamos ter notícias do mundo lá fora, e é claro que não quis dizer infelizmente. A Sra. Montague, isto é, minha esposa, vai estar aqui no sábado.

— Mas quando é o sábado? — perguntou Luke. — Será um prazer ver a Sra. Montague, evidentemente.

— Depois de amanhã. — O doutor pensou um pouco. Sim — disse após um minuto — acho que depois de amanhã é sábado. Vamos saber que é sábado, claro — deu um ligeiro sorriso — porque a Sra. Montague estará aqui.

— Espero que ela não esteja contando que aconteça alguma coisa excitante durante a noite — disse Theodora. — A Casa da Colina não está cumprindo sua promessa original. Ou talvez a Sra. Montague seja recebida com um dilúvio de manifestações psíquicas.

— A Sra. Montague — disse o doutor — estará pronta para isso.

— Estou espantada — disse Theodora para Eleanor quando saíram da sala de jantar sob o olhar vigilante da Sra. Dudley — porque tudo tem estado tão calmo. Acho esse período de espera enervante, muito pior, talvez, do que se acontecesse alguma coisa.

— Não somos nós que estamos esperando — disse Eleanor. — É a casa. Acho que está aguardando a hora certa.

— Esperando até nos sentirmos seguros, e aí avança e nos pega.

— Gostaria de saber quanto tempo pode esperar. — Eleanor estremeceu e começou a subir as escadas. — Estou quase escrevendo uma carta à minha irmã. Dizendo assim: "Estou me divertindo imensamente aqui na maravilhosa Casa da Colina..."

— "Você devia trazer a família toda aqui no ano que vem" — continuou Theodora. — "O ar é revigorante, especialmente no corredor do segundo andar..."

— "A atmosfera é repousante e você sente a alegria de viver..."

— "Há surpresas a cada instante ..."

— "A civilização parece estar muito longe ..."

Eleanor riu. Estava à frente de Theodora, no topo das escadas. O corredor escuro estava um pouco mais claro essa tarde, porque haviam deixado a porta do quarto das crianças aberta e o sol entrava pelas janelas da torre e tocava o giz e o metro do doutor no chão. A luz refletida pelos vitrais no patamar projetava fragmentos de azul e alaranjado e verde na madeira escura do corredor. — Vou dormir — disse. — Nunca tive tanta preguiça em minha vida.

— Vou deitar em minha cama e sonhar com ônibus — disse Theodora.

Tornara-se um hábito para Eleanor parar na porta de seu quarto e olhar em volta rapidamente antes de entrar; dizia a si mesma que fazia isso porque o quarto era tão intensamente azul que levava um minuto para os olhos se acostumarem. Quando entrava, ia até a janela para abri-la, pois sempre a encontrava fechada; hoje estava no meio do quarto quando ouviu a porta de Theodora bater e o grito abafado: — Eleanor! — Movendo-se rapidamente, Eleanor correu para o corredor e para a porta de Theodora, onde parou, horrorizada, olhando sobre o ombro de Theodora. — O que é? — murmurou.

— O que você acha que é? — A voz de Theodora era esganiçada. — O que você acha, sua idiota?

Não vou lhe perdoar isso tampouco, pensou Eleanor, em toda sua confusão. — Parece tinta — disse, hesitante. — Exceto que... — percebeu de repente — exceto que o cheiro é horrível.

— E sangue — disse Theodora, com certeza. Estava agarrada à porta, oscilando junto com ela, olhando para o quarto. — Sangue — repetiu. — Em toda parte. Está vendo?

— Claro que estou vendo. E não está em *toda parte*. Não seja tão dramática. — Embora, pensou com dor de consciência, na verdade Theodora não estivesse sendo tão dramática. Um dia desses, pensou, uma de nós vai jogar a cabeça para trás e botar a boca no mundo, e espero que não seja eu, porque estou procurando me controlar; vai ser Theodora que... E então, com um calafrio, perguntou: — Aquilo ali, é alguma coisa escrita na parede? — e ouviu a risada louca de Theodora, e pensou: Talvez seja eu, afinal, e isso não pode acontecer. Tenho de me controlar, e fechou os olhos e disse silenciosamente: "Pare e escute, seu verdadeiro amor está vindo, cantando e murmurando ternas palavras. Não se aventure mais longe, a jornada termina no encontro dos amantes..."

— É sim, minha cara — disse Theodora. — Não sei como você conseguiu fazer isso.

— Não perca a cabeça — disse Eleanor. — Chame Luke. E o doutor.

— Por quê? — perguntou Theodora. — Não era para ser uma surpresa para mim? Um segredo só entre nós duas? — Largou a

porta e soltando-se das mãos de Eleanor, que tentava detê-la, correu para o armário e escancarou a porta, começando a chorar: — Minhas roupas — disse. — Minhas roupas!

Andando firme, Eleanor foi até o topo das escadas. — Luke — chamou, inclinada sobre a balaustrada. — Doutor Montague.

— Não levantou a voz e tentou mantê-la calma, mas ouviu o livro do doutor cair no chão e logo depois os passos apressados dele e de Luke se aproximando da escada. Ficou olhando e viu seus rostos apreensivos, e pensou na intranquilidade que jazia logo abaixo da superfície em todos eles, e como todos pareciam estar sempre aguardando um grito de socorro de um dos outros; inteligência e compreensão não servem absolutamente de proteção, pensou. — É Theo — disse, quando eles alcançaram o patamar. — Está histérica. Alguém... alguma coisa ... derramou tinta vermelha no quarto dela e está chorando por causa das roupas. — Não podia ter sido mais justa que isso, pensou, virando para segui-los. Poderia ter sido mais justa com ela do que fui? perguntou a si mesma, e sorriu.

Theodora ainda soluçava loucamente no quarto, dando pontapés na porta do armário, num acesso de fúria que poderia ter sido engraçado se ela não estivesse segurando a saia amarela, toda manchada; as outras roupas haviam sido arrancadas dos cabides e estavam todas emboladas no chão do armário, todas manchadas de vermelho. — O que é isso? Luke perguntou ao doutor, e o doutor, sacudindo a cabeça, disse: — Posso jurar que é sangue, mas para conseguir tanto sangue, seria preciso... — e calou-se abruptamente.

Ficaram todos em silêncio por um instante, olhando para AJUDEM ELEANOR A VOLTAR PARA CASA escrito em letras vermelhas e trêmulas no papel de parede sobre a cama de Theodora.

Desta vez estou preparada, disse Eleanor para si mesma, e alto: — É melhor tirarem Theodora daqui; é melhor levá-la para meu quarto.

— Minhas roupas... — disse Theodora para o doutor. —O senhor viu minhas roupas?

O cheiro era atroz e as letras na parede haviam escorrido e respingado. Havia uma linha de pingos da parede até o armário,

talvez o que tivesse chamado a atenção de Theodora, e uma grande mancha irregular no tapete verde. — É repulsivo — disse Eleanor. — Por favor, levem Theo para meu quarto.

Luke e o doutor, entre eles, convenceram Theodora a ir pelo banheiro para o quarto de Eleanor, e Eleanor, olhando a tinta vermelha (tem de ser tinta, disse a si mesma; *tem* de ser; que mais poderia ser?) disse em voz alta: — Mas *por quê?* — e ficou olhando as palavras na parede. Aqui jaz uma, pensou, cujo nome foi escrito em sangue; será que estou coerente neste momento?

— Ela está bem? — perguntou, virando-se quando o doutor voltou ao quarto.

— Estará em alguns minutos. Vamos ter de deixá-la em seu quarto por uns tempos; não posso imaginar que queira dormir *aqui* novamente. — O doutor sorriu ligeiramente, desanimado. — Vai levar muito tempo, acho, até que ela possa abrir uma porta sozinha.

— Imagino que terá de usar minhas roupas.

— Creio que sim, se não se incomodar. — O doutor a olhou curiosamente. — Essa mensagem incomodou você muito menos que a outra, não foi?

— É tola demais — disse Eleanor, tentando compreender seus próprios sentimentos. — Fiquei olhando essas palavras e me perguntando *por quê*. Sabe, é como uma piada de que ninguém ri: acho que era para eu ficar com muito mais medo do que estou, e não estou porque simplesmente é horrível demais para ser real. E fico me lembrando de Theo botando esmalte vermelho... — Deu uma risadinha curta e o doutor lhe lançou um olhar agudo, mas continuou: — Bem poderia ser tinta, compreende. — Não consigo parar de falar, pensou; o que tenho a explicar em tudo isso? — Talvez não consiga levar a sério — disse — depois de ver a pobre Theo gritando por causa das roupas e me acusando de ter escrito meu nome nas paredes dela. Talvez eu esteja me acostumando a ela me culpar de tudo.

— Ninguém a está culpando de nada — disse o doutor, e Eleanor se sentiu repreendida.

— Espero que ache minhas roupas boas bastante para ela — disse Eleanor acerbamente.

O doutor virou-se, olhando o quarto; tocou de leve com o dedo as palavras na parede e moveu com o pé a saia amarela de Theodora. — Mais tarde — disse, distraído. — Talvez amanhã. — Olhou para Eleanor e sorriu. — Posso fazer um esquema exato disso tudo — disse.

— Posso ajudá-lo — disse Eleanor. — Isso me deixa enojada, mas não me amedronta.

— É — disse o doutor. — Acho melhor fecharmos esse quarto por enquanto; não queremos Theodora entrando aqui por acaso. mais tarde, quando tiver tempo, posso estudá-lo. E também — disse com ar divertido — não gostaria que a Sra. Dudley entrasse aqui para arrumar o quarto.

Eleanor olhou em silêncio enquanto ele trancava a porta do corredor pelo lado de dentro e depois atravessaram juntos o banheiro e ele trancou a porta que dava para o quarto de Theodora. — Vou ver se podemos colocar outra cama em seu quarto — disse, e depois de uma pausa, um tanto sem jeito: — Você não perdeu a cabeça, Eleanor; isso me ajudou muito.

— Já lhe disse, isso me enjoa, mas não me mete medo — disse, satisfeita com o elogio, e virou para Theodora. Theodora estava deitada na cama de Eleanor, e Eleanor viu, nauseada, que Theodora estava com as mãos vermelhas e sujava o travesseiro de Eleanor. — Olha aqui — disse com aspereza, chegando perto de Theodora — você vai ter de usar minhas roupas até poder arranjar outras, ou limpar as suas.

— Limpar? — Theodora rolou convulsivamente na cama e cobriu os olhos com as mãos manchadas. — *Limpar?*

— Pelo amor de Deus — disse Eleanor — deixe-me limpar você. — Pensou, sem tentar descobrir a razão, que nunca sentira uma repulsa tão incontrolável por ninguém em toda sua vida, e foi até o banheiro, molhou uma toalha e voltou para esfregar quase brutalmente o rosto e as mãos de Theodora. — Você está toda suja — disse, detestando tocar em Theodora.

De repente Theodora sorriu para ela. — Não acredito realmente que você tenha feito aquilo — disse, e Eleanor virou para ver que

Luke estava atrás dela, olhando as duas. — Que tola que sou — Theodora disse para ele, e Luke sorriu.

— Você vai ficar um encanto no suéter vermelho da Nell — disse.

Ela é má, pensou Eleanor, é um monstro, e suja. Levou a toalha para o banheiro e deixou-a de molho; quando voltou. Luke dizia: — ... outra cama aqui; vocês duas vão ficar neste quarto daqui por diante.

— Ficar no mesmo quarto e usar as mesmas roupas — disse Theodora. — Vamos ser praticamente gêmeas.

— Primas — disse Eleanor, mas ninguém ouviu.

3

— ERA COSTUME nos tempos antigos, rigidamente observado — disse Luke, rodando o conhaque no copo — que o carrasco antes da execução marcasse os cortes que ia fazer à faca na barriga da vítima com giz, para não errar, entendem.

Gostaria de dar nela com um pau, pensou Eleanor, olhando a cabeça de Theodora perto do braço de sua cadeira; gostaria de dar nela com pedras.

— Um requinte finíssimo. Porque claro que os traços de giz seriam um martírio insuportável se a vítima sentisse cócegas.

E a odeio, pensou Eleanor, ela me enoja; está limpa e lavada e está usando meu suéter vermelho.

— Quando a vítima era morta por ficar pendurada dias e dias em correntes, entretanto, o carrasco...

— Nell? — Theodora olhou para ela e sorriu. — Sinto muito, sabe, muito mesmo — disse.

Gostaria de vê-la morrer, pensou Eleanor, e sorriu de volta, e disse: — Não seja boba.

— Entre os Sufis há uma crença de que o universo nunca foi criado e portanto não pode ser destruído. Passei a tarde — anunciou Luke gravemente — na nossa pequena biblioteca.

O doutor suspirou. — Nada de xadrez hoje, acho — disse a Luke e Luke concordou com a cabeça. — Foi um dia exaustivo disse o

doutor — e acho que vocês duas deviam ir para a cama cedo.

— Só quando estiver entorpecida com conhaque — disse Theodora, com firmeza.

— O medo — disse o doutor — é o abandono da lógica, o abandono *voluntário* de padrões razoáveis. Ou nos rendemos a ele, ou lutamos contra ele, mas não podemos ficar no meio.

— Estive pensando — disse Eleanor, sentindo que tinha de pedir desculpas a todos eles. — Pensei que estivesse completamente calma, mas agora sei que estava com muito medo. — Franziu a testa, confusa, e os outros esperaram que continuasse. — Quando estou com medo, posso ver perfeitamente o lado sensato do mundo, maravilhosamente *sem* medo; vejo cadeiras, mesas, janelas sendo as mesmas, sem serem atingidas; e posso ver detalhes como a textura do tapete, nem se mexendo. Mas quando estou com medo eu não mais existo em relação a essas coisas. Suponho que é porque as coisas não sentem medo.

— Acho que só tememos a nós mesmos — disse o doutor lentamente.

— Não — disse Luke. — Temos medo de nos vermos claramente, sem disfarces.

— De sabermos o que realmente queremos — disse Theodora. Encostou o rosto na mão de Eleanor e Eleanor, detestando o contato, puxou a mão rapidamente.

— Tenho sempre medo de ficar sozinha — disse Eleanor, e pensou: Sou eu que estou dizendo isso? Estarei dizendo alguma coisa de que me arrependerei amargamente amanhã? Estarei criando mais sentimento de culpa para mim mesma? — Aquelas letras soletravam *meu* nome, e nenhum de vocês sabe como me sinto... é tão *familiar*. — Fez um gesto para eles, quase de apelo. — Procurem *entender* — disse. — E meu próprio nome, que me é muito caro, que pertence a *mim*, e alguma coisa o está usando, escrevendo, e me chamando, e meu nome... — Parou e disse, olhando cada um deles, até o rosto de Theodora erguido para ela: — Ouçam. Eu sou uma só, e é tudo que tenho. *Detesto* me ver dissolvida e separada, de forma que estou vivendo em uma metade, minha mente, e vejo a outra metade impotente e frenética e não

posso fazer nada, mas sei que não vai me acontecer nada de mal, mas o tempo se prolonga tanto e cada segundo é tão longo e não acaba nunca e eu poderia suportar tudo isso se ao menos pudesse me render...

— Render? — disse o doutor rapidamente, e Eleanor olhou-o fixo.

— Render? — repetiu Luke.

— Não sei — disse Eleanor, perplexa. Estava falando sozinha, disse a si mesma, estava dizendo alguma coisa... o que estava dizendo?

— Ela já fez isso antes — disse Luke ao doutor.

— Sei — disse o doutor gravemente, e Eleanor sentiu que todos estavam olhando para ela. — Desculpem — disse. — Disse alguma bobagem? É porque estou cansada.

— Não foi nada — disse o doutor, muito sério. — Beba seu conhaque.

— Conhaque? — Eleanor baixou os olhos e percebeu que segurava um copo. — Que foi que eu disse? — perguntou a todos.

Theodora deu uma risadinha curta. — Beba — disse. — Você precisa, Nell.

Obediente, Eleanor tomou um gole, sentindo a garganta queimar, e disse para o doutor: — Devo ter dito alguma coisa muito tola, pois vocês estão todos me olhando.

O doutor riu. — Deixe de querer ser o centro de atração.

— Vaidade pura — disse Luke serenamente.

— As luzes da ribalta — disse Theodora, e todos sorriram afetuosamente, olhando Eleanor.

4

SENTADAS EM suas camas, lado a lado, Eleanor e Theodora estenderam as mãos e agarraram com força; o quarto estava brutalmente frio e profundamente escuro. Do quarto ao lado, o quarto que até essa manhã fora de Theodora, vinha o som baixo e constante de uma voz balbuciando baixo demais para que se pudesse entender as palavras, constante demais para ser ignorada.

Apertando tanto as mãos que uma podia sentir os ossos da outra, Eleanor e Theodora escutavam, e o som baixo e constante continuava sem parar; a voz se erguia às vezes, como que para dar ênfase a uma palavra balbuciada, outras baixava até um murmúrio. De repente, sem aviso, veio uma risadinha borbulhante que cortou as palavras balbuciadas e subiu a escala e parou subitamente num suspiro, e a voz continuou.

A mão de Theodora afrouxou e apertou novamente e Eleanor, acalentada por um instante pelos sons, teve um susto e olhou para onde Theodora devia estar no escuro e aí pensou, gritando: Por que está tão escuro? *Por que está tão escuro?* Rolou na cama e agarrou a mão de Theodora com as duas, e tentou falar mas não conseguiu, e continuou agarrada, cegamente, congelada, tentando sustar a mente que rodava, tentando raciocinar novamente. Deixamos a luz acesa, disse a si mesma, então por que está tão escuro? Theodora, tentou murmurar, e a boca não se mexeu; Theodora, tentou perguntar, por que está tão escuro? E a voz continuou, balbuciando, baixa e constante, um pequeno som líquido e triunfante. Pensou que talvez conseguisse distinguir os sons se se deitasse e ficasse imóvel, deitada imóvel e ouvisse, ouvisse deitada imóvel, e a voz continuou sem parar e se agarrou desesperadamente à mão de Theodora, sentindo o peso da mão dela na sua.

Aí veio a risadinha borbulhante novamente e o som louco, crescente, afogou a voz, e de repente se fez silêncio absoluto. Eleanor respirou fundo, pensando se agora conseguiria falar, e então ouviu um chorinho infinitamente triste, um pequeno gemido profundamente doloroso, de cortar o coração. É uma *criança*, pensou incrédula, uma criança está chorando em algum lugar, e então, mal formulara o pensamento, veio a voz selvagem, estridente que nunca ouvira antes mas sabia que ouvira sempre em pesadelos. — Vá embora! — gritava — Vá embora, vá embora, não me machuque — e depois, soluçando: — Por favor não me machuque. Por favor me deixe ir para casa — e aí o chorinho desolado novamente.

Não aguento mais, pensou Eleanor. Isso é monstruoso, isso é cruel, estão machucando uma criança e não vou deixar ninguém

machucar uma criança, e a voz continuou, baixa e constante, um pouquinho mais alta, um pouquinho mais baixa, balbuciando, balbuciando...

Agora, pensou Eleanor, percebendo que estava deitada de lado na cama na escuridão, segurando a mão de Theodora com ambas as mãos, segurando com tanta força que sentia os ossos delicados dos dedos de Theodora, agora não vou aguentar mais isso. Querem me amedrontar. Muito bem, conseguiram. Estou com medo, mas mais do que isso, sou uma pessoa, sou humana, sou um ser humano ambulante, racional e aguento muita coisa dessa casa imunda e maluca mas não vou suportar que magoem uma criança, isso não; por Deus, vou conseguir abrir a boca agora e vou gritar, vou gritar PAREM COM ISSO, gritou e as luzes estavam acesas como as haviam deixado e Theodora estava sentada na cama assustada, com os cabelos emaranhados.

— Que foi? — dizia Theodora. — Que foi, Nell? O que foi?

— Meu Deus — disse Eleanor, saltando da cama e correndo, trêmula, para um canto do quarto: — Meu Deus... de quem era a mão que eu estava segurando?

VI

ESTOU APRENDENDO os caminhos do coração, pensou Eleanor, gravemente, e logo após se perguntou o que queria dizer com isso. Era de tarde e estava sentada ao sol nos degraus da pérgula junto de Luke; esses são os caminhos silenciosos do coração, pensou. Sabia que estava pálida e ainda muito abalada, com profundas olheiras, mas o sol estava quente e as folhas se agitavam levemente no ar acima deles e Luke a seu lado recostava-se preguiçosamente no degrau. — Luke — perguntou devagar, com medo de ser ridícula — por que as pessoas conversam umas com as outras? Isso é, o que uma pessoa sempre quer saber a respeito de outra?

— O que você quer saber sobre mim, por exemplo? — Ele riu. Ela pensou: Mas por que não perguntar o que *e/e* quer saber sobre *mim*; ele é extremamente vaidoso; e riu por sua vez, e disse: — O que poderei *jamais* saber sobre você, além do que vejo? — *Vejo* era a palavra mais simples que poderia ter usado. Diga-me alguma coisa que só eu jamais saberei, era talvez o que queria lhe pedir, ou: O que pode me dar para que eu guarde como lembrança sua? Ou ainda: Nada importante jamais me pertenceu; pode me ajudar? Então ficou pensando se fora tola, ou ousada, espantada com seus próprios pensamentos, mas ele ficou olhando a folha que segurava entre os dedos e franziu a testa um pouco, como se se dedicasse inteiramente a um problema absorvente.

Está procurando formar frases para fazer a melhor impressão possível, ela pensou, e saberei o que pensa de mim pela maneira que me responder; como está ansioso para se apresentar a mim? Será que acha que ficarei contente com pequenos misticismos, ou fará força para parecer uma criatura excepcional? Será que vai ser galante? Isso seria humilhante, porque demonstraria então sabe que a galantaria me encanta; será que vai ser misterioso? Louco? E como vou receber isso, que já percebi que vai ser uma confidência, mesmo que não seja verdade? Deus queira que ele seja sábio, ou

que eu seja cega; que eu não saiba, desejou fervorosamente, que eu não saiba com muita certeza o que ele pensa de mim.

Então ele a olhou rapidamente e sorriu o sorriso que ela já começara a chamar de autodepreciativo; será que Theodora (e não gostou da ideia), será que Theodora o conhecia tão bem assim?

— Não tive mãe — disse ele, e o choque foi enorme. É *isso* que ele pensa de mim, sua estimativa do que eu quero ouvir dele; irei expandir isso em uma confiança para me tornar merecedora de grandes confidências? Deverei suspirar? Murmurar? Ir embora?

— Ninguém nunca me amou porque eu não era propriedade de ninguém — ele disse. — Suponho que compreenda isso?

Não, ela pensou, você não vai me pegar tão barato assim; não compreendo palavras e não as aceitarei em troca de meus sentimentos; esse homem é um papagaio. Vou lhe dizer que nunca poderei compreender isso, que essa sentimental pena de si mesmo não atinge meu coração; não vou fazer papel de boba encorajando-o a rir de mim. — Sim, compreendo — disse.

— Achei que ia compreender — disse, e ela teve vontade, honestamente, de lhe dar uma bofetada. — Acho que você é uma ótima pessoa, Nell — disse, e estragou tudo acrescentando: — bondosa e honesta. Depois, quando você for para casa... — a voz foi sumindo, e ela pensou: Ou vai me dizer alguma coisa muito importante, ou está matando tempo para poder terminar essa conversa delicadamente. Não falaria dessa maneira sem razão; não é homem de se revelar. Será que pensa que um gesto humano de afeição me tentaria a atirar-me loucamente em seus braços? Terá medo que eu não saiba me portar como uma dama? O que sabe de mim, do que penso e do que sinto, será que tem pena de mim?

— A jornada termina no encontro dos amantes — disse.

— Sim disse ele. — Nunca tive mãe, como disse. Agora estou descobrindo que todo mundo teve alguma coisa que eu não tive. — Sorriu para ela. — Sou completamente egoísta — disse, pesaroso — e sempre esperando que alguém me diga que me comporte, que alguém fique responsável por mim e me faça agir como adulto.

É totalmente egoísta, pensou espantada, o único homem com quem jamais me sentei e conversei sozinha, e estou impaciente; ele

simplesmente não é muito interessante. — Por que não cresce por si mesmo? — perguntou, e pensou quantas pessoas — quantas mulheres — já não deviam ter feito a mesma pergunta.

— Você é esperta.

— E quantas vezes não teria respondido a mesma coisa?

Essa conversa deve ser quase instintiva, pensou, divertida, e disse bondosamente: — Você deve ser uma pessoa muito só. — A única coisa que quero é ser querida, pensou, e aqui estou dizendo bobagens a um homem egoísta. — Deve ser muito solitário mesmo.

Ele tocou sua mão e sorriu de novo. — Você teve muita sorte — disse. — Você teve mãe.

2

— ENCONTREI na biblioteca — disse Luke. — Juro que encontrei na biblioteca.

— Incrível — disse o doutor.

— Olhem — disse Luke. Colocou o grande livro sobre a mesa e abriu na primeira página. — Foi ele mesmo que fez, vejam, o título está escrito a tinta: MEMÓRIAS, para SOPHIA ANNE LESTER CRAIN; *Um Legado para Sua Educação e Iluminação Durante Sua Vida de seu Carinhoso e Dedicado Pai*, HUGH DESMOND LESTER CRAIN; *Vinte e Um de Junho de 1881*.

Agruparam-se ao redor da mesa, Theodora e Eleanor e o doutor, enquanto Luke virava a primeira página do grande livro. — Olhem isso aqui — disse Luke — sua filhinha deve aprender humildade. É evidente que cortou vários livros lindos para fazer este álbum, porque estou reconhecendo muitas dessas ilustrações, e são todas coladas.

— A vaidade das realizações humanas — disse o doutor, melancólico. — Pensem só nos livros que Hugh Crain mutilou para fazer isso. Essa aqui é uma gravura de Goya; que coisa horrível para uma criança contemplar.

— Escreveu — disse Luke — embaixo dessa imagem medonha: "Honra Pai e Mãe, Filha, criadores de teu ser, sobre os quais uma

pesada carga foi colocada, a de levar sua filha em inocência e retidão pelo estreito e árduo caminho que leva à beatitude eterna e entregá-la finalmente a Deus como alma piedosa e virtuosa; reflete, Filha, sobre o êxtase nos Céus quando as almas dessas pequenas criaturas batem as asas se elevando, libertadas antes de conhecerem o pecado ou a falta de fé, e assume a obrigação eterna de permanecer tão pura quanto elas."

— Pobre menina — disse Eleanor, e exclamou quando Luke virou a página; a segunda lição de moral de Hugh Crain se baseava em uma imagem colorida de um ninho de serpentes, onde serpentes de cores vivas se contorciam e retorciam ao longo da página acima da mensagem, em letra nítida, retocada a ouro: "Danação eterna é a sina da humanidade; nem lágrimas nem reparação podem anular a herança pecaminosa do Homem. Filha, afasta-te deste mundo para que sua luxúria e suas ingratidões não te corrompam; Filha, salvaguarda-te."

— Em seguida vem o inferno — disse Luke. — Não olhem se têm o estômago fraco.

— Acho que vou dispensar o inferno — disse Eleanor —mas leia para mim o que diz.

— Faz muito bem — disse o doutor. — Uma ilustração de Foxe; uma das mortes menos atraentes, sempre achei, embora quem possa adivinhar o que se passa na cabeça de um mártir?

— Olhem isso aqui — disse Luke. — Queimou um canto da página e ouçam o que diz: "Filha, se pudesses ouvir por um instante a agonia, os gritos, os horrendos soluços e súplicas de arrependimento dessas pobres almas condenadas às chamas eternas! Pudessem teus olhos serem causticados, por um instante que fosse, pelo brilho vermelho da terra selvagem ardendo perenemente! Oh, infelizes, sofrendo eternamente! Filha, teu pai neste momento tocou o canto desta página com sua vela e viu o frágil papel se enrugando com a chama; considera, Filha, que o calor desta vela é para os eternos fogos do Inferno como um grão de areia para o deserto infinito, e como este papel se queima nessa pequena chama, assim também queimará tua alma eternamente em fogos mil vezes mais fortes."

— Aposto que lia isso para ela todas as noites antes dela ir dormir — disse Theodora.

— Esperem — disse Luke. — Vocês ainda não viram o Céu. Até *você* pode ver isso, Nell. É de Blake, um pouco austera, acho, mas evidentemente melhor que o Inferno. Ouçam isso: "Santo! Santo! Santo! Na luz pura dos céus os anjos O louvam, e uns aos outros, eternamente. Filha, é Aqui que te encontrarei."

— Uma obra de amor — disse o doutor. — Horas e horas só para planejar isso, e as letras tão cuidadosamente delineadas, e o dourado...

— Agora vêm os sete pecados mortais — disse Luke — e acho que foram desenhados por ele.

— Foi muito convincente na gula — disse Theodora. — Acho que nunca mais vou ter fome.

— Espere pela luxúria — Luke disse a ela. — O sujeito superou a si mesmo.

— Acho que não quero ver mais nada — disse Theodora. — Vou sentar aqui com Nell e se você encontrar algum preceito especialmente edificante que acha que vai me fazer bem, leia em voz alta.

— Aqui está a luxúria — disse Luke. — Foi jamais uma mulher assim amada?

— Meu Deus — disse o doutor. — Meu Deus!

— Só *ele* teria desenhado isso — disse Luke.

— Para *uma criança*? — O doutor estava horrorizado.

— O álbum é só dela. Observe o orgulho, é a imagem de nossa Nell.

— O quê? — perguntou Eleanor, erguendo-se na cadeira.

— Ele está brincando — disse o doutor, apaziguando. — Não venha ver, minha cara; está só brincando.

— Agora é a Indolência — disse Luke.

— Inveja — disse o doutor. — Como poderia essa pobre criança transgredir...

— A última página é a mais linda, na minha opinião. senhoras, é o sangue de Hugh Crain. Nell, quer ver o sangue de Hugh Crain?

— Não, obrigada.

— Theo? Não? De qualquer maneira insisto, para o bem de suas consciências, em ler o que Hugh Crain tem a dizer ao fechar o livro: "Filha: pactos sagrados são assinados com sangue, e tirei aqui do meu próprio pulso o fluido vital com o qual te obrigo moralmente. Vive virtuosamente, sê humilde, tem fé em teu Redentor e em mim, teu pai, e te juro que estaremos unidos na vida eterna em êxtase infinito. Aceita esses preceitos de teu pai dedicado, que fez este livro com toda humildade de espírito. Que sirva bem seu propósito, este meu débil esforço, e preserve minha Filha dos abismos deste mundo e a traga salva e segura aos braços de seu pai no Céu." Assinado: "Teu pai que sempre te amará, neste mundo e no outro, criador de teu ser e guardião de tua virtude; com seu humilde amor, Hugh Crain."

Theodora estremeceu. — Como deve ter-se divertido — disse — assinando o nome com seu próprio sangue; posso até vê-lo, dando gargalhadas satânicas.

— Nada sadio, nem um pouco sadio o trabalho desse homem — disse o doutor.

— Mas devia ser muito pequena quando o pai saiu de casa — disse Eleanor. — Será que ele leu isso para ela alguma vez?

— Tenho certeza que sim, debruçando sobre o berço e cuspidando as palavras para que criassem raízes em sua jovem mente. Hugh Crain — disse Theodora —, você era um velho sujo e você construiu uma velha casa suja e se ainda pode me ouvir onde quer que esteja gostaria de lhe dizer na sua cara que honestamente espero que passe toda a eternidade naquela horrível imagem nojenta e arda em chamas para sempre. — Fez um gesto largo e zombeteiro e por um minuto, lembrando ainda, ficaram todos em silêncio, como que esperando uma resposta, e então uns pedaços de carvão caíram com um pequeno estalo na lareira, o doutor olhou o relógio e Luke ficou de pé.

— Meio-dia; hora da libação disse o doutor, alegremente.

THEODORA ESTAVA enroscada diante da lareira, olhando maliciosamente para Eleanor; do outro lado da sala, as peças de xadrez se mexiam levemente, batendo suavemente no tabuleiro, e Theodora falou baixinho, atormentando: — Você vai convidá-lo para seu apartamento, Nell, e lhe oferecer uma bebida em sua xícara de estrelas?

Eleanor contemplou o fogo, sem responder. Fui muito tola, pensou, fui uma grande tola.

— Tem lugar para dois? E ele irá, se você o convidar?

Nada podia ser pior que isso, pensou Eleanor; fui uma tola.

— Talvez ele esteja à procura de uma casinha pequenina... alguma coisa bem menor que a Casa da Colina; talvez ele vá para casa com você.

Uma tola, uma tola ridícula.

— Suas cortinas brancas... seus leõezinhos de pedra...

Eleanor olhou para ela, quase com doçura. — Mas eu *tinha* de vir — disse, e ficou em pé, virando cegamente para sair dali. Sem ouvir as vozes espantadas atrás dela, sem ver onde ou como ia, alcançou, cambaleando, a grande porta de entrada e saiu na branda noite morna. — *Tinha* de vir — disse para o mundo lá fora.

O medo e a culpa são irmãos; Theodora a alcançou no gramado. Caladas, zangadas, magoadas, deixaram a Casa da Colina lado a lado, andando juntas, uma com pena da outra. Uma pessoa zangada, ou presa de riso, ou aterrorizada, ou ciumenta, irá teimosamente a extremos de atitudes impossíveis em outras horas: nem Eleanor nem Theodora refletiram um instante que era imprudente ir longe da Casa da Colina depois do escurecer. Cada uma estava tão afundada em seu próprio desespero que era vital escapar na escuridão e, contendo-se no manto impossível, apertado, vulnerável da fúria, marcharam juntas, uma dolorosamente consciente da outra, cada uma decidida a ser a última a falar.

Eleanor falou primeiro, finalmente; machucara o pé contra uma rocha e tentou ser orgulhosa demais para demonstrar, mas após instantes, com o pé doendo, disse numa voz tensa com o esforço de parecer calma: — Não posso imaginar por que você acha que tem o direito de interferir em meus assuntos particulares — em linguagem

formal para evitar um dilúvio de recriminações ou repreensões não merecidas (não eram estranhas? Primas?). — Tenho certeza de que você não se interessa a mínima por nada que eu faço.

— Tem razão — disse Theodora duramente. — Nada que você faça pode me interessar.

Estamos andando em lados opostos de um muro, pensou Eleanor, mas eu tenho direito de viver, também, e desperdicei uma hora com Luke na pérgula tentando provar isso. — Machuquei meu pé — disse.

— Sinto muito. — Theodora parecia realmente se incomodar. — Você sabe que ele é um monstro. — Hesitou. — Um farrista irresponsável — disse finalmente, parecendo divertida.

— Estou certa de que não faz diferença para mim o que ele seja ou não. — E depois, porque eram mulheres brigando: — Como se você se incomodasse comigo.

— Não se deve deixar que ele escape impunemente — disse Theodora.

— Escape de *quê*? — perguntou Eleanor, delicadamente.

— Você está fazendo papel de boba — disse Theodora.

— Mas e se não estivesse? Você ficaria danada se estivesse errada dessa vez, não é?

A voz de Theodora estava cansada, cínica: — Se estiver errada — disse — vou abençoar você de todo coração. Sua tola.

— Você só poderia dizer isso mesmo.

Estavam seguindo o caminho em direção ao riacho. No escuro seus pés sentiam que estavam descendo e cada uma pessoalmente e perversamente acusava a outra de seguir, propositadamente, o caminho que haviam seguido juntas antes com tanta felicidade.

— Seja como for — disse Eleanor, em tom sensato — não importa para você, aconteça o que acontecer. Por que iria se incomodar-se eu fizesse papel de boba?

Theodora ficou calada um instante, andando no escuro, e Eleanor teve de repente a certeza absoluta de que Theodora havia lhe estendido a mão, sem ser vista. — Theo — disse Eleanor, desajeitadamente — não sei falar com as pessoas e dizer as coisas direito.

Theodora riu. — E o que você sabe fazer direito? — perguntou. Fugir?

Nada irrevogável havia ainda sido dito, mas só lhes restava uma estreita margem de segurança; cada uma delas se movendo delicadamente ao longo do contorno de uma pergunta aberta, e uma vez falada, essa pergunta "Você me ama?" nunca poderia ser respondida ou esquecida. Andavam devagar, meditando, pensando, e o caminho se inclinava debaixo de seus pés e elas o seguiam, andando lado a lado na mais extrema intimidade de expectativa; terminados os subterfúgios e hesitações, só lhes restava aguardar passivamente uma resolução. Uma sabia, precisamente, o que a outra estava pensando e querendo dizer; uma quase chorava pela outra. Perceberam no mesmo instante a mudança no caminho e uma sabia que a outra havia percebido; Theodora pegou o braço de Eleanor e, receosas de parar, prosseguiram devagar, bem juntinhas, e à sua frente o caminho se alargou e escureceu e curvou.

Eleanor prendeu a respiração e a mão de Theodora apertou seu braço, avisando-a para ficar quieta. Dos dois lados, as árvores, silenciosas, renunciaram ao tom escuro que encerravam, empalideceram, ficaram transparentes e ergueram-se brancas e espectrais contra o céu negro. A grama ficou descorada, o caminho largo e negro; não havia nada mais. Os dentes de Eleanor batiam e a náusea do medo a fez curvar-se; o braço tremia sob a mão de Theodora que se tornara uma garra, e sentia cada passo lento como sendo um supremo ato de vontade, uma insistência louca e precisa em colocar um pé em frente do outro como sendo a única escolha sã. Seus olhos doíam de lágrimas contra o negrume gritante do caminho e a brancura trêmula das árvores e pensou, com uma imagem clara e inteligente das palavras em sua mente, queimando: Agora estou realmente com medo.

Seguiram em frente, o caminho se desenrolando, as árvores brancas imutáveis dos dois lados e, acima de tudo, o céu negro espesso e pesado; seus pés eram de um branco tremeluzente onde tocavam o chão; a mão de Theodora era pálida e luminosa. Em frente o caminho curvava fora do alcance da vista e andaram vagarosamente, movendo os pés com precisão porque era o único

ato físico de que eram capazes, a única coisa que restava para impedir que se afundassem no terrível negrume e brancura e luminosidade maligna. Agora estou realmente com medo, pensou Eleanor em palavras de fogo; remotamente sentia ainda a mão de Theodora no braço, mas Theodora estava distante, separada; fazia um frio horrendo, sem nenhum calor humano perto. Agora estou realmente com medo, Eleanor pensou, e pôs um pé adiante do outra, tremendo quando tocavam o chão, tremendo com o frio desumano.

O caminho se desenrolava; talvez as estivesse levando a algum lugar, propositadamente, já que nenhuma das duas podia se desviar dele e ir conscientemente para a aniquilação de brancura que era a grama dos dois lados do caminho. O caminho curvava, negro e reluzente, e elas o seguiam. A mão de Theodora apertou-lhe convulsivamente o braço e Eleanor prendeu a respiração com um soluço... havia alguma coisa se movendo, à frente, alguma coisa mais branca que as árvores brancas, fazendo sinal? Fazendo sinal, chamando, desaparecendo nas árvores, espreitando? Haveria movimento junto delas, imperceptível na noite silenciosa; algum passo as seguia invisível na grama branca? E onde estavam?

O caminho as levou ao fim destinado e morreu debaixo de seus pés. Eleanor e Theodora viram um jardim, os olhos cegos de luz do sol e cores vivas: incrivelmente, havia um piquenique na grama do jardim. Ouviram o riso de crianças e as vozes carinhosas, divertidas, da mãe e do pai; a grama era viçosa e verdejante, as flores eram coloridas de vermelho e alaranjado e amarelo, o céu era azul e dourado e uma criança usava um macacão vermelho e ergueu a voz noutra risada, rolando na grama com um cachorrinho. Havia uma toalha de quadrados vermelhos estendida na grama e, sorrindo, a mãe se inclinou para pegar um prato de frutas coloridas; então Theodora gritou.

— Não olhe para trás — gritou numa voz aguda de medo — não olhe para trás... não olhe... corra!

Correndo, sem saber por que corria, Eleanor pensou que ia prender o pé na toalha de quadrados vermelhos; teve medo de tropeçar no cachorrinho; mas ao correrem através do jardim não

havia nada a não ser o mato crescendo negramente na escuridão e Theodora, ainda gritando, esmagou com os pés os arbustos onde tinha havido flores e tropeçou, soluçando, em pedras meio enterradas e no que poderia ser uma xícara quebrada. Então estavam batendo e arranhando loucamente um muro de pedra branca onde cresciam trepadeiras negramente, ainda gritando e suplicando que as deixassem sair, até que um portão de ferro enferrujado cedeu e correram, chorando e arquejando e miraculosamente de mãos dadas, através da horta da Casa da Colina e irromperam por uma porta dos fundos da cozinha e viram Luke e o doutor correndo ao seu encontro. — O que aconteceu? — disse Luke, segurando Theodora. — Vocês estão bem?

— Quase ficamos malucos — disse o doutor, em voz exausta. — Estávamos lá fora procurando vocês há horas.

— Era um piquenique — disse Eleanor. Caíra em uma cadeira da cozinha e estava olhando as mãos, arranhadas e sangrando, que tremiam sem que ela percebesse. — Tentamos sair — disse, estendendo as mãos para que os outros as vissem. — Era um piquenique. As crianças...

Theodora riu num soluço contínuo, rindo e soluçando agudamente, e disse através do riso: — Olhei para trás... Olhei para trás... — e continuou a rir.

— As crianças... e um cachorrinho...

— Eleanor. — Theodora virou-se desvairada e encostou a cabeça em Eleanor. — Eleanor — disse. — Eleanor.

E, segurando Theodora, Eleanor olhou para Luke e para o doutor, e sentiu a cozinha balançar loucamente, e o tempo, como sempre o havia conhecido, parou.

VII

NA TARDE do dia em que a Sra. Montague era esperada, Eleanor foi sozinha às colinas acima da Casa da Colina, sem tencionar ir a nenhum lugar especial, sem se importar onde ou como ia, querendo somente estar em segredo e longe da pesada madeira escura da casa. Encontrou um lugar onde a grama era macia e seca e deitou-se, pensando há quantos anos não se deitava em grama macia para ficar sozinha e pensar. Ao seu redor as árvores e flores silvestres, com aquele ar estranhamente cortês das coisas naturais interrompidas subitamente em sua ocupação premente de crescer e morrer, viraram-se para ela com atenção, como se, embora obtusa e destituída de percepção, fosse necessário serem meigas com uma criação tão infortunada, sem raízes no chão, forçada a vagar de um a outro lugar, dolorosamente móvel. Indolentemente Eleanor arrancou uma margarida silvestre, que morreu em seus dedos, e, deitada na grama, olhou seu rosto morto. Não havia nada em sua mente, a não ser uma imensa e louca felicidade. Puxou uma pétala da margarida e pensou, sorrindo consigo mesma: O que vou fazer? O *que* vou fazer?

2

— COLOQUE as maletas no *hall*, Arthur — disse a Sra. Montague. — Deveria haver alguém aqui para nos ajudar com essa porta. Vão ter de arranjar alguém para levar essas maletas lá para cima. John? John?

— Minha querida, minha querida. — O Dr. Montague apressou-se, levando o guardanapo, e beijou a esposa obedientemente na face que ela lhe apresentou. — Que bom que chegou; pensamos que não viesse mais.

— *Disse* que viria hoje, não disse? Já me viu alguma vez *não* vir quando digo que vou? Trouxe Arthur comigo.

— Arthur — disse o doutor, sem entusiasmo.

— *Alguém* tinha de dirigir — disse a Sra. Montague. — Ou será que você pensou que ia dirigir sozinha até aqui? Sabe muito bem que fico cansada.

O doutor virou e sorriu para Eleanor e Theodora, com Luke atrás, agrupados incertos na entrada do *hall*. — Minha querida — disse — esses são meus amigos que têm passado esses últimos dias comigo aqui na Casa da Colina. Theodora. Eleanor Vance. Luke Sanderson.

Theodora, Eleanor e Luke murmuraram polidamente e a Sra. Montague cumprimentou-os com a cabeça e disse: — Estou vendo que não nos esperou para jantar.

— Já tínhamos desistido — disse o doutor.

— Creio que lhe disse que estaria aqui hoje. É evidente que é *perfeitamente* possível que tenha me enganado, mas me lembro *muito bem* que disse que estaria aqui hoje. Estou certa de que aprenderei seus nomes muito em breve. Esse senhor aqui é Arthur Parker; ele me trouxe porque não gosto de dirigir. Arthur, esses são os amigos de John. Alguém pode fazer alguma coisa com nossas maletas?

O doutor e Luke se aproximaram, murmurando, e a Sra. Montague continuou: — Quero ficar no quarto mais assombrado, é claro. Arthur pode ficar em qualquer parte. Aquela maleta azul é minha, meu rapaz, e aquele estojo; vão para o quarto mais assombrado.

— O quarto das crianças, acho — disse o Dr. Montague, quando Luke o olhou interrogativamente. — Acredito que o quarto das crianças seja uma fonte de distúrbios — disse à esposa, e ela suspirou, irritada.

— Na minha opinião, você deveria ser mais metódico — disse. — Já está aqui há quase uma semana e suponho que não tenha feito *nada* com a prancheta? Escrita automática? Imagino que nenhuma dessas moças tenha dons mediúnicos? Aquelas maletas são de Arthur. Ele trouxe os tacos de golfe, caso pudessem ser usados.

— Usados para quê? — perguntou Theodora, surpresa, e a Sra. Montague virou-se e olhou-a friamente.

— Por favor, não quero interromper seu jantar — disse finalmente.

— Há um local frio em frente da porta do quarto das crianças — disse o doutor à esposa, tentando ganhar suas boas graças.

— Sim, está bem. Aquele rapaz não vai levar as malas de Arthur para cima? Parece que há muita confusão por aqui. Depois de quase uma semana pensei que você já teria as coisas mais ou menos organizadas. Já houve alguma materialização de figuras humanas?

— Houve manifestações...

— Bem, agora que estou aqui, vamos fazer tudo direito. Onde é que Arthur vai guardar o carro?

— Há um estábulo vazio nos fundos da casa onde pusemos os outros carros. Pode levá-lo para lá amanhã de manhã.

— Nada disso. Não acredito em adiar as coisas, John, como você sabe muito bem. Arthur vai ter muito que fazer de manhã. Tem de guardar o carro agora.

— Está escuro lá fora — disse o doutor, hesitante.

— John, você me surpreende. Acha por acaso que *não sei* que está escuro lá fora? O carro tem faróis, John, e aquele rapaz pode ir com Arthur para mostrar o caminho.

— Obrigado — disse Luke lugubrememente — mas temos uma regra inflexível de não ir lá fora no escuro. Arthur pode ir, se quiser, é claro, mas eu não vou.

— As moças — disse o doutor — tiveram uma experiência chocante...

— O rapaz é um covarde — disse Arthur. Acabara de trazer malas e tacos de golfe e pacotes do carro e agora estava ao lado da Sra. Montague, olhando para Luke; o rosto de Arthur era vermelho e o cabelo branco, agora, desprezando Luke, se eriçou. — Devia ter vergonha, meu caro, na frente das senhoras.

— As senhoras estão com tanto medo quanto eu — disse Luke, empertigando-se.

— Claro, claro. — O Dr. Montague pôs a mão no braço de Arthur como que para acalmá-lo. — Depois que você estiver aqui há algum tempo, Arthur, vai compreender que a atitude de Luke é sensata e não covarde. Fazemos questão de ficar juntos depois de escurecer.

— Realmente, John, nunca esperei encontrar vocês todos tão *nervosos* — disse a Sra. Montague. — Lamento muito a existência de medo nesses assuntos. — Bateu o pé no chão, irritada. — Sabe muito bem, John, que aqueles que já fizeram a passagem para o além *esperam* nos ver felizes e sorridentes; *querem* saber que estamos pensando neles com amor. Os espíritos que habitam esta casa podem estar *sofrendo* porque estão conscientes de que vocês estão com medo deles.

— Vamos falar disso mais tarde — disse o doutor com ar cansado. — E agora, que tal jantarmos?

— Claro. — A Sra. Montague lançou um olhar a Theodora e Eleanor. — Pena que os interrompemos — disse.

— Vocês já jantaram?

— Naturalmente que não jantamos, John. Eu disse que estaríamos aqui para o jantar, não disse? Ou estarei errada novamente?

— Seja como for, eu disse à Sra. Dudley que você estaria aqui — disse o doutor, abrindo a porta que dava para a sala de jogos e de lá para a sala de jantar. — Ela nos deixou um banquete magnífico.

Pobre Dr. Montague, pensou Eleanor, ficando de lado para deixar o doutor levar a esposa para a sala de jantar; ele está tão constrangido; quanto tempo será que ela vai ficar?

— Quanto tempo será que ela vai ficar? — Theodora murmurou em seu ouvido.

— Talvez a maleta dela seja cheia de ectoplasma — disse Eleanor, esperançosa.

— E quanto tempo você vai poder ficar? — perguntou o Dr. Montague, sentando à cabeceira da mesa, com a esposa a seu lado.

— Bem, querido — disse a Sra. Montague, provando delicadamente o molho de alcaparras da Sra. Dudley — você arranjou uma boa cozinheira, não foi? Você *sabe* que Arthur tem de voltar para a escola dele; Arthur é diretor de uma escola — explicou para o resto da mesa — e muito gentilmente cancelou seus compromissos para segunda-feira. Então é melhor irmos segunda à tarde para que Arthur possa estar lá para as aulas de terça-feira.

— E sem dúvida Arthur deixou uma porção de garotos muito felizes — disse Luke baixinho para Theodora, e Theodora disse: — Mas hoje é só sábado!

— A comida não está nada má — disse a Sra. Montague. — John, vou falar com a cozinheira amanhã de manhã.

— A Sra. Dudley é uma pessoa admirável — disse o doutor cautelosamente.

— Um pouco fantasiada demais para meu gosto — disse Arthur. — Sou o tipo que gosta de carne e batatas — explicou para Theodora. — Não bebo, não fumo, não leio porcarias. Mau exemplo para os rapazes da escola. Tenho de servir de exemplo, sabe.

— Estou certa de que eles copiam o senhor — disse Theodora, muito séria.

— De vez em quando aparece um que dá problemas — disse Arthur, sacudindo a cabeça. — Não gosta de esportes, sabe. Fica metido nos cantos. É um bebê chorão. Dou logo um jeito nisso. — Estendeu a mão para pegar a manteiga.

A Sra. Montague inclinou-se para olhar para Arthur do outro lado da mesa. — Coma pouco, Arthur — aconselhou. — Vamos ter uma noite muito ativa.

— O que está planejando? — perguntou o doutor.

— Tenho certeza de que você nunca sonharia em proceder sistematicamente, mas tem de admitir, John, que nesse campo eu tenho mais compreensão instintiva; as mulheres têm, você sabe, John, pelo menos *algumas* mulheres. — Fez uma pausa e olhou Eleanor e Theodora especulativamente. — Nenhuma *dessas* duas, acho. A não ser, claro, que esteja errada novamente. Você gosta muito de apontar meus erros, John.

— Minha cara...

— Não *suporto* relaxamento em coisa alguma. Arthur vai patrulhar, é claro. Trouxe Arthur para isso. É tão raro — explicou a Luke, que estava a seu outro lado — encontrar pessoas no campo da educação que estejam interessadas no outro mundo; vai ver que Arthur é extremamente bem informado. Ficarei deitada em seu quarto assombrado com uma pequena luz acesa e tentarei entrar em contato com os elementos que estão perturbando esta casa. Nunca

durmo quando há espíritos perturbados em volta — disse a Luke, que acenou a cabeça, sem falar.

— Um pouco de senso comum — disse Arthur. — Essas coisas têm de ser feitas da maneira certa. Não adianta mirar muito abaixo. Sempre digo isso aos meus colegas.

— Acho que depois do jantar teremos uma pequena sessão com a prancheta — disse a Sra. Montague. — Só Arthur e eu, é claro; vocês, estou vendo, ainda não estão à altura disso; só iriam afastar os espíritos. Precisaremos de uma sala quieta...

— A biblioteca — sugeriu Luke polidamente.

— A biblioteca? Acho que pode servir; os livros são muitas vezes bons portadores, sabe. As materializações ocorrem frequentemente em lugares onde há livros. Não me lembro de nenhuma ocasião em que a materialização fosse prejudicada pela presença de livros. Suponho que a biblioteca esteja limpa? Arthur às vezes espirra.

— A Sra. Dudley mantém a casa inteira em perfeita ordem — disse o doutor.

— Vou falar com a Sra. Dudley de manhã. Você vai nos mostrar a biblioteca, John, e aquele rapaz vai trazer meu estojo; não é a maleta, preste atenção, é aquele pequeno estojo. Leve para mim na biblioteca. Veremos vocês mais tarde; depois da sessão com a prancheta preciso de um copo de leite e talvez um bolinho; biscoitos servem se não forem muito salgados. Alguns minutos de conversa com pessoas compatíveis também ajudam, especialmente se tenho de ser receptiva durante a noite; a mente é um instrumento preciso e necessita de muitos cuidados. Arthur? — Cumprimentou Eleanor e Theodora distintamente com a cabeça e saiu, acompanhada por Arthur, Luke e seu marido.

Após um instante Theodora disse: — Acho que vou simplesmente adorar a Sra. Montague.

— Não sei — disse Eleanor. — Gosto mais de Arthur. E Luke é um covarde, acho.

— Pobre Luke — disse Theodora. — Nunca teve mãe. — Erguendo os olhos, Eleanor viu que Theodora a olhava com um sorriso estranho, e se afastou da mesa tão depressa que derramou um copo.

— Não devíamos ficar sozinhas — disse, sem fôlego. — Temos de encontrar os outros. — Saiu da mesa e quase correu para fora da sala, e Theodora correu atrás, rindo, pelo corredor e até a salinha, onde Luke e o doutor estavam de pé junto à lareira.

— Por favor, Dr. Montague — dizia Luke com ar humilde — que é prancheta?

O doutor suspirou, irritado. — Imbecis — disse, e logo depois: — Desculpe. Essa ideia me aborrece, mas se *ela* quer... —Virou e mexeu no fogo violentamente. — Prancheta — continuou após uns instantes — é semelhante à Ouija, ou talvez possa explicar melhor dizendo que é uma forma de escrita automática; um método de se comunicar com... eh... seres intangíveis, embora na minha opinião os únicos seres intangíveis que se comunicam por intermédio dessas coisas sejam a imaginação das pessoas que as manipulam. Bem. Prancheta é uma chapa de madeira leve, geralmente em feitiço de coração ou triangular. Há um lápis de um lado e do outro um par de rodas ou pés que deslizam facilmente sobre o papel. Duas pessoas colocam a ponta dos dedos na prancheta, fazem perguntas e o objeto se move, impelido por alguma força que não vamos discutir agora, e escreve as respostas. A Ouija, como disse, é muito semelhante, exceto que o objeto se move sobre uma chapa, apontando para letras separadas. Um copo de vinho comum faria o mesmo; já vi experimentarem com um brinquedo de rodas de criança, embora tenha de admitir que ficou muito engraçado. Cada um usa uma das mãos, deixando a outra livre para anotar as perguntas e respostas. As respostas são invariavelmente, creio, sem nenhum significado, embora, é claro, minha esposa lhes diga o contrário. Idiotice. — E mexeu novamente com o fogo. — Meninas de escola — disse. — Superstição.

3

— A PRANCHETA foi muito bondosa hoje — disse a Sra. Montague. — John, definitivamente há elementos estranhos presentes nesta casa.

— Uma sessão esplêndida — disse Arthur. Acenou triunfantemente com um maço de folhas de papel.

— Conseguimos muitas informações para você — disse a Sra. Montague. — Vejamos. A prancheta foi muito insistente a respeito de uma freira. Você sabe alguma coisa sobre uma freira, John?

— Na Casa da Colina? Pouco provável.

— A prancheta se manifestou com muita força, John. Pode ser alguma coisa parecida com uma freira... uma figura escura, indefinida... Foi vista alguma coisa assim na vizinhança? As pessoas da aldeia aterrorizadas ao voltarem para casa tarde da noite?

— A figura de uma freira é bastante comum...

— John, *por favor*. Suponho que está sugerindo que estou errada. Ou talvez seja sua intenção dizer que a prancheta pode estar errada? Garanto a você, e tem de acreditar na prancheta mesmo que *minha* palavra não seja suficiente para você, que a sugestão de uma freira foi muito específica.

— Só estava tentando dizer, minha cara, que a aparição de uma freira é sem dúvida alguma a forma mais comum de materialização. Nunca houve nada desse tipo ligado à Casa da Colina, mas em quase todo...

— John, *por favor*. Suponho que posso continuar? Ou vai rejeitar a prancheta sem me escutar? Obrigada. — A Sra. Montague acalmou-se. — Bem, então. Há também um nome, escrito de várias formas, como Helen, ou Helene, ou Elena. Quem poderia ser?

— Minha cara, muitas pessoas moraram...

— Helen nos trouxe um aviso contra um monge misterioso. Agora, quando um monge e uma freira ambos surgem em uma casa...

— Provavelmente a casa foi construída em local muito antigo — disse Arthur. — Influências predominantes, sabe. Influências antigas que permaneceram — explicou.

— Parece muito com votos rompidos, não é? Muito mesmo.

— Acontecia muito naqueles tempos. Tentações, provavelmente.

— Acho que não... — começou o doutor.

— É possível que fosse sepultada viva em alguma parede — disse a Sra. Montague. — A freira, quer dizer. Faziam isso sempre, sabem?

Não imaginam quantas mensagens tenho recebido de freiras sepultadas vivas.

— Não existe *nenhum* caso registrado de *nenhuma* freira...

— John. Posso apontar a você mais uma vez que *eu mesma* já recebi mensagens de freiras sepultadas vivas dentro de paredes? Acha que estou mentindo, John? Ou supõe que uma freira iria deliberadamente *fingir* que havia sido sepultada viva dentro de uma parede? Será possível que esteja errada mais uma vez, John?

— Claro que não, minha cara. — O Dr. Montague suspirou profundamente.

— Com uma vela e um pedaço de pão — Arthur disse a Theodora. — Que coisa horrível, quando se pensa nisso.

— Nenhuma freira jamais foi sepultada viva em uma parede — disse o doutor, mal-humorado. — Ergueu ligeiramente a voz: — É uma lenda. Uma estória. Uma calúnia circulada...

— Está bem, John. Não vamos brigar por isso. Você pode acreditar o que quiser. Compreenda, entretanto, que às vezes opiniões puramente materialistas devem ceder diante de *fatos*. É fato comprovado que entre as manifestações que perturbam esta casa estão uma freira e...

— E o que mais havia? — perguntou Luke rapidamente. — Estou *tão* interessado em saber o que a... eh... prancheta disse.

A Sra. Montague sacudiu o dedo num gesto brincalhão. — Nada sobre você, meu rapaz. Embora uma das moças aqui presentes talvez ouça alguma coisa interessante.

Que mulher impossível, pensou Eleanor; impossível, vulgar, possessiva. — Helen, continuou a Sra. Montague quer que procuremos um velho poço no porão.

— Não vai me dizer que *Helen* foi enterrada viva — disse o doutor.

— Não acho provável, John. Tenho certeza que teria mencionado isso. Para dizer a verdade, Helen foi muito vaga sobre o que iríamos achar no poço. Duvido muito que seja um tesouro. É muito raro haver tesouros em casos desses. É mais provável que sejam provas do desaparecimento da freira.

— Mais provável que sejam oitenta anos de lixo.

— John, não consigo compreender esse seu cepticismo; logo você, John? Afinal de contas, veio aqui para colecionar provas de atividade sobrenatural e agora, quando lhe trago um relato completo das causas, e uma indicação de onde deve começar a procurar, você fica positivamente sarcástico.

— Não temos autoridade para cavar no porão.

— Arthur poderia... — começou a Sra. Montague, mas o doutor disse com firmeza: — Não. Meu contrato de locação especificamente me proíbe de tocar na casa. Não vamos escavar o porão, nem mexer nos painéis de madeira, nem arrancar as tábuas do assoalho. A Casa da Colina é uma propriedade valiosa e nós somos estudantes e não vândalos.

— Pensei que você queria saber a *verdade*, John.

— Não há nada que eu queira mais. — O Dr. Montague marchou para o tabuleiro de xadrez e pegou um cavalo e olhou-o com fúria. Parecia estar obstinadamente contando até cem.

— Meu Deus, como é preciso ter paciência — suspirou a Sra. Montague. — Mas quero ler para vocês o trecho que recebemos quase no fim. Arthur, está com você?

Arthur remexeu seus papéis. — Foi logo depois da mensagem sobre as flores que você tem de mandar para sua tia — disse a Sra. Montague. — A prancheta tem um controle chamado Merrigot — explicou — e Merrigot tem um interesse pessoal genuíno em Arthur; traz notícias de parentes dele, e coisas assim.

— Não é uma doença fatal, sabem — disse Arthur gravemente. — Tenho de mandar flores, claro, mas Merrigot está muito otimista.

— Aqui. — A Sra. Montague escolheu várias páginas e virou-as rapidamente; estavam cobertas de palavras a lápis, espalhadas, e a Sra. Montague franziu a testa, percorrendo as páginas com o dedo. — Não. Aqui — disse. — Arthur, leia as perguntas e eu leio as respostas; assim fica mais natural.

— Vamos — disse Arthur, animado, e debruçou-se sobre o ombro da Sra. Montague. — Espere aí... começamos aqui?

— Comece com "Quem é você?"

— Certo. Quem é você?

— Nell — leu a Sra. Montague em sua voz aguda, e Eleanor e Theodora e Luke e o doutor se viraram, escutando.

— Nell o quê?

— Eleanor. Nellie. Nell. Nell. Às vezes fazem isso — a Sra. Montague interrompeu para explicar. — Repetem uma palavra várias vezes para ter certeza de que foi bem recebida.

Arthur pigarreou. — O que você quer? — leu.

— Casa.

— Quer ir para casa? — Theodora encolheu os ombros comicamente para Eleanor.

— Quero estar em casa.

— O que está fazendo aqui?

— Esperando.

— Esperando o quê?

— Casa. — Arthur parou e acenou a cabeça, com ar profundo. — Gostam de uma palavra e repetem várias vezes, só pelo som.

— Geralmente não perguntamos *por que* — disse a Sra. Montague —, porque confunde a prancheta. Mas dessa vez nos arriscamos e perguntamos. Arthur?

— Por quê? — leu Arthur.

— Mãe — leu a Sra. Montague. — Estão vendo, dessa vez fizemos bem em perguntar, porque a prancheta deu logo a resposta.

— Sua casa é a Casa da Colina? — leu Arthur em voz inexpressiva.

— Casa — respondeu a Sra. Montague, e o doutor suspirou.

— Você está sofrendo? — leu Arthur.

— Não houve resposta. — A Sra. Montague acenou a cabeça enfaticamente. — As vezes não gostam de confessar que sofrem; tendem a nos desencorajar porque ainda estamos aqui, entendem? Como a tia de Arthur, por exemplo, que *nunca* admite que está doente, mas Merrigot sempre nos avisa, e é ainda pior quando já fizeram a passagem.

— Estoicismo — confirmou Arthur, e leu: — Podemos ajudar você?

— Não — leu a Sra. Montague.

— Não podemos fazer nada por você?

— Não. Perdida. Perdida. Perdida. — A Sra. Montague ergueu os olhos. — Estão vendo? — perguntou. — Uma palavra, repetida várias vezes. — *Adoram* se repetir. Há vezes em que cubro uma página inteira com uma palavra só.

— O que você quer? — leu Arthur.

— Mãe — respondeu a Sra. Montague.

— Por quê?

— Criança.

— Onde está sua mãe?

— Em casa.

— Onde é sua casa?

— Perdida. Perdida. E depois disso — disse a Sra. Montague, dobrando a folha de papel — não houve mais nada, só palavras sem nexos.

— *Nunca* vi uma prancheta tão cooperativa — disse Arthur para Theodora. — Foi uma grande experiência, realmente.

— Mas por que implicar com a Nell? — perguntou Theodora, irritada. — Sua prancheta boba não tem direito de mandar mensagens para ninguém sem pedir permissão ou...

— Não se consegue resultados ofendendo a prancheta — começou Arthur, mas a Sra. Montague o interrompeu, virando para olhar Eleanor. — *Você* é Nell? — perguntou, e virou para Theodora. — Pensamos que *você* fosse Nell — disse.

— E daí? — disse Theodora, impertinente.

— Não afeta as mensagens, evidentemente disse a Sra. Montague, batendo com os dedos no papel, impaciente — embora deva dizer que deveríamos ter sido melhor apresentadas. Estou certa de que a *prancheta* sabia a diferença entre vocês, mas é claro que não gosto de me enganar.

— Não se sinta desprezada — disse Luke a Theodora. — Vamos enterrar você viva.

— Quando receber uma mensagem daquela coisa — disse Theodora — espero que seja sobre algum tesouro enterrado. Nada dessas tolices de mandar flores para minha tia.

Estão todos evitando cuidadosamente olhar para mim, pensou Eleanor; fui escolhida novamente, e estão tendo a bondade de fingir

que não é nada. — Por que acham que a mensagem foi mandada para mim? — perguntou, confusa.

— Realmente, minha filha — disse a Sra. Montague, deixando os papéis em cima de uma mesa —, isso não posso responder. Você ainda é muito moça, não? Pouco mais de uma criança. Talvez seja mais receptiva psiquicamente do que sabe, embora... — e virou-se para a lareira, indiferentemente — como *pode* ser, estando uma semana nesta casa e não recebendo nem uma simples mensagem do além... É preciso avivar o fogo.

— Nell não quer nenhuma mensagem do além — disse Theodora, pegando a mão fria de Eleanor nas suas. — Nell quer sua caminha e um bom sono.

Paz, pensou Eleanor; tudo que quero nesse mundo é paz, um lugar quieto para me deitar e pensar, um lugar quieto lá entre as flores onde possa sonhar e contar lindas estórias para mim mesma.

4

— EU DISSE ARTHUR em voz cheia — vou me acomodar no quartinho ao lado do quarto das crianças, ao alcance da voz. Ao meu lado vai estar um revólver carregado... não se alarmem, senhoras; atiro muito bem... e uma lanterna, assim como um apito penetrante. Não terei nenhum problema em chamar vocês todos se observar qualquer coisa digna de sua atenção, ou se precisar... eh... de companhia. Podem todos dormir sossegados. Eu garanto.

— Arthur — disse a Sra. Montague — vai patrulhar a casa. Todas as horas, regularmente, fará a ronda do andar de cima; acho que não será preciso nos incomodarmos com as salas de baixo hoje à noite, já que *eu* estarei aqui em cima. Já fizemos isso, muitas vezes. Venham todos. — Silenciosamente, todos a seguiram subindo as escadas, vendo as pancadinhas afetuosas que dava no corrimão e nas paredes. — É uma bênção — disse uma vez — saber que os seres nesta casa só estão esperando uma oportunidade de contar suas estórias e se libertarem da carga de seu sofrimento. Arthur vai primeiro inspecionar os quartos. Arthur?

— Com licença. senhoras, com licença — disse Arthur, abrindo a porta do quarto azul, ocupado por Eleanor e Theodora. — Um lugar delicado — disse pomposamente —, próprio para duas moças tão encantadoras: se quiserem, vou lhes poupar o trabalho de olhar dentro do armário e embaixo da cama. — Solenemente observaram Arthur ficar de quatro e olhar embaixo das camas e depois se erguer, limpando as mãos. — Perfeitamente seguro — disse.

— Bem, e onde vou ficar? — perguntou a Sra. Montague. — Onde foi que aquele rapaz colocou minha bagagem?

— Na outra ponta do corredor disse o doutor. — No quarto das crianças.

A Sra. Montague, seguida por Arthur, marchou pelo corredor, passou o local frio e estremeceu. — Vou precisar de mais cobertores — disse. — Mande aquele rapaz trazer mais cobertores. — Abrindo a porta do quarto, acenou a cabeça e disse: — A cama parece bem limpa, devo confessar, mas o quarto foi arejado?

— Disse à Sra. Dudley... — começou o doutor.

— Cheira a mofo. Arthur, você vai ter de abrir a janela, apesar do frio.

Os animais na parede do quarto das crianças olhavam do alto melancolicamente para a Sra. Montague. — Tem certeza... — o doutor hesitou e olhou apreensivo para as caras sorridentes acima da porta do quarto. — Talvez devesse ter alguém no quarto com você — disse finalmente.

— Meu caro. — A Sra. Montague, de bom humor agora na presença daqueles que já haviam passado para o outro lado, estava se divertindo. — Quantas horas... quantas, quantas horas... já passei no mais puro amor e compreensão, sozinha em um quarto e no entanto não sozinha? Meu caro, como posso fazer você entender que não há perigo onde só há amor e compaixão? Estou aqui para *ajudar* esses seres infortunados... estou aqui para estender a mão de afeto profundo e fazê-los compreender que ainda há alguém que se lembra, que os escutará e verterá lágrimas por eles; sua solidão terminou, e eu...

— Sim — disse o doutor — mas deixe a porta aberta.

— Não a trancarei, se insistir. — A Sra. Montague estava sendo muito generosa.

— Estou no fim do corredor — disse o doutor. — Não vou me oferecer para ficar de vigia, já que Arthur estará de patrulha, mas se precisar de qualquer coisa, chame que a ouvirei.

A Sra. Montague riu e abanou a mão. — Os outros precisam de sua proteção muito mais do que eu — disse. — Farei o que puder, é claro. Mas eles são *tão* vulneráveis, com seus corações empedernidos e seus olhos cegos.

Arthur, seguido por Luke, que parecia estar se divertindo muito, voltou depois de verificar os quartos todos do andar e acenou energicamente com a cabeça em direção ao doutor. — Tudo em ordem — disse. — Podem ir para a cama agora com toda a segurança.

— Obrigado — disse o doutor, olhando-o sobriamente, e disse depois à esposa: — Boa-noite. Tenha cuidado.

— Boa-noite — disse a Sra. Montague, e sorriu para todos eles. — Por favor, não tenham medo — disse. — Não importa o que acontecer, lembrem-se de que estou aqui.

— Boa-noite — disse Theodora, e — Boa-noite — disse Luke, e com Arthur atrás deles, garantindo que podiam dormir sossegados e não se preocupassem se ouvissem tiros, e que começaria sua primeira patrulha à meia-noite, Eleanor e Theodora entraram em seu quarto, e Luke no dele. Após um instante o doutor, dando relutantemente as costas à porta fechada de sua esposa, os seguiu.

— Espere — Theodora disse a Eleanor, uma vez no quarto. — Luke disse que querem que nós cheguemos até lá; não se dispa e fique quieta. — Abriu a porta um pouquinho e murmurou sobre o ombro: — Juro que a velhota vai causar uma explosão com esse negócio de amor perfeito; se existe um lugar que não quer saber de amor, perfeito ou imperfeito, é a Casa da Colina. Agora. Arthur fechou sua porta. Depressa. Não faça barulho. Silenciosamente, sem fazer nenhum barulho no tapete do corredor, foram de pés descalços até o quarto do doutor. Depressa. Não Faça barulho.

Silenciosamente, sem fazer nenhum barulho no tapete do corredor, foram de pés descalços até o quarto do doutor. —

Depressa — disse o doutor, abrindo a porta o suficiente para entrarem —, fiquem quietas.

— É um perigo — disse Luke, fechando a porta quase completamente e voltando a se sentar no chão — aquele homem vai atirar em alguém.

— Não estou gostando — disse o doutor, preocupado. — Luke e eu vamos ficar acordados e quero que vocês duas fiquem aqui, onde podemos ficar de olho em vocês. Vai acontecer alguma coisa — disse. — Não estou gostando.

— Só espero que ela não tenha feito alguém ficar furioso com aquela prancheta dela — disse Theodora. — Desculpe, Dr. Montague. Não queria ser grosseira a respeito de sua esposa.

O doutor riu, mas ficou de olho na porta. — Originalmente ela queria ficar aqui conosco o tempo todo — disse — mas começara um curso de ioga e não queria perder as aulas. É uma mulher excelente em muitos aspectos, acrescentou, olhando-os seriamente. — É uma boa esposa e toma conta de mim muito bem. Faz tudo maravilhosamente, na verdade. Botões em minhas camisas. — Sorriu de leve. — Isso — fez um gesto em direção ao corredor — é praticamente seu único vício.

— Talvez pense que está ajudando o senhor em seu trabalho — disse Eleanor.

O doutor fez uma careta e estremeceu; nesse momento a porta se escancarou e depois fechou com estrondo, e no silêncio do lado de fora ouviram pequenos movimentos arrastados como se um vento muito forte, muito constante, estivesse soprando ao longo do corredor. Olhando uns para os outros, tentaram sorrir, tentaram parecer corajosos à medida que o frio irreal penetrava lentamente e então, cortando o barulho do vento, as batidas nas portas no andar de baixo. Sem dizer uma palavra, Theodora pegou o cobertor dobrado nos pés da cama do doutor e cobriu os ombros de Eleanor e os seus, e elas se aproximaram uma da outra, devagar para não fazer nenhum ruído. Eleanor, agarrando-se a Theodora, congelada apesar dos braços de Theodora ao seu redor, pensou: Sabe meu nome, dessa vez sabe meu nome. As pancadas subiram as escadas, batendo em cada degrau. O doutor estava tenso, de pé junto à

porta, e Luke foi ficar a seu lado. — Não está nada perto do quarto das crianças — disse ao doutor, e estendeu a mão para impedir que o doutor abrisse a porta.

— Como é cansativo esse negócio de bater nas portas — disse Theodora, ridiculamente. — No verão que vem, vou mesmo para outro lugar.

— Há desvantagens em toda parte — disse Luke. — Na região dos lagos você tem mosquitos.

— Será que esgotamos o repertório da Casa da Colina? — perguntou Theodora, com voz trêmula apesar da brincadeira. — Parece que já vimos essa cena de bater nas portas; e vai começar tudo de novo? — As pancadas ecoaram ao longo do corredor, parecendo vir da outra ponta, a mais longe do quarto das crianças e o doutor, tenso contra a porta, sacudiu a cabeça ansiosamente: — Vou ter de ir lá fora — disse. — Talvez ela fique com medo.

Eleanor, balançando com as pancadas, que pareciam ser dentro de sua cabeça tanto quanto no corredor, agarrada a Theodora, disse: — Sabem onde estamos — e os outros, presumindo que se referia a Arthur e à Sra. Montague, concordaram com a cabeça e ficaram escutando. As batidas, Eleanor disse a si mesma, comprimindo os olhos com as mãos e oscilando com o barulho, vão descer o corredor, vão continuar até o fim do corredor e vão voltar de novo e vão continuar como da outra vez e depois vão parar e vamos olhar uns para os outros e rir e procurar lembrar do frio e rir e lembrar dos arrepios de medo na espinha; depois de algum tempo vão parar.

— Nunca *nos* magoou — Theodora estava dizendo ao doutor, falando acima do barulho das pancadas. — Não vai machucá-los tampouco.

— Só espero que ela não tente fazer *alguma* coisa — disse o doutor, sombriamente: continuava junto da porta, mas aparentemente sem poder abri-la contra o volume de barulho do lado de fora.

— Estou me sentindo uma veterana nisso — disse Theodora para Eleanor. — Chega mais perto, Nell; venha se aquecer — e puxou

Eleanor mais perto embaixo do cobertor, e o frio silencioso, nauseante, as cercou.

E subitamente veio o silêncio, secreto, rastejante, que todos conheciam; prendendo a respiração, entreolharam-se. O doutor segurou a maçaneta com ambas as mãos e Luke, embora o rosto estivesse branco e a voz tremesse, disse calmamente: — Alguém quer conhaque? Minha paixão por espíritos...

— Não. — Theodora riu loucamente. — Essa piada não — disse.

— Desculpe. Não vão acreditar — disse Luke, batendo com a garrafa de conhaque contra os copos ao tentar servi-los — mas não acho mais que seja piada. É isso que acontece com seu senso humorístico quando você mora em uma casa mal-assombrada. — Usando as duas mãos para levar o copo, foi até a cama onde Theodora e Eleanor estavam encolhidas debaixo do cobertor, e Theodora botou uma mão de fora para pegar o copo. — Tome aqui — disse, estendendo para Eleanor. — Beba.

Tomando um gole, não-aquecida, Eleanor pensou: Estamos no centro da tempestade; não há muito mais tempo. Ficou olhando Luke levar cuidadosamente um copo de conhaque para o doutor e estendê-lo e então, sem compreender, viu o copo deslizar pelos dedos de Luke e cair no chão enquanto a porta era sacudida violenta e silenciosamente. Luke puxou o doutor para trás e a porta foi atacada sem ruído, parecendo ser quase arrancada das dobradiças, quase prestes a cair, deixando-os expostos. Recuando, Luke e o doutor esperaram, tensos e impotentes.

— Não pode entrar — Theodora murmurava, com os olhos grudados na porta —, não pode entrar, não deixem que entre, não pode entrar... — As sacudidelas pararam, a porta ficou parada, e começaram as pancadinhas acariciantes na maçaneta, apalpando intimamente e levemente e então, porque a porta estava trancada, dando pancadinhas e acariciando o portal, como que persuadindo-os a deixá-lo entrar.

— Sabe que estamos aqui — murmurou Eleanor, e Luke, olhando-a por sobre o ombro, fez um gesto furioso para que se calasse.

Está tão frio, pensou Eleanor, infantilmente; nunca mais vou poder dormir com todo esse barulho vindo de dentro de minha cabeça; como é que eles podem ouvir esse barulho se está vindo de dentro de minha cabeça? Estou desaparecendo milímetro por milímetro nessa casa, estou me desfazendo aos poucos porque esse barulho está me destruindo: por que os *outros* estão com medo?

Percebeu, vagamente, que as pancadas haviam recomeçado, o som metálico esmagador a engolia com ondas; levou as mãos geladas à boca para ver se o rosto ainda estava lá; chega, pensou, estou morrendo de frio.

— Na porta do quarto das crianças — disse Luke tenso, falando claramente através do barulho. — Na porta do quarto das crianças; não. — E estendeu o braço para deter o doutor.

O mais puro amor — disse Theodora, desvairada —, o mais puro amor. — E começou a rir.

— Se não abrirem as portas... — disse Luke ao doutor. O doutor encostara a cabeça na porta, ouvindo, e Luke segurava seu braço para impedi-lo de se mexer.

Agora vamos ter um barulho diferente, pensou Eleanor, escutando o interior de sua própria cabeça; está mudando. As pancadas haviam parado, como se tivessem sido inúteis, e havia agora um movimento rápido indo e vindo no corredor, como um animal andando de um lado para outro com incrível impaciência, olhando uma porta após a outra, alerta a qualquer movimento de dentro, e veio novamente o murmúrio balbuciante de que Eleanor se lembrava: Será que sou eu? pensou depressa, serei eu? E ouviu a risadinha do outro lado da porta, zombando dela.

— Trá-lá-lá-lá-lá — disse Theodora baixinho, e a risada aumentou e se tornou um grito; está dentro de minha cabeça, pensou Eleanor, cobrindo o rosto com as mãos, está dentro de minha cabeça e está saindo, saindo, saindo...

Agora a casa tremia e sacudia, as cortinas batendo contra as janelas, a mobília oscilando, e o barulho no corredor aumentou tanto de volume que empurrava as paredes; ouviram vidro se quebrando quando os quadros no corredor despencaram das paredes, e talvez quando janelas se quebraram. Luke e o doutor faziam força contra a

porta, como se a mantivessem fechada por um esforço desesperado, e o assoalho se movia debaixo de seus pés. Estamos indo, estamos indo, pensou Eleanor, e ouviu Theodora dizer, de muito longe: — A casa está caindo. — Parecia calma, tendo superado o medo. Segurando a cama, sacudida e abalada, Eleanor abaixou a cabeça e fechou os olhos e mordeu os lábios contra o frio e sentiu a queda nauseante quando o quarto fugiu dela e depois se endireitou e virou, lentamente, balançando. — Deus Todo Poderoso — disse Theodora e a quilômetros de distância Luke segurou o doutor e o botou de pé.

— Vocês estão bem? — perguntou Luke, de volta contra a porta, segurando o doutor pelos ombros. — Theo, você está bem?

— Estou me segurando — disse Theodora. — Quanto a Nell, não sei.

— Proteja-a contra o frio — disse Luke, de muito longe. Ainda não terminou. — Sua voz sumiu; Eleanor podia ouvi-lo e vê-lo muito longe no quarto distante onde ele e Theodora e o doutor ainda esperavam; na escuridão espumante onde caía eternamente nada era real a não ser suas próprias mãos brancas em volta do pé da cama. Podia vê-los, muito pequeninos, e vê-los ficarem tensos quando a cama balançou e a parede se inclinou para a frente e a porta virou de lado lá ao longe. Em algum lugar houve um estrépito sacolejante e alguma coisa imensa se precipitou; deve ser a torre, pensou Eleanor, e imaginei que ficasse de pé por anos e anos; estamos perdidos, perdidos; a casa está se destruindo. Ouviu as risadas em toda parte, finas e lunáticas, subindo na mesma melodia louca, e pensou: Não; para mim terminou. É demais, pensou, renunciarei à posse desse meu eu, abdicarei, entregarei de boa vontade aquilo que nunca quis; seja o que for que quiser de mim pode tomar.

— Eu vou — disse em voz alta, e estava falando com Theodora, que se inclinava sobre ela. O quarto estava completamente quieto, e através das cortinas paradas nas janelas podia ver o sol. Luke estava sentado em uma cadeira perto da janela; seu rosto estava machucado e a camisa rasgada, e ainda estava bebendo conhaque. O doutor sentava em outra cadeira, com o cabelo bem penteado, parecendo bem arrumado e esperto e bem controlado. Theodora,

debruçada sobre Eleanor, disse: — Acho que está bem — e Eleanor sentou e sacudiu a cabeça, olhando em volta. Serena e quieta, a casa se erguia muito formal à sua volta, e nada saía do lugar.

— Como... — disse Eleanor, e os três riram.

— Mais um dia — disse o doutor, e apesar de sua aparência, a voz era desanimada. — Mais uma noite — disse.

— Como tentei dizer antes — comentou Luke — morar em uma casa mal-assombrada destrói o senso humorístico; realmente não pretendia fazer uma piada proibida — disse Theodora.

— Como... estão eles? — perguntou Eleanor, e as palavras lhe pareceram estranhas na boca seca.

— Ambos estão dormindo como anjinhos — disse o doutor. — Na verdade — disse, como se estivesse continuando uma conversa começada enquanto Eleanor dormia — não posso acreditar que minha esposa tenha desencadeado aquela tempestade, mas confesso que mais uma palavra sobre amor puro...

— O que aconteceu? — perguntou Eleanor; devo ter trincado os dentes, pensou, da maneira que minha boca está.

— A Casa da Colina foi dançar — disse Theodora — e nos levou com ela numa farra noturna louca. Pelo menos, *acho* que foi uma dança; talvez tenham sido cambalhotas.

— São quase nove horas — disse o doutor. — Quando Eleanor estiver pronta...

— Vamos, querida — disse Theodora. — Theo vai lavar seu rosto e arrumar você para o café.

VIII

— ALGUÉM disse a eles que a Sra. Dudley tira a mesa às dez? — Theodora olhou dentro do bule de café, especuladoramente.

O doutor hesitou. — Detesto acordá-los depois de uma noite dessas.

— Mas a Sra. Dudley tira a mesa às dez.

— Estão vindo — disse Eleanor. — Estou ouvindo seus passos na escada. — Posso ouvir tudo em qualquer parte da casa, teve vontade de lhes dizer.

Ao longe, ouviram todos a voz da Sra. Montague, alta e irritada e Luke, compreendendo, disse: — Oh, Deus... não conseguem achar a sala de jantar — e saiu correndo para abrir portas.

— ... bem arejado. — A Sra. Montague, precedida por sua voz, entrou na sala, bateu rapidamente no ombro do doutor e sentou-se, cumprimentando os outros com a cabeça. — Não sei por que — começou logo — não nos chamaram para o café. Suponho que está tudo frio? O café ainda presta?

— Bom-dia — disse Arthur mal-humorado, sentando longe dos outros. Theodora quase derrubou o bule na pressa de colocar uma xícara de café em frente da Sra. Montague.

— *Parece* quente — disse a Sra. Montague. — De qualquer maneira, vou falar com a Sra. Dudley hoje de manhã. Aquele quarto precisa ser arejado.

— E a noite, como foi? — perguntou o doutor timidamente. — Passaram uma noite... eh... lucrativa?

— Se você quer dizer confortável, John, preferia que dissesse. Não, em resposta à sua pergunta, não passei uma noite confortável. Não consegui dormir um segundo. Aquele quarto é insuportável.

— Casa barulhenta, não é? — disse Arthur. — Tinha um galho de árvore batendo na minha janela a noite toda; quase me deixou maluco, batendo, batendo.

— Mesmo com as janelas abertas aquele quarto é sufocante. O café da Sra. Dudley não é tão ruim quanto sua limpeza. Mais uma

xícara, por favor. Estou estupefata, John, que você tenha me colocado em um quarto tão mal arejado; se é para haver qualquer comunicação com aqueles que estão no além é preciso pelo menos que a circulação de ar seja adequada. Senti cheiro de poeira a noite inteira.

— Não consigo entender *você* — disse Arthur ao doutor — ficando todo nervoso com essa casa. Fiquei sentado a noite inteira com meu revólver e nem um camundongo se mexeu. A única coisa foi aquele galho batendo na minha janela. Quase fiquei maluco — disse para Theodora.

— Não vamos perder as esperanças, é claro. — A Sra. Montague franziu a cara para o marido. — Talvez hoje à noite haja alguma manifestação.

2

— THEO? — Eleanor largou o bloco de papel e Theodora, que escrevia loucamente, ergueu os olhos, franzindo a testa. — Estive pensando em alguma coisa.

— Detesto escrever essas anotações; acho que sou uma idiota tentando escrever sobre essa maluquice toda.

— Estive pensando.

— E então? — Theodora sorriu de leve. — Você está tão séria — disse. — Está tomando alguma grande decisão?

— Sim — disse Eleanor, decidindo. — Sobre o que vou fazer depois. Quando todos nós deixarmos a Casa da Colina.

— E então?

— Vou com você — disse Eleanor.

— Comigo onde?

— Vou voltar com você para casa. Eu... — e Eleanor sorriu ironicamente — ... vou seguir você até em casa.

Theodora olhou fixamente. — Por quê? — perguntou, sem entender.

— Nunca tive alguém para querer bem — disse Eleanor, pensando onde tinha ouvido alguém dizer alguma coisa parecida

antes. — Quero estar em algum lugar onde pertença.

— Não tenho o hábito de levar gatos sem dono para casa — disse Theodora alegremente.

Eleanor riu também. — Sou mesmo uma espécie de gato sem dono, não sou?

— Bem — Theodora pegou o lápis de novo — você tem sua própria casa — disse. — Ficaré contente de voltar para lá quando chegar a hora, Nell, minha Nellie. Acho que vamos todos ficar contentes de voltar para casa. O que você disse sobre aqueles barulhos ontem à noite? Não sei como descrevê-los.

— Eu vou, você sabe — disse Eleanor. — Vou de qualquer jeito.

— Nellie, Nellie. — Theodora riu novamente. — Olhe aqui — disse. — É só verão, é só uma visita de umas semanas a um lindo lugar de veraneio no campo. Você tem sua vida na sua casa, eu tenho a minha. Quando acabar o verão, vamos voltar. Vamos nos corresponder, é claro, e talvez nos visitar, mas a Casa da Colina não é para sempre, você sabe.

— Posso arranjar um emprego; não vou atrapalhar você.

— Não compreendo. — Theodora jogou o lápis longe, exasperada. — Você sempre vai onde não é querida?

Eleanor sorriu placidamente. — Nunca fui querida em lugar nenhum — disse.

3

— É TUDO tão maternal — disse Luke. — Tudo tão macio. Tudo tão acolchoado. Grandes poltronas e sofás acalentadores que, quando você senta, são duros e incômodos e rejeitam você imediatamente.

— Theo? — disse Eleanor baixinho, e Theodora olhou para ela e sacudiu a cabeça, perplexa.

— ... e mãos por toda parte. Pequenas mãos de vidro macias, estendidas para você, curvas, chamando você...

— Theo? — disse Eleanor.

— Não — disse Theodora. — Não quero você. E não quero mais falar nisso.

— Talvez — disse Luke, observando-as — o aspecto singelo mais repulsivo seja a ênfase no globo. Peço-lhes que considerem imparcialmente a cúpula de abajur feita de pedacinhos de vidro quebrado colados, ou os grandes globos das luzes da escada ou o pote de bombons estriado iridescente perto de Theo. Na sala de jantar há uma tigela de vidro de um amarelo especialmente repulsivo repousando nas mãos de uma criança, e um ovo de Páscoa de açúcar que encerra uma visão de pastores dançando dentro. Uma dama peituda sustenta a balaustrada da escada na cabeça, e sob uma redoma de vidro no salão...

— Nellie, me deixe em paz. Vamos dar um passeio até o riacho, ou qualquer outra coisa.

— ... um rosto de criança, em ponto de cruz. Nell, não fique tão apreensiva; Theo só sugeriu um passeio até o riacho. Se quiser, eu vou também.

— Qualquer coisa — disse Theodora.

— Para espantar os coelhos. Se quiserem, levarei uma bengala. Se quiserem, não irei. Basta Theo dizer.

Theodora riu. — Talvez Nell prefira ficar aqui e escrever nas paredes.

— Que maldade — disse Luke. — Você foi cruel, Theo.

— Fale mais dos pastores dançando dentro do ovo de Páscoa — disse Theodora.

— Um mundo contido em açúcar. Seis minúsculos pastores dançando e uma pastora vestida de rosa e azul reclinada na encosta da colina, apreciando a dança; há flores e árvores e carneiros, e um velho pastor de cabras tocando flauta. Acho que gostaria de ter sido um pastor de cabras.

— Se não fosse um toureador — disse Theodora.

— Se não fosse um toureador. Os casos amorosos de Nell são o assunto nos bares, não se esqueçam.

— Pã — disse Theodora. — Você devia viver em uma árvore oca, Luke.

— Nell — disse Luke — você não está escutando.

— Acho que você lhe mete medo, Luke.

— Por que a Casa da Colina vai ser minha algum dia, com seus tesouros desconhecidos e suas almofadas? Não sou muito delicado com uma casa, Nell; posso ficar agitado e quebrar o ovo de Páscoa de açúcar ou esfacelar as mãos da criancinha ou subir e descer as escadas gritando e batendo nas cúpulas de vidro colado com uma bengala e atacando a dama peituda que sustenta a escada; talvez...

— Está vendo? Você a assusta.

— Acho que sim — disse Luke. — Nell, só estou dizendo bobagens.

— Acho que ele nem tem uma bengala — disse Theodora.

— Por falar nisso, até que tenho. Nell, estou só dizendo bobagens. Em que é que ela está pensando, Theo?

Theodora disse cuidadosamente: — Quer que eu a leve para casa comigo quando deixarmos a Casa da Colina e eu não vou fazer isso.

Luke riu. — Que tolice da pobre Nell — disse. — A jornada termina no encontro dos amantes. Vamos dar um passeio até o riacho.

— UMA CASA MÃE — disse Luke, ao descerem os degraus da varanda para o gramado — uma mãe da casa, uma dona-de-casa. Acho que vou ser um péssimo dono-de-casa quando a Casa da Colina me pertencer.

— Não compreendo como alguém possa querer ser dono da Casa da Colina — disse Theodora, e Luke virou e olhou a casa com ar divertido.

— Você nunca sabe o que vai querer até vê-lo claramente — disse. — Se nunca tivesse uma chance de possuí-la, talvez me sentisse diferente. O que as pessoas querem umas das outras, como Nell me perguntou uma ocasião; de que servem as outras pessoas?

— Foi por minha culpa que minha mãe morreu — disse Eleanor. — Bateu na parede e me chamou e me chamou e não acordei. Devia ter-lhe dado o remédio; sempre lhe dava o remédio. Mas dessa vez ela chamou e não acordei.

— Você já devia ter esquecido tudo isso — disse Theodora.

— Já me perguntei muitas vezes desde então se na verdade acordei. Se acordei e a ouvi chamar e dormi de novo. Teria sido

muito fácil, e já me perguntei isso muitas vezes.

— Vamos virar aqui disse Luke — se é que vamos para o riacho.

— Você se preocupa demais, Nell. Provavelmente *gosta* de pensar que foi sua culpa.

— Teria de acontecer mais cedo ou mais tarde, de qualquer jeito — disse Eleanor. — Mas é claro que não importa quando aconteceu, tinha de ser minha culpa.

— Se não tivesse acontecido, você nunca teria vindo à Casa da Colina.

— Vamos em fileira única aqui — disse Luke. — Nell, você vai primeiro.

Sorrindo, Eleanor foi à frente, chutando as pedrinhas do caminho. Agora sei onde estou indo, pensou; contei a ela sobre minha mãe, então *isso* está bem; vou arranjar uma pequena casa, ou talvez um apartamento igual ao dela. Vou vê-la todos os dias e iremos em busca de coisas lindas juntas... pratos com borda dourada, e um gato branco, e um ovo de Páscoa de açúcar, e uma xícara com estrelas. Não ficarei mais amedrontada ou sozinha; vou me chamar simplesmente *Eleanor*. — Vocês estão falando de mim? — perguntou sobre o ombro.

Depois de um minuto Luke respondeu polidamente: — Uma luta entre o bem e o mal pela alma de Nell. Suponho que eu tenha de ser Deus.

— Mas evidentemente ela *não pode* confiar em nenhum de nós — disse Theodora, divertida.

— Não em mim, com toda certeza — disse Luke.

— Além disso, Nell — disse Theodora —, não estávamos falando de você. Como se eu fosse responsável por ela — disse, meio zangada, para Luke.

Esperei tanto tempo, Eleanor estava pensando; finalmente alcancei minha felicidade. Chegou, à frente dos outros, ao topo da colina e olhou para baixo, para a fileira estreita de árvores que teriam de atravessar para chegar ao riacho. São lindas contra o céu, pensou, tão retas, tão livres; Luke estava errado sobre a maciez toda parte, porque as árvores são duras, como árvores de madeira. Ainda estão falando de mim, falando de como eu vim para a Casa da

Colina e encontrei Theodora e agora não vou perdê-la. Ouvia o murmúrio de suas vozes atrás dela, às vezes com um tom de maldade, outras se erguendo em zombaria, outras com um toque de riso de camaradagem, e continuou a andar, sonhadora, ouvindo os dois a segui-la. Percebeu quando entraram na grama alta um minuto depois dela, porque a grama se moveu, sibilando sob seus pés e um gafanhoto assustado saltou para longe.

Poderia ajudá-la na loja, pensou Eleanor; ela adora coisas bonitas e eu iria com ela procurá-las. Poderíamos ir onde quiséssemos, até a beira do mundo, se quiséssemos, e voltar quando quiséssemos. Ele está dizendo a ela agora que sabe a meu respeito: que não é fácil me enganar, que tenho uma cerca de espirradeiras a meu redor, e ela está rindo porque não vou mais ficar sozinha. São muito parecidos e são muito bons; não esperava deles realmente tanto quanto estão me dando; fiz muito bem em vir porque a jornada termina no encontro dos amantes.

Chegou embaixo dos duros galhos das árvores e a sombra era agradavelmente fresca depois do sol quente no caminho; agora tinha de andar com mais cuidado porque o caminho descia e havia às vezes pedras e raízes. Atrás dela as vozes continuavam, rápidas e agudas, e depois mais lentas e sorridentes; não olharei para trás, pensou, feliz, porque então saberiam o que estou pensando; falaremos sobre isso juntas algum dia, Theo e eu, quando tivermos bastante tempo. Como me sinto estranha, pensou, emergindo das árvores na parte mais inclinada do caminho que levava ao riacho; estou presa em uma espécie de encantamento, estou muda de alegria. Não vou olhar para trás até chegar ao riacho, onde ela quase caiu no dia em que viemos aqui; vou lembrar a ela os peixinhos dourados no riacho e nosso piquenique.

Sentou na verde encosta estreita e apoiou o queixo nos joelhos; não esquecerei este momento em minha vida, prometeu a si mesma, ouvindo as vozes e os passos deles descendo lentamente a colina. — Venham depressa — disse, virando a cabeça para ver Theodora. — Eu... — e ficou calada. Não havia ninguém na colina, nada, exceto os passos descendo claramente o caminho e fraco riso zombeteiro.

— Quem...? — murmurou. — Quem?

Viu a grama se abaixar sob o peso dos passos. Viu outro gafanhoto saltar longe, assustado, e uma pedrinha ser chutada e rolar. Ouviu claramente o rumor de passos no caminho e então, comprimida contra a encosta, ouviu bem perto: — Eleanor, Eleanor e ouviu dentro e fora de sua cabeça; era um chamado que havia esperado toda sua vida. Os passos pararam e foi apanhada por um movimento de ar tão sólido que cambaleou e foi amparada. Eleanor, Eleanor — ouviu através do ar que se arremessou contra seus ouvidos: — Eleanor, Eleanor — e foi agarrada e sentiu-se em segurança. Não está nada frio, pensou, não está nada frio. Fechou os olhos e se encostou na ribanceira e pensou: Não me deixe ir, e depois: Fique, fique, quando a firmeza que a sustentava se esvaiu, deixando-a, desaparecendo: — Eleanor, Eleanor — ouviu mais uma vez e estava então em frente ao riacho, tremendo como se o sol tivesse se ido, olhando sem espanto os passos vazios moverem-se sobre a água do riacho, encrespando a superfície, e depois na margem oposta, subindo lentamente, acariciando a colina, até sumirem do outro lado.

Volte, quase que disse, de pé, tremendo, perto do riacho, e então virou e correu loucamente colina acima, chorando ao correr e chamando: — Theo? Luke?

Encontrou-os junto do grupo de árvores, encostados em um tronco e falando baixinho e rindo; quando chegou correndo viraram, espantados e Theodora ficou quase zangada: O que é que você quer agora? — disse.

— Esperei por vocês perto do riacho...

— Resolvemos ficar onde estava fresco — disse Theodora. Pensei que tivesse nos ouvido chamar você. Não foi, Luke?

— Foi — disse Luke, encabulado. Tínhamos certeza de que você nos ouviu.

— Seja como for — disse Theodora — já íamos até lá. Não é, Luke?

— É — disse Luke, rindo. — Nós já íamos.

4

— ÁGUAS SUBTERRÂNEAS — disse o doutor, abanando o garfo.

— Bobagem. É a Sra. Dudley que cozinha tudo? Os aspargos estão bem aceitáveis. Arthur, deixe aquele rapaz lhe servir aspargos.

— Minha cara. — O doutor olhou afetuosamente para sua esposa. — Temos o hábito de descansar mais ou menos uma hora depois do almoço; se você...

— Claro que não. Tenho muito a fazer enquanto estou aqui. Tenho de falar com sua cozinheira, tenho de providenciar para que meu quarto seja arejado, tenho de aprontar a prancheta para outra sessão hoje à noite; Arthur tem de limpar o revólver.

— Sinal de um homem de luta — concordou Arthur. — As armas têm de estar sempre em boas condições.

— *Você e esses jovens* podem descansar, é claro. Talvez você não sinta a urgência que eu sinto, a compulsão terrível de ajudar as pobres almas que vagam por aqui; talvez você me considere uma tola por ter pena delas, talvez eu seja até ridícula em seus olhos porque posso desperdiçar umas lágrimas por uma alma perdida abandonada, sem alguém que a ajude; o amor puro...

— Croqué? — disse Luke depressa. — Uma partida de croqué? — Olhou de um para o outro, ansiosamente.

— Águas subterrâneas? — acrescentou Theodora, tentando ajudar.

— Nada de molhos fantasiados para *mim* — disse Arthur com firmeza. — Digo aos meus rapazes que é sinal de um pilantra. — Olhou pensativamente para Luke. — Sinal de um pilantra. Molhos fantasiados, mulheres servindo-o. Meus rapazes se servem. Sinal de um homem — disse a Theodora.

— E que mais o senhor ensina a eles? — perguntou Theodora, por delicadeza.

— Ensinar? Quer dizer... se eles aprendem alguma coisa, os meus rapazes? Quer dizer, álgebra, ou coisa assim? Latim? Claro. — Arthur recostou-se na cadeira, satisfeito. — Esse tipo de coisa eu deixo para os professores — explicou.

— E quantos rapazes há em sua escola? — Theodora inclinou-se à frente, cortês, interessada, conversando com um convidado, e Arthur ficou encantado; à cabeceira da mesa, a Sra. Montague franziu a testa e bateu os dedos na mesa, impaciente.

— Quantos? Quantos? Temos um time de tênis excelente, sabe? — Sorriu para Theodora. — Excelente. Magnífico. Sem contar os molengas?

— Sem contar — disse Theodora — os molengas.

— Oh. Tênis. Golfe. Beisebol. Corridas. Críquete. — Sorriu maliciosamente. — Não pensou que jogássemos críquete, não é? E tem também natação e voleibol. Alguns dos rapazes fazem um pouco de tudo — olhou para ela ansioso. — Talvez uns setenta, ao todo.

— Arthur? — A Sra. Montague não podia mais se conter. — Não fale de trabalho. Você está de férias, lembre-se.

— Sim, tolice minha. — Arthur sorriu afetuosamente. — Tenho de verificar as armas — explicou.

— São duas horas — disse a Sra. Dudley, da porta. — Tiro a mesa às duas horas.

5

THEODORA RIU, e Eleanor, escondida no fundo das sombras atrás da pérgula, cobriu a boca com as mãos para não dizer nada e revelar sua presença; tenho de descobrir, estava pensando, tenho de descobrir.

— Chama-se "Os Assassinatos Grattan", Luke estava dizendo. — É uma beleza. Posso até cantar, se você preferir.

— Sinal de um pilantra. — Theodora riu de novo. — Pobre Luke; eu teria dito "patife".

— Se você preferir passar esses momentos com Arthur...

— Claro que prefiro Arthur. Um homem educado é sempre boa companhia.

— Críquete — disse Luke. — Você nunca pensaria que jogamos críquete, não é mesmo?

— Cante, cante — disse Theodora, rindo.

Luke cantou, em tom monótono e nasal, enfatizando cada palavra distintamente:

"Primeiro foi a jovem Grattan,
Que o barrou onde outros entraram;
Apunhalou-a com a faca de queijo,
Foi assim que os crimes começaram.

"A seguir foi Vovó Grattan,
Tão velhinha e cansada estava,
Defendeu-se do atacante
Melhor do que ele esperava.

"Depois foi Vovô Grattan,
Sentado em frente do fogo;
Cortou-lhe o pescoço rápido.
Sem atender a seu rogo.

"O último foi bebê Grattan,
Deitadinho no seu berço,
À falta de coisa melhor,
Estrangulou-o com o terço."

Quando terminou, houve um momento de silêncio e depois Theodora disse em voz fraca: — É lindo, Luke. Belíssimo. Nunca mais vou ouvi-lo sem lembrar de você.

— Estou planejando cantar isso para Arthur — disse Luke. Quando irão falar de mim? pensou Eleanor nas sombras. Após um instante, Luke continuou, indolentemente: — Como será o livro do doutor, quando ele o escrever? Acha que vai falar de nós?

— Provavelmente vai fazer de você um jovem pesquisador de fenômenos psíquicos. E eu serei uma dama de prendas indiscutíveis, mas de reputação duvidosa.

— Será que a Sra. Montague vai ter um capítulo só para ela?

— E Arthur. E a Sra. Dudley. Espero que não nos reduza a números em um gráfico.

— Não sei, não sei — disse Luke. — Está quente hoje — disse. — O que podemos fazer para nos refrescar?

— Podíamos pedir à Sra. Dudley para fazer limonada.

— Sabe o que quero fazer? — disse Luke. — Quero explorar, Vamos seguir o riacho até as colinas e ver de onde vem; talvez haja um lago em algum lugar e podemos ir nadar.

— Ou uma cachoeira; parece ser um riacho que vem de uma cachoeira.

— Vamos, então. — Escutando atrás da pérgula, Eleanor ouviu suas risadas e o som de seus pés correndo pelo caminho da casa.

6

— AQUI ESTÁ uma coisa interessante, olhe aqui — disse a voz de Arthur, como quem está tentando entreter alguém — nesse livro. Diz como fazer velas com creions de criança.

— Muito interessante. — O doutor parecia cansado. — Desculpe-me, Arthur, mas tenho de trabalhar em minhas anotações.

— Claro, doutor. Todos nós temos nosso trabalho. — Eleanor, escutando do outro lado da porta da salinha, ouviu os pequenos ruídos irritantes que Arthur fazia tentando ficar quieto. — Não tem muito que fazer por aqui, não é? — disse Arthur. — O que vocês fazem geralmente?

— Trabalhamos — disse o doutor secamente.

— Está escrevendo o que acontece na casa?

— Sim.

— Botou meu nome aí?

— Não.

— Acho que devia botar nossas notas da prancheta. O que está escrevendo agora?

— Arthur. Você não pode arranjar alguma coisa para ler?

— Claro. Não quero incomodá-lo. — Eleanor ouviu Arthur pegar um livro e largá-lo, e acender um cigarro, e suspirar, e se remexer, e dizer finalmente: — Escute aqui, não tem nada para se *fazer* nessa casa? Onde está todo mundo?

O doutor falou com toda paciência, mas totalmente desinteressado: — Acho que Theodora e Luke foram explorar o

riacho. E suponho que os outros estejam por aí em alguma parte. Creio que minha esposa foi à procura da Sra. Dudley.

— Oh. — Arthur suspirou de novo. — Então é melhor eu ler mesmo — disse, e depois de um minuto — não quero interromper, doutor, mas ouça só o que diz aqui...

7

— NÃO — DISSE a Sra. Montague — não acredito em misturar moças e rapazes promiscuamente, Sra. Dudley. Se meu marido tivesse me consultado antes de organizar essa excursão...

— Ora — disse a Sra. Dudley, e Eleanor, encostada na porta da sala de jantar, arregalou os olhos e ficou de boca aberta. — Eu sempre digo, Sra. Montague, que a gente só é jovem uma vez. Os jovens estão se divertindo, e isso é natural.

— Mas dormindo todos debaixo do mesmo teto...

— São grandes bastante para saberem o que estão fazendo. Aquela moça, Theodora, tão bonita, já está em idade de saber se cuidar, eu acho, mesmo com um rapaz tão brincalhão como o Sr. Luke.

— Preciso de um pano de prato para enxugar os talheres, Sra. Dudley. É uma pena que as crianças hoje em dia cresçam sabendo tudo. Deveria haver mais mistérios, coisas que pertencem a adultos, que deviam esperar até crescer para descobrir.

— Mas aí a descoberta é uma experiência dura. — A voz da Sra. Dudley era tranquila e afável. — Dudley pegou esses tomates na horta hoje de manhã — disse. — Os tomates deram muito bem este ano.

— Quer que eu faça alguma coisa com eles?

— Não, não. Sente ali e descanse; a senhora já ajudou muito. Vou ferver água e fazer um chá para nós.

8

— A JORNADA termina no encontro dos amantes — disse Luke, e sorriu do outro lado da sala para Eleanor. — Esse vestido azul que Theo está usando é seu mesmo? Não tinha visto antes.

— Sou Eleanor — disse Theodora maliciosamente — porque tenho barba.

— Você foi muito prudente, trouxe roupas em quantidade — disse Luke a Eleanor. — Theo não teria ficado muito bem com minhas calças e camisas.

— Sou Eleanor — disse Theodora — porque estou usando azul. Amo meu amor com E porque ela é etérea. Seu nome é Eleanor e ela vive de expectativas.

Ela está sendo maldosa, pensou Eleanor distantemente; estava vendo e escutando as pessoas como se de uma grande distância. Agora, pensou, Theodora está sendo má e Luke está tentando ser gentil; Luke está envergonhado porque Theo está sendo tão má. — Luke — disse Theodora, olhando Eleanor de relance — vem cantar para mim de novo.

— Mais tarde — disse Luke, constrangido. — O doutor está arrumando o tabuleiro de xadrez. — Afastou-se um tanto apressado.

Theodora, melindrada, encostou a cabeça nas costas da cadeira e fechou os olhos, evidentemente decidida a não dizer uma palavra. Eleanor ficou sentada olhando as mãos e escutando os sons da casa. Lá em cima uma porta fechou-se silenciosamente; um passarinho tocou de leve a torre e voou. Na cozinha o fogão estava esfriando com um chiado. Um animal... seria um coelho? se movia nos arbustos perto da pérgula. Podia até ouvir, com sua nova percepção da casa, a poeira flutuando no sótão, a madeira envelhecendo. Só a biblioteca lhe era barrada; não ouvia a respiração funda da Sra. Montague e de Arthur, inclinados sobre a prancheta, nem suas perguntas excitadas; não ouvia os livros se decompondo ou a ferrugem corroendo a escada em caracol. Na salinha ouvia os pequenos ruídos irritados de Theodora e os sons abafados das peças de xadrez ao serem movidas. Ouviu a porta da biblioteca ser aberta com estrondo e o som de passos furiosos vindo para a salinha e então todos viraram quando a Sra. Montague abriu a porta e entrou.

— Francamente — disse a Sra. Montague, branca de raiva. — Francamente, isso é demais...

— Minha cara — o doutor se levantou, mas a Sra. Montague o empurrou com a mão. — Se ao menos você tivesse a decência... — disse.

Arthur, que a seguira timidamente, passou por ela quase furtivamente e sentou em uma cadeira perto da lareira. Quando Theodora se virou para ele, sacudiu a cabeça negativamente.

— Afinal de contas, John, vim até aqui, e Arthur também, só para ajudar, e devo dizer que nunca pensei encontrar tanto cinismo e descrença em *você*, logo *você*, e *esses*... — fez um gesto em direção de Eleanor e Theodora e Luke. — Só o que peço, só o que peço é um mínimo de confiança, um pouquinho de compreensão por tudo que estou tentando fazer, e em vez disso você não acredita, você zomba, você faz pouco. — Arquejante, com o rosto vermelho, sacudiu o dedo para o doutor. — A prancheta — disse com amargura — não quer falar comigo hoje. Nem *uma palavra* consegui arrancar da prancheta; é o resultado de sua zombaria e seu desprezo; possivelmente não vai falar comigo por semanas; já aconteceu isso antes, quando eu a sujeitei a insultos de descrentes; a prancheta já ficou calada por semanas, e o mínimo que eu poderia esperar vindo aqui com a melhor das intenções era um pouquinho de respeito. — Sacudiu o dedo para o doutor, perdendo a fala momentaneamente.

— Minha cara — disse o doutor — tenho certeza de que nenhum de nós iria interferir propositadamente.

— Zombando e fazendo pouco, não é? Duvidando, mesmo com as palavras da prancheta à sua frente? Esses jovens aí, insolentes e desrespeitosos...

— Sra. Montague, realmente... — disse Luke, mas a Sra. Montague passou por ele e foi sentar-se, de lábios cerrados e olhos chamejantes. O doutor suspirou, começou a falar, e parou. Virando as costas à esposa, fez sinal para Luke voltar à mesa de xadrez. Apreensivo, Luke o seguiu, e Arthur, remexendo-se na cadeira, disse em voz baixa a Theodora: — Nunca a vi tão aborrecida. É uma experiência muito desagradável, ficar esperando pela prancheta. Ela se ofende com muita facilidade, é claro. É sensível à atmosfera. —

Achando, aparentemente, que havia explicado bem a situação, recostou-se na cadeira e sorriu timidamente.

Eleanor não estava prestando atenção, preocupada com a agitação na sala. Alguém estava andando de um lado para o outro, pensou sem interesse; Luke estava andando de um lado para o outro na sala, falando baixinho consigo mesmo; que maneira estranha de jogar xadrez! Cantarolando? Cantando? Uma ou duas vezes chegou quase a entender umas palavras, e então Luke falou em voz baixa, estava sentado à mesa de xadrez como antes, e Eleanor virou e olhou para o centro da sala, vazio, onde alguém estava andando e cantando baixinho, e ouviu claramente:

Passeando pelo vale,
Passeando pelo vale,
Passeando pelo vale,
Como já fizemos antes...

Ora, conheço essa canção, pensou, escutando, sorrindo, a fraca melodia; costumávamos brincar disso; eu me lembro.

— É como se fosse uma peça delicada e complexa — dizia a Sra. Montague a Theodora; ainda estava zangada, mas se acalmava com as atenções de Theodora. — A mais ligeira atmosfera de descrença a ofende, naturalmente. Como é que você se sentiria se as pessoas recusassem a acreditarem você?

Entre e saia das janelas,
Entre e saia das janelas,
Entre e saia das janelas,
Como já fizemos antes...

Era uma voz leve, talvez a voz de uma criança, cantando com doçura, bem baixinho, e Eleanor sorriu e recordou, ouvindo a canção mais claramente que a voz da Sra. Montague, continuando a falar da prancheta.

Avance e veja seu amor,

Avance e veja seu amor,
Avance e veja seu amor,
Como já fizemos antes...

Ouviu a melodia se esvaír e sentiu o ligeiro movimento de ar quando os passos se aproximaram dela e alguma coisa quase a tocou no rosto; talvez houvesse um pequeno suspiro contra sua face, e virou espantada. Luke e o doutor se inclinavam sobre o tabuleiro, Arthur se inclinava para Theodora, e a Sra. Montague continuava falando.

Nenhum deles ouviu nada, pensou com alegria; ninguém ouviu a não ser eu.

IX

ELEANOR fechou a porta do quarto cuidadosamente, não querendo acordar Theodora, embora o ruído de uma porta se fechando não incomodasse ninguém, pensou, que dormisse tão profundamente quanto Theodora; aprendi a ter sono leve, disse a si mesma, quando tomava conta de minha mãe. O corredor estava sombrio, só com a pequena luz no patamar da escada, e todas as portas estavam fechadas. Engraçado, pensou Eleanor, andando silenciosamente nos pés descalços pelo tapete do corredor, é a única casa que conheço onde você não tem de se preocupar com fazer barulho de noite, ou pelo menos com alguém ficar sabendo que é você. Acordara com a ideia de ir à biblioteca, e sua mente lhe dera um pretexto: não consigo dormir, explicou a si mesma, e estou indo procurar um livro. Se alguém me perguntar onde estou indo, é à biblioteca procurar um livro porque não consigo dormir.

Fazia calor, um calor mole, sonolento. Foi descalça e em silêncio pelas escadas e até a porta da biblioteca e então pensou: Mas não posso entrar; estou proibida de entrar... e recuou na porta diante do cheiro de decomposição que a deixou nauseada. — Mãe — disse em voz alta, e recuou depressa. — Venha — respondeu — claramente uma voz vinda de cima — e Eleanor virou, ansiosa, e correu para a escada. — Mãe? — disse baixinho, e depois novamente: — Mãe? — Uma risadinha leve flutuou até ela, e correu, sem respirar, pelas escadas acima e parou no topo, olhando as portas fechadas dos dois lados do corredor.

— Você está aqui em alguma parte — disse, e o pequeno eco correu o corredor, deslizando num murmúrio nas pequenas correntes de ar. — Alguma parte — disse o eco. — Alguma parte.

Rindo, Eleanor seguiu-o, correndo sem ruído pelo corredor até a porta do quarto das crianças; o local frio desaparecera e riu para as duas caras que a olhavam. — Você está aí? — murmurou contra a porta — você está aí? — e bateu com os punhos na porta.

— Sim? — Era a Sra. Montague, evidentemente acabando de acordar. — Sim? Entre, seja o que for.

Não, não, pensou Eleanor, cruzando os braços no peito e balançando o corpo e rindo silenciosamente, não aí dentro, não com a Sra. Montague, e voltou pelo corredor, ouvindo a Sra. Montague dizer: — Sou sua amiga; não vou lhe fazer mal algum. Entre e me conte o que a está perturbando.

Ela não vai abrir a porta, pensou Eleanor sabiamente; não tem medo mas não vai abrir a porta, e bateu com os punhos na porta de Arthur e ouviu a exclamação assustada de Arthur ao acordar.

Dançando, sentindo o tapete macio debaixo dos pés nus, chegou à porta atrás da qual Theodora dormia; falsa Theo, pensou, Theo cruel, pérfida Theo, acorde, acorde, acorde, e surrou a porta, rindo, e sacudiu a maçaneta e depois correu ligeira pelo corredor até a porta de Luke, e bateu; acorde, pensou, acorde e seja cruel. Nenhum deles vai abrir a porta, pensou; vão ficar sentados lá dentro, enrolados nos cobertores, tremendo e pensando o que vai acontecer com eles; acorde, pensou, batendo na porta do doutor; eu o desafio a abrir a porta e sair e me ver dançando no corredor da Casa da Colina.

Aí Theodora a assustou, chamando ansiosa: — Nell? Nell? Doutor, Luke, Nell não está aqui!

Pobre casa, pensou Eleanor, eu tinha me esquecido de Eleanor; agora vão ter de abrir as portas, e correu rapidamente escada abaixo, ouvindo a voz do doutor e Theodora chamando: —Nell? Eleanor? Que idiotas, pensou; agora vou ter de entrar na biblioteca. — Mãe, mãe — murmurou: — Mãe — e parou em frente da porta da biblioteca, sentindo-se mal. Ouvia as vozes lá em cima, no corredor; engraçado, pensou, sinto a casa inteira, e ouviu os protestos da Sra. Montague, ouviu Arthur, e depois o doutor, claramente: — Temos de ir à sua procura; depressa, todos vocês.

Ora, eu também posso me apressar, pensou, e correu pelo corredor para a salinha, onde o fogo reluziu um segundo para ela quando abriu a porta, e as peças de xadrez continuavam onde Luke e o doutor as haviam deixado. A echarpe que Theodora usara estava jogada nas costas de uma cadeira; vou cuidar *disso* também, pensou Eleanor, fugiu com as roupas da criada, e colocou uma ponta da echarpe entre os dentes e puxou com força, rasgando, e deixou-a

cair quando ouviu os passos descendo as escadas. Estavam descendo todos juntos, ansiosos, dizendo uns aos outros onde deviam olhar primeiro, chamando de vez em quando: — Eleanor? Nell?

— Venha. Venha — ouviu muito ao longe, em outra parte da casa, e ouviu as escadas sacudindo sob os passos apressados e um grilo saltando no gramado. Audaciosa, alegre, correu pelo corredor até o *hall* e olhou para trás, escondida no portal. Moviam-se com determinação, todos juntos, esforçando-se para não se afastarem uns dos outros, e a lanterna do doutor varreu o *hall* e parou na grande porta de entrada, que estava escancarada. Então, num arremesso, chamando: — Eleanor, Eleanor — atravessaram o *hall* correndo e saíram pela porta da frente, procurando e chamando, a lanterna oscilando de um lado para o outro. Eleanor se agarrou à porta e riu até chorar; que idiotas que são, pensou; é tão fácil enganá-los. São tão lentos, e tão surdos e tão *pesados*; marcham pela casa, cutucando e espreitando e são tão brutos. Correu pelo *hall* e atravessou a sala de jogos e a sala de jantar e de lá foi à cozinha, com todas as suas portas. Aqui é bom, pensou, posso ir em qualquer direção quando os ouvir. Quando voltaram ao *hall* de entrada, chamando por ela, fugiu rápida para a varanda, para a noite fria. Ficou com as costas encostadas na porta, os finos dedos de neblina da Casa da Colina se enroscando nos tornozelos e olhou para as pesadas colinas se inclinando sobre ela. Confortavelmente cercada pelas colinas, pensou, protegida e querida; a Casa da Colina tem muita sorte.

— Eleanor? — Estavam bem perto, e correu então pela varanda e entrou no salão: — Hugh Crain — disse — quer vir dançar comigo? — Fez uma mesura à enorme estátua, cujos olhos cintilaram e brilharam; pequenos reflexos de luz tocaram a figura e as cadeiras douradas, e dançou gravemente diante de Hugh Crain, que a observava, reluzindo. — Entre e saia das janelas — cantou, e sentiu que lhe seguravam as mãos enquanto dançava. — Entre e saia das janelas — e dançou para a varanda e em volta da casa. Estou indo em volta da casa, estou rodando, rodando, rodando e ninguém pode me ver. Tocou uma das portas da cozinha ao passar e a dez

quilômetros de distância a Sra. Dudley, dormindo, estremeceu. Chegou à torre, tão fortemente abraçada à casa, presa incondicionalmente à casa, e passou devagar pelas pedras cinzentas, sem permissão de tocar nem mesmo a parede externa. Virou, então, e ficou diante da porta de entrada; a grande porta estava novamente fechada, e estendeu a mão e a abriu sem esforço. É assim que entro na Casa da Colina, disse a si mesma, e deu um passo à frente como se a casa lhe pertencesse. — Aqui estou — disse em voz alta. — Já dei a volta à casa, entrei e saí das janelas, e dancei...

— Eleanor? — Era a voz de Luke, e pensou: De todos eles, o que menos quero que me pegue é Luke; não deixe que ele me veja, pensou suplicante, e virou e correu, sem parar, para a biblioteca.

E aqui estou, pensou. Estou aqui dentro. Não estava nada frio, e sim deliciosamente, afetuosamente, quente. Estava claro bastante para que pudesse ver a escada de ferro se enroscando até a torre, e a portinhola no topo. Sob seus pés o chão de pedra moveu-se, acariciante, esfregando-se nas solas de seus pés, e ao seu redor o ar macio a tocou, brincando com seus cabelos, flutuando entre seus dedos, soprando de leve ao encontro de sua boca, e ela dançou em círculos. Nada de leões de pedra para mim, pensou, nada de espirradeiras; quebrei o encanto da Casa da Colina e consegui entrar. Estou em casa, pensou, e parou, maravilhada com a ideia. Estou em casa, estou em casa, pensou; agora vamos subir.

Subindo, a estreita escada de ferro em caracol era intoxicante; subindo mais e mais, dando voltas, olhando para baixo, segurando o corrimão fino, olhando o chão de pedra lá embaixo. Subindo, olhando para baixo, pensou na grama verde e macia lá fora e nas colinas ondulantes e nas magníficas árvores. Olhando para cima, pensou na torre da Casa da Colina se erguendo triunfante entre as árvores, majestosamente alta sobre a estrada que passava por Hillsdale e pela casa branca engastada em flores e pelas espirradeiras mágicas e pelos leões de pedra e ia muito, muito longe, até uma velhinha que ia rezar por ela. O tempo acabou, pensou, tudo *isso* já passou e ficou para trás, e aquela pobre velhinha, rezando ainda, por mim.

— Eleanor!

Por um segundo não conseguia lembrar que meles eram (teriam sido seus convidados na casa dos leões de pedra? Jantando na mesa comprida à luz de velas? Teria um deles galopado pela colina verde com os estandartes desfraldados ao vento? E então se lembrou, e eles tomaram os lugares que lhes pertenciam) e hesitou, segurando-se ao corrimão. Eram tão pequenos, tão fracos. Estavam embaixo no chão de pedra e apontavam para ela; falavam com ela, e suas vozes eram urgentes e vinham de muito longe.

— Luke — ela disse, lembrando. Podiam ouvi-la, pois ficaram calados quando falou. — Doutor Montague — disse. — Sra. Montague. Arthur. — Não se lembrava da outra figura, que estava calada e um pouco à parte.

— Eleanor — disse o Dr. Montague —, vire-se com todo cuidado e desça devagar. Bem devagar, Eleanor. Segure bem o corrimão o tempo todo. Agora vire-se e desça.

— O que está fazendo essa criatura? — perguntou a Sra. Montague. Tinha os cabelos enrolados e cobertos por uma rede, e seu roupão tinha um dragão no amplo peito. — Faça com que desça logo para podermos voltar para a cama. Arthur, faça essa moça descer imediatamente.

— Olhe aqui — disse Arthur, e Luke aproximou-se do pé da escada e começou a subir.

— Cuidado, pelo amor de Deus — disse o doutor, enquanto Luke subia sem hesitação. — Está toda enferrujada e se soltou da parede.

— Não vai aguentar os dois — disse a Sra. Montague, positivamente. — Vai cair em cima de nós. Arthur, venha para cá perto da porta.

— Eleanor — chamou o doutor — pode virar e começar a descer bem devagar?

Acima dela havia só a pequena portinhola que levava ao minarete da torre; ficou na plataforma estreita no topo da escada e empurrou a portinhola, mas esta não se mexeu. Bateu nela inutilmente com os punhos, pensando desesperada: Faça com que se abra, faça com que se abra ou eles vão me pegar. Olhando sobre o ombro, viu Luke subindo constantemente, dando voltas e voltas.

— Eleanor — ele disse — fique quieta. Não se mexa — e parecia que estava com medo.

— Não posso escapar, pensou, e olhou para baixo; viu um rosto nitidamente, e o nome lhe veio à mente. — Theodora — disse.

— Nell, faça o que estão dizendo. Por favor.

— Theodora? Não posso sair daqui; fecharam a porta com pregos.

— Ainda bem que está pregada — disse Luke. — Você tem sorte, minha cara. — Subindo, aproximando-se muito devagar, quase chegara à plataforma estreita. — Fique absolutamente quieta — disse...

— Fique absolutamente quieta, Eleanor — disse o doutor.

— Nell — disse Theodora. — *Por favor*, faça o que eles estão dizendo.

— Por quê? — Eleanor olhou para baixo e viu a extensão estonteante da torre abaixo dela, a escada de ferro agarrada às paredes sacudindo e se distendendo sob os pés de Luke, o chão frio de pedra, os rostos distantes, pálidos, virados para ela. — Como é que vou descer? — perguntou ansiosa. — Doutor, como é que vou descer?

— Mova-se bem devagar — ele respondeu. — Faça o que Luke mandar.

— Nell — disse Teodora — não tenha medo. Vai dar tudo certo, vai mesmo.

— Claro que vai dar tudo certo — disse Luke lugubrememente. — É provável que a única coisa que se quebre seja meu pescoço. Segure-se, Nell; vou pisar na plataforma. Quero passar por você para que você desça na minha frente. — Não parecia estar sem fôlego, apesar da subida, mas a mão tremia quando a estendeu para segurar o corrimão e o rosto estava molhado de suor. — Venha — disse asperamente.

Eleanor não se mexeu. — A última vez que você me disse para ir na frente você não me seguiu — disse.

— Talvez empurre você por cima do corrimão — disse Luke — e deixe você se esborrachar no chão. Agora comporte-se e mova-se

devagar; passe por mim e comece a descer. E reze — acrescentou, furioso — para que eu resista à tentação de jogar você lá embaixo.

Timidamente, ela veio ao longo da plataforma e se comprimiu contra a parede dura de pedra enquanto Luke passava cautelosamente por ela. — Comece a descer — disse. — Estarei logo atrás de você.

Precariamente, com a escada de ferro sacudindo e gemendo a cada passo, começou a descer. Olhou a mão no corrimão, branca porque o segurava com tanta força, e os pés descalços se movendo um de cada vez, passo a passo, movendo-se com extrema cautela, mas não olhou mais nem uma vez para o chão de pedra. Desça bem devagar, disse a si mesma todo o tempo, bem devagar, pensando apenas nos degraus que pareciam vergar e curvar sob seus pés, vá muito, muito, muito devagar. — Firme — disse Luke atrás dela. — Calma, Nell, tudo bem, estamos quase lá.

Instintivamente, abaixo dela o doutor e Theodora estenderam os braços, como se estivessem prontos a segurá-la se caísse, e uma vez, quando Eleanor tropeçou e perdeu um degrau, o corrimão balançando ao se segurar, Theodora exclamou e correu para segurar a base da escada. — Tudo bem, minha Nellie — repetiu várias vezes — tudo bem, tudo bem.

— Só mais um pouquinho — disse o doutor.

Arrastando-se, Eleanor deslizou os pés, um passo após outro, e finalmente, quase sem poder acreditar, pisou o chão de pedra. Atrás dela a escada sacudiu e ressoou quando Luke saltou os últimos degraus e cruzou a sala com passos firmes para cair em uma cadeira e ficar de cabeça baixa, ainda trêmulo. Eleanor virou e olhou para o pequeno ponto infinitamente alto onde estivera, para a escada de ferro, empenada e torta e balançando contra a parede da torre, e disse em voz fina: — Eu subi correndo. Subi correndo o tempo todo.

A Sra. Montague avançou com firme propósito do portal onde ela e Arthur se haviam refugiado contra o provável colapso da escada. — Será que alguém aqui concorda comigo — perguntou com grande delicadeza — em achar que essa moça já nos deu bastante trabalho esta noite? Por mim gostaria de voltar para a cama, e Arthur também.

— A Casa da Colina... — começou o doutor.

— Essa tolice infantil certamente destruiu qualquer chance de manifestações *esta noite*, disso tenho certeza. Evidentemente não espero ver nenhum de nossos amigos do além depois desse ato *ridículo*, portanto, se me perdoam, e se têm certeza que acabaram com essa farsa, vou dizer boa-noite. Arthur. — A Sra. Montague marchou para fora da sala, o dragão empinado, tremendo de indignação.

— Luke estava com medo — disse Eleanor, olhando para o doutor e para Theodora.

— Claro que Luke ficou com medo — respondeu ele atrás dela.

— Luke estava com tanto medo que quase não conseguiu descer. Nell, você é uma imbecil.

— Estou inclinado a concordar com Luke. — O doutor estava muito aborrecido e Eleanor desviou os olhos, olhou para Theodora, e Theodora disse: — Suponho que você *teve* de fazer isso, Nell?

— Estou bem — disse Eleanor, e não conseguiu olhar mais para nenhum dos dois. Viu, surpresa, seus próprios pés descalços, percebendo de repente que eles a haviam trazido, insensível, pela escada baixo. Pensou, olhando os pés, e depois ergueu a cabeça: — Vim à biblioteca para pegar um livro — disse.

2

ERA humilhante, uma calamidade. Nada foi dito no café da manhã e Eleanor foi servida com café, ovos e pão exatamente como todos os outros. Permitiram que se deixasse ficar com a xícara de café junto com os outros, observando o sol lá fora, comentando sobre o dia bom que tinham à frente; por uns minutos poderia ter sido persuadida a acreditar que nada havia acontecido. Luke passou-lhe a geléia, Theodora sorriu para ela por cima da cabeça de Arthur, o doutor lhe desejou um bom dia. Então, depois do café, depois da entrada da Sra. Dudley às dez horas, foram sem comentários, um seguindo os outros silenciosamente, para a salinha, e o doutor

tomou sua posição em frente da lareira. Theodora estava usando o suéter vermelho de Eleanor.

— Luke vai buscar seu carro — disse o doutor bondosamente. Apesar de suas palavras, os olhos refletiam consideração e amizade. — Theodora vai subir e fazer suas malas.

Eleanor deu uma risadinha. — Não pode. Não vai ter nada para usar.

— Nell... — começou Theodora e parou e olhou para a Sra. Montague, que encolheu os ombros e disse: — Examinei o quarto. *Naturalmente*. Não posso imaginar por que nenhum de vocês pensou nisso.

— Eu ia... — disse o doutor, contrito — ... mas pensei...

— Você *sempre* pensa, John, esse é seu mal. *Naturalmente* examinei logo o quarto.

— O quarto de Theodora? — perguntou Luke. — Não gostaria de entrar naquele quarto nunca mais.

A Sra. Montague ficou espantada. — Não sei por que não — disse. — Não há nada de errado com o quarto.

— Fui lá e olhei minhas roupas — disse Theodora para o doutor. — Estão perfeitas.

— O quarto está um pouco empoeirado, *naturalmente*, mas o que se pode esperar se vocês trancam a porta e a Sra. Dudley não pode...

A voz do doutor ergueu-se acima da voz da esposa: — ... não posso lhe dizer o quanto lastimo — dizia. — Se há alguma coisa que eu possa fazer...

Eleanor riu. — Mas não posso ir embora — disse, pensando onde buscar palavras para explicar.

— Já ficou aqui o suficiente — disse o doutor.

Theodora a olhou fixamente: — Não preciso de suas roupas — disse, pacientemente. — Não ouviu o que a Sra. Montague disse? Não preciso de suas roupas, e mesmo que precisasse, não iria usá-las agora; Nell, você tem de ir para longe daqui.

— Mas não posso ir embora — disse Eleanor, rindo ainda porque era impossível explicar.

— A senhora — disse Luke sombriamente — não é mais bem-vinda aqui como minha convidada.

— Talvez seja melhor Arthur levá-la de volta para a cidade; Arthur se encarregaria de que chegasse lá sã e salva.

— Chegasse onde? — Eleanor sacudiu a cabeça para todos eles, sentindo o lindo e pesado cabelo em volta do rosto. — Chegasse onde? — perguntou, alegremente.

— Ora — disse o doutor — em sua casa, é claro — e Theodora disse: — Nell, sua casa, seu pequeno apartamento, onde estão todas as suas coisas — e Eleanor riu.

— Não tenho apartamento nenhum — disse a Theodora. — Inventei tudo aquilo. Durmo em uma cama estreita na casa de minha irmã, no quarto da menina. Não tenho lar, não tenho nada. E não posso voltar para a casa de minha irmã porque roubei o carro dela. — Riu, ouvindo suas próprias palavras, tão inadequadas e tão incrivelmente tristes. — Não tenho lar — repetiu, e olhou-os esperançosa. — Não tenho onde ir. Tudo que tenho neste mundo está em uma caixa de papelão no assento de trás do carro. É tudo que tenho, uns livros e coisas que tinha quando era pequena, e um relógio que minha mãe me deu. Então, não podem me mandar para lugar nenhum.

Poderia, é claro, ir rodando por aí, andando, andando, teve vontade de dizer, vendo sempre seus rostos assustados olhando para mim. Poderia ir andando, andando, deixando minhas roupas para Theodora; poderia vagar sem lar, errante, e voltaria sempre aqui. Seria muito mais simples, mais sensato, me deixar ficar, teve vontade de dizer, e mais feliz.

— Quero ficar aqui — disse.

— Já falei com sua irmã — disse a Sra. Montague, com ar importante. — Devo dizer que a primeira coisa que perguntou foi sobre o carro. Uma pessoa muito vulgar; disse-lhe que não precisava se preocupar. Você fez muito mal, John, em deixar que ela roubasse o carro da irmã e viesse para cá.

— Minha cara — começou Dr. Montague, e parou, estendendo as mãos, sem palavras.

— Seja como for, estão à sua espera. A irmã ficou muito aborrecida comigo porque haviam planejado sair de férias hoje, embora por que ficar aborrecida *comigo*... — A Sra. Montague lançou um olhar negro para Eleanor. — Acho que alguém devia levá-la em casa — disse.

O doutor sacudiu a cabeça energicamente. — Seria um grande erro — disse lentamente. — Seria um erro mandar qualquer um de nós com ela. Ela precisa esquecer tudo que diz respeito a esta casa o mais depressa possível; não podemos prolongar essa associação. Uma vez longe daqui, voltará a ser a mesma de antes; sabe como voltar para casa? — perguntou a Eleanor, e Eleanor riu.

— Vou arruinar as coisas dela — disse Theodora. — Luke, vá buscar o carro; só tem uma maleta.

— Sepultada viva em uma parede. — Eleanor começou a rir de novo daqueles rostos de pedra. — Sepultada viva — disse. — Quero ficar aqui.

3

FORMAVAM uma linha sólida ao longo dos degraus da Casa da Colina, guardando a porta. Além de suas cabeças, ela via as janelas olhando para baixo, e de um lado a torre esperava, confiante. Poderia ter chorado, se tivesse conseguido pensar em uma maneira de lhes dizer por que; ao invés, sorriu debilmente para a casa, olhando a sua janela, o rosto da casa, divertido, seguro de si, que a observava silenciosamente. A casa estava agora esperando, pensou, e estava esperando por ela; ninguém a satisfaria. — A casa quer que eu fique — disse ao doutor, e ele a olhou fixamente. Estava em pé muito empertigado e com grande dignidade, como se esperasse que ela o escolhesse em vez da casa, como se a tendo trazido aqui, pensasse que invertendo suas instruções podia mandá-la de volta. Estava precisamente de costas para a casa e, olhando-o com toda honestidade, ela disse: — Sinto muito. Sinto imensamente.

— Vá até Hillsdale — disse em voz pausada; talvez receasse falar demais, talvez pensasse que uma palavra amiga, ou de compaixão,

pudesse trazê-la de volta. O sol brilhava nas colinas e na casa e no jardim e no gramado e nas árvores e no riacho; Eleanor respirou fundo e virou-se, vendo tudo. — Em Hillsdale, entre na Estrada Cinco em direção ao leste; em Ashton encontrará a Estrada Trinta e Nove e essa levará você em casa. Para seu próprio bem — acrescentou com uma espécie de urgência — para sua própria segurança, minha cara; acredite-me, se eu tivesse previsto isso...

— Realmente, sinto muito — ela disse.

— Não podemos correr nenhum risco, sabe, *nenhum* risco. Estou começando a perceber que riscos terríveis fiz vocês todos correrem. Agora... — Suspirou e sacudiu a cabeça. — Não vai se esquecer? — perguntou. — Até Hillsdale, e depois a Estrada Cinco...

— Ouça. — Eleanor ficou calada um instante, querendo dizer a todos eles exatamente como tinha sido. — Não tive medo — disse finalmente. — Não estava realmente com medo. Estou ótima. Fiquei ... feliz. — Olhou gravemente para o doutor. — *Feliz* — disse. — Não sei o que dizer — disse, novamente, com medo de chorar. — Não quero ir embora daqui.

— Poderia acontecer de novo — disse o doutor severamente. — Não entende que não podemos correr esse risco?

Eleanor hesitou. — Alguém está rezando por mim — disse, tolamente. — Uma senhora que conheci há muito tempo.

A voz do doutor era bondosa, mas batia o pé impaciente. — Vai esquecer tudo isso muito breve — disse. — Deve esquecer tudo que diz respeito à Casa da Colina. Fiz muito mal em trazer você aqui — disse.

— Quanto tempo ficamos aqui? — perguntou Eleanor de repente.

— Pouco mais de uma semana. Por quê?

— Foi a única vez que aconteceu alguma coisa comigo. E eu gostei.

— E é por isso — disse o doutor — que você está indo embora daqui.

Eleanor fechou os olhos e suspirou, sentindo e ouvindo e cheirando a casa; um arbusto em flor além da cozinha estava carregado de perfume e a água do riacho corria cintilante sobre as pedras. Muito longe, lá em cima, talvez no quarto das crianças, um

pequeno redemoinho de vento concentrou-se e varreu o chão, levando poeira. Na biblioteca, a escada de ferro balançou e a luz reluziu nos olhos de mármore de Hugh Crain; a saia amarela de Theodora estava pendurada, em ordem e sem manchas, a Sra. Dudley botava a mesa para cinco. A Casa da Colina observava, arrogante e paciente. — Não irei embora — Eleanor disse para as janelas lá no alto.

— Você *vai* embora — disse o doutor, finalmente impaciente. — Agora mesmo. Eleanor riu, e virou, estendendo a mão. — Luke — disse, e ele se aproximou, calado. — Obrigada por ter me tirado de lá ontem à noite — disse. — Fiz uma coisa errada. Sei isso agora, e você foi muito corajoso.

— Fui mesmo — disse Luke. — Foi o maior ato de heroísmo da minha vida. E estou contente por você ir embora, Nell, porque jamais faria isso de novo.

— Bem, a mim me parece — disse a Sra. Montague — que se você pretende ir, é melhor ir de uma vez. Não sou contra despedidas, embora pessoalmente seja de opinião que vocês todos têm uma ideia exagerada deste lugar, mas acho sinceramente que temos coisa melhor a fazer do que ficar aqui discutindo quando todos nós sabemos que você tem de ir. Vai demorar para chegar à cidade, e sua irmã está esperando para sair de férias.

Arthur concordou com a cabeça. — Despedidas lacrimosas — disse. — Não gosto também.

Bem longe, na salinha, a cinza caiu mansamente na lareira. — John — disse a Sra. Montague — acho que seria melhor se Arthur...

— Não — disse o doutor com veemência. — Eleanor tem de voltar como veio.

— E a quem agradeço por uma semana encantadora? — perguntou Eleanor.

O doutor pegou-a pelo braço e, com Luke do outro lado, levou-a até o carro e abriu a porta para ela. A caixa de papelão ainda estava no assento de trás; Luke deixara o motor ligado. —Doutor — disse Eleanor, agarrando-se a ele — doutor.

— Sinto muito — ele disse. — Adeus.

— Dirija com cuidado — disse Luke polidamente.

— Não pode me mandar embora — disse, desesperada. — O senhor me trouxe aqui.

— E estou mandando você embora — disse o doutor. — Não vamos esquecer você, Eleanor. Mas agora a coisa mais importante é *você* esquecer a Casa da Colina e todos nós. Adeus.

— Adeus — disse a Sra. Montague com firmeza, lá nos degraus, e Arthur disse: — Adeus; faça boa viagem.

Então Eleanor, com a mão na porta do carro, parou e virou. — Theo? — disse interrogativamente, e Theodora desceu os degraus correndo e veio até ela.

— Pensei que não fosse se despedir de mim — disse. — Oh, Nellie, minha Nell... seja feliz; por favor, seja feliz. Não se esqueça de mim; algum dia tudo ficará bem, de *verdade*, e você me escreverá cartas e eu responderei e nós iremos nos visitar e nos divertir falando das coisas loucas que fizemos e vimos e ouvimos na Casa da Colina... Oh, Nellie! Pensei que não fosse se despedir de mim.

— Adeus — disse Eleanor a ela.

— Nellie — disse Theodora timidamente, e estendeu a mão para tocar a face de Eleanor — ouça... talvez algum dia possamos nos encontrar aqui de novo? E fazer nosso piquenique perto do riacho? — Nunca fizemos nosso piquenique — disse ao doutor, e ele sacudiu a cabeça, olhando Eleanor.

— Adeus — disse Eleanor à Sra. Montague — adeus, Arthur. Adeus, doutor. Espero que seu livro seja um sucesso. Luke — disse — adeus. E adeus.

— Nell — disse Theodora — por favor, tenha cuidado.

— Adeus — disse Eleanor, e entrou no carro; parecia estranho e sentiu-se pouco à vontade; estou acostumada demais aos confortos da Casa da Colina, pensou, e lembrou a si mesma de acenar a mão pela janela do carro. — Adeus — disse, pensando se jamais houve outra palavra para ser dita: — Adeus, adeus. — Desajeitada, com mãos incertas, soltou o freio de mão e deixou o carro mover-se lentamente.

Acenaram de volta, obedientemente, vendo-a partir. Vão ficar me olhando até me perderem de vista, pensou; é apenas sinal de boas

maneiras ficarem olhando até eu desaparecer, agora eu vou. A jornada termina no encontro dos amantes. Mas *não* vou, pensou, e riu alto consigo mesma; a Casa da Colina não é tão fácil quanto *e/es*; não podem me fazer ir embora só porque me dizem para ir, se a Casa da Colina quiser que eu fique. — Vá embora, Eleanor — cantarolou alto —, vá embora Eleanor, não queremos mais você em nossa Casa da Colina, vá embora, Eleanor, não pode ficar *aqui*; mas eu posso, cantou — mas eu posso; eles não fazem as regras *aqui*. Não podem me mandar embora ou me deixarem de fora ou rirem de mim ou se esconderem de mim; não vou embora, e a Casa da Colina pertence a *mim*.

Percebeu que estava sendo muito esperta quando comprimiu o acelerador com força; não podem correr depressa bastante para me pegar dessa vez, pensou, mas a essa altura devem estar começando a compreender; quem será que vai notar primeiro? Luke, certamente. Estou ouvindo eles me chamarem, pensou, e os passinhos correndo pela Casa da Colina e o som brando das colinas se aproximando. Estou realmente fazendo isso, pensou, e virou a direção para mandar o carro diretamente em cima da grande árvore na curva da estrada, estou realmente fazendo isso, estou fazendo isso sozinha, agora, finalmente; isso sou eu, estou realmente, realmente, realmente, fazendo isso sozinha.

No infinito e estrondoso segundo antes do carro se arremessar contra a árvore, pensou claramente: *Por que* estou fazendo isso? Por que estou fazendo isso? Por que não me impediram?

4

A SRA. SANDERSON ficou profundamente aliviada ao saber que o Dr. Montague e seu grupo haviam deixado a Casa da Colina; ela os teria posto para fora, disse ao advogado da família, se o Dr. Montague tivesse mostrado desejo de ficar. A amiga de Theodora, contrita e apaziguada, ficou encantada de ver Theodora de volta tão cedo; Luke mandou-se para Paris, onde sua tia esperava fervorosamente que ficasse por algum tempo. O Dr. Montague

finalmente afastou-se de pesquisas eruditas ativas depois da recepção fria, quase desdenhosa, de seu artigo preliminar analisando os fenômenos psíquicos da Casa da Colina. A Casa da Colina, nada sã, erguia-se solitária em frente de suas colinas, agasalhando a escuridão em suas entranhas; existia há oitenta anos e provavelmente existiria por mais outros oitenta. Por dentro, as paredes continuavam eretas, os tijolos aderiam precisamente a seus vizinhos, os assoalhes eram firmes e as portas se mantinham sensatamente fechadas; o silêncio cobria solidamente a madeira e a pedra da Casa da Colina, e o que por lá andasse, andava sozinho.

Fim

(*) Um fantasma barulhento; todas as suas manifestações incluem ruídos. (N. do T.)